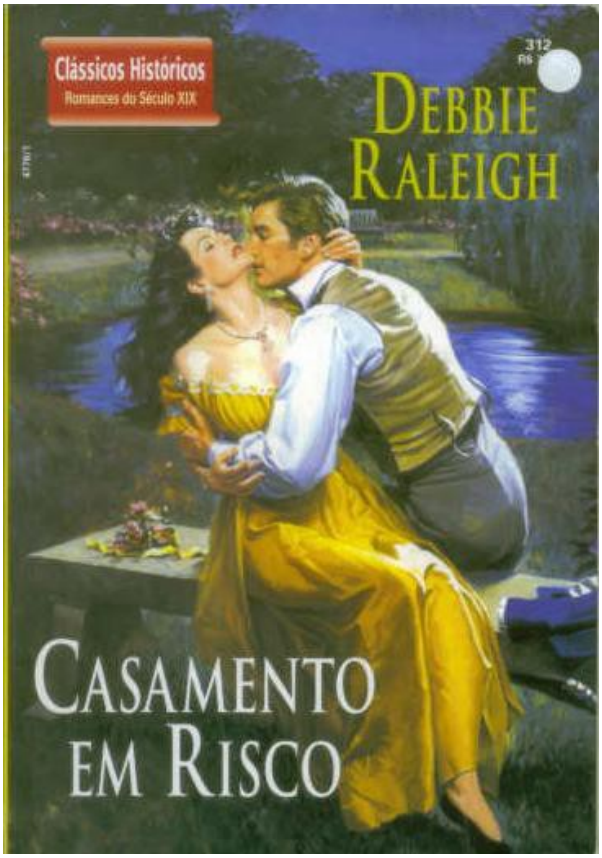
Casamento em Risco
(A Proper Marriage)

Debbie Raleigh
Clássicos Históricos nº 312



Inglaterra, Século XIX

Um pequeno impulso pode vir de onde menos se espera...

Adele sempre fora vivaz e extrovertida.

Mas o casamento com um prestigiado membro do governo confinou-a a uma vida metódica e monótona. As roupas coloridas foram substituídas por trajes sóbrios, tornando-a um modelo de seriedade e decência. Mas aquela imagem austera encobria o desejo secreto de ser arrebatada por um homem atraente e sedutor... um homem que a fizesse vibrar de paixão!

Embora admirasse o comportamento submisso da esposa, Adam sentia falta da jovem alegre que ele conhecera. Até que alguém lhe segredou um sábio conselho: ele teria de ser o primeiro a mudar... porque somente um homem ousado e sedutor conseguiria transformar a recatada Adele numa mulher ardentemente apaixonada!

Série Vicar Humbley

1 – A Proper Marriage — CH 312 – Casamento em risco

2 – A Convenient Marriage — CH 302 – Não é preciso ser bela!

3 – A Scandalous Marriage — CH 323 – Sonho de amor

Debbie Raleigh iniciou sua carreira escrevendo peças teatrais. Depois que escreveu seu primeiro romance de época, não parou mais de criar lindas e emocionantes histórias de amor. Ela mora no Missouri, Estados Unidos, com o marido e dois filhos. Além de escrever, Debbie também dá palestras em escolas sobre a arte e o prazer de ler e escrever.

Digitalizado e Revisado por: Alice Akeru

Querida leitora,

Você vai adorar a história do vigário Humbly que decide ser um mensageiro do Cupido e apaziguar o casamento da irrequieta Adele com o conservador Adam.

Um romance belíssimo!

Leonice Pomponio.

Editora

Copyright © 2002 by Debbie Raleigh

Originalmente publicado em 2002 pela Kensington Publishing Corp.

PUBLICADO SOB ACORDO COM KENSINGTON PUBLISHING CORP.

NY, NY - USA

Todos os direitos reservados,

Todos os personagens desta obra são fictícios.

Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas

terá sido mera coincidência.

TÍTULO ORIGINAL: A Proper Marriage

EDIÇÃO / TEXTO Tradução: Ercília Magalhães Costa

EDITORA Leonice Pomponio

ARTE Ana Suely S. Dobón e Mônica Maldonado

ILUSTRAÇÃO Hankins + Tegenborg, Ltd.

PAGINAÇÃO Dany Editora Ltda.

COMERCIAL / MARKETING Daniella Tucci

PRODUÇÃO GRÁFICA. Sônia Sassi

© 2005 Editora Nova Cultural Ltda.

Rua Paes Leme, 524 – 3º andar - CEP 05424-010 - São Paulo - SP

www.novacultural.com.br

Impressão e acabamento: RR DONNELLEY MOORE Tel.: (55 11)2148-3500

Prólogo

O vigário Humbly, por via de regra, não acreditava em premonições. Era um homem sensato que não dava atenção a maus presságios, tampouco esperava por mensagens miraculosas, vindas do céu. Tais excentricidades não ficavam bem para um simples vigário. Naquela manhã, entretanto, ao receber três cartas, não pôde negar que teve um vago pressentimento que o deixou inquieto.

Três cartas escritas por jovens esposas que vinham ocupando seu pensamento havia diversos meses.

Poderia isso ser um sinal?

O vigário franziu a testa, ao mesmo tempo em que passou a tamborilar um dedo sobre a escrivaninha atravancada.

A primeira vista não havia, em nenhuma das cartas, uma palavra que fosse capaz de suscitar a preocupação do bondoso vigário. Cada carta continha notícias do dia-a-dia da jovem esposa em seu novo lar, comentários sobre a cidade e fazia votos pela saúde e bem-estar do reverendo. Na verdade, ele sempre se preocupara com o destino de Adele, Beatrice e Victoria, por isso achara estranho o fato de as três cartas não revelarem, como seria de se esperar de recém-casadas, uma alegria esfuziante. Em vez disso, as jovens esposas escreveram de modo extremamente formal. A impressão dele era de que cada uma delas ao lhe escrever, tivera o maior cuidado com as palavras, receando expor-se demais.

Daí o motivo da inquietação do vigário.

O pensamento de que as jovens recém-casadas talvez estivessem infelizes deixou contraído seu coração extremamente bondoso.

Ocorreu-lhe que possivelmente cometera um erro ao ignorar as dúvidas que o haviam assaltado antes de ele ter concordado em celebrar os três casamentos. Apesar de cada um desses casamentos ter ocorrido com meses de diferença, ele não podia negar que havia hesitado ao aceitar unir aqueles noivos pelo sacramento do matrimônio. No fundo de seu coração havia receado que alguma coisa não estava bem com os três casais.

O primeiro casamento tinha sido de Adele Morrow com o Sr. Adam Drake. Era evidente que o noivo, cavalheiro formal e metódico, desaprovava o espírito vibrante da noiva. Quanto a Beatrice Chaswell, o vigário temia que se casara com um caça-dotes.

E Victoria Mallory ficara noiva inesperadamente e fora obrigada a se casar com um completo estranho.

Três casamentos realizados por razões diferentes e nenhuma delas era o amor.

Esperando clarear os pensamentos confusos, Humbly deixou a biblioteca Ed foi para o jardim que ficava nos fundos da casa paroquial. Havia poucas coisas mais agradáveis na vida do que Surrey em abril, ele pensou, abaixando-se para tirar as ervas daninhas do canteiro de suas amadas roseiras.

O raro sol da tarde aquecia a brisa suave que soprava generosamente, impregnada com o perfume das flores silvestres. Borboletas adejavam irrequietas sobre a vegetação, traçando em sua dança voltas no ar. Numa pastagem vizinha potros recém-nascidos davam desajeitadamente seus primeiros passos.

Até mesmo a casa paroquial modesta, com seus tijolos vermelhos batidos pelas intempéries e o telhado de ardósia, ganhava uma beleza suave ao brilho dourado do sol da tarde.

Esse era um dia de se agradecer a Deus as bênçãos recebidas, Humbly pensou. E ele tinha muito que agradecer. Uma vida rica, plena de graças, a serviço de Deus. Notável saúde para um homem com mais de sessenta anos. E amigos queridos que sempre enchiam a casa paroquial.

Claro, também não poderia esquecer que em breve estaria deixando suas obrigações de pároco. Iria aposentar-se e passaria a morar numa casa a alguns quilômetros dali. Por fim, teria bastante tempo para cuidar de seu jardim e para se entregar ao prazer de ler os romances que sempre haviam excitado sua imaginação, mas que não lhe pareciam leitura apropriada para um vigário.

Sim, ele deveria, no mínimo, estar bem alegre, reconheceu com um suspiro. No entanto, seus pensamentos estavam naquelas cartas perturbadoras.

Poderia aposentar-se em paz, sabendo que três dos casamentos que ele havia abençoado encontravam-se com problemas?

Não seria seu dever certificar-se de que fizera tudo ao seu alcance para ajudar aqueles fiéis, entregues à sua orientação espiritual?

Humbly suspirou novamente ao perceber uma sombra pairar sobre ele. Olhando para cima, via a governanta, mulher corpulenta, de cabelos grisalhos e expressão severa, de pé, junto dele.

A Sra. Stalwart trabalhava na casa paroquial havia mais de trinta anos. Mantinha tudo na mais perfeita ordem, como se fosse um general experiente, e sabia afastar do vigário aquelas pessoas que procuravam se aproveitar do seu coração enorme e bondoso. Não se passava um dia sem que Humbly dirigisse a Deus uma prece de agradecimento por ter colocado a Sra. Stalwart em sua vida. Ainda que ela tivesse a tendência de ralhar com ele ou de chamar-lhe a atenção, como se tivesse lidando com um menino de seis anos, e não um velho com mais de sessenta.

A cena que se seguiu demonstrou bem a natureza autoritária da Sra. Stalwart. Ela colocou as mãos nos amplos quadris e olhou para o vigário, agachado junto das roseiras.

— Eu tinha certeza de que o encontraria aqui, reverendo Humbly.

— Oh, Sra. Stalwart! — O vigário dirigiu à governanta o mais inocente dos sorrisos. — Já é hora do chá?

— O chá será servido às quatro, como sempre — a Sra. Stalwart resmungou. — Pensei que o senhor fosse passar a tarde na biblioteca separando os livros.

— Sim, era essa a minha intenção, mas num dia tão lindo, resolvi dedicar uns momentos às roseiras.

— Hah. — A esperta mulher não se deixou enganar. — O senhor não quer ficar preso na biblioteca, é isso. Posso cuidar dos livros sozinha?

Humbly estremeceu de horror. A Sra. Stalwart podia ser a melhor das governantas, mas não tinha amor pelos preciosos livros que enchiam as estantes da biblioteca. Se tivesse oportunidade, não hesitaria em colocá-los no fogo mais próximo.

— É claro que não — disse Humbly com firmeza. — Só eu sei quais são os livros que devem ficar na casa paroquial e os que pretendo levar comigo.

A Sra. Stalwart não se deu por vencida. Sugeriu, erguendo uma sobrancelha:

— Nesse caso, faça uma lista. Eu sei ler.

Ignorando os protestos dos joelhos, reverendo Humbly ficou de pé. Era difícil manter um ar de dignidade estando agachado e tendo perto dele uma mulher corpulenta e autoritária, de pé.

— Não vou embora hoje, Sra. Stalwart. O novo pároco só virá dentro de alguns meses. Posso cuidar dos livros com calma.

— Seja como for, não convém deixar tudo para a última hora. Até hoje o senhor não embalou nem um castiçal sequer.

Acostumado com o modo rude da governanta, o vigário simplesmente sorriu.

—Cada coisa no devido tempo, Sra. Stalwart. Devemos apreciar este dia maravilhoso que o Senhor nos deu. O lindo sol, brisa agradável. Seria um pecado desperdiçar tais bênçãos.

— Guarde seus sermões para o púlpito — replicou a mulher, tendo notado as rugas de

preocupação na testa do reverendo. — Não pense que me engana. Eu o conheço muito bem. Quando o senhor começa a tirar as ervas daninhas das roseiras é sinal de que está preocupado.

O rosto gordo do pároco ganhou um leve tom avermelhado. Era desconcertante ser tão previsível.

— Bem, é de se esperar que os idosos tenham preocupações ocasionais, além de dores, indisposição e problemas digestivos. A propósito, espero que a Sra. Graves não se esqueça de preparar tortinhas de limão para o chá. Elas me acalmam o estômago.

A governanta lançou um olhar reprovador para a avantajada cintura do reverendo.

—O senhor quer dizer que essas tortinhas ajudam a lhe arredondar o estômago. Neste ano já mudei os botões do seu colete três vezes. Em vez de tortinhas de limão, terá sanduíches de pepino.

Humbly fez uma careta.

— Judas.

— Voltando ao assunto, eu sei que a sua preocupação não é com seu físico. Notei que ficou pensativo desde a chegada do correio, pela manhã. O senhor está triste porque foi indicado outro pároco para substituí-lo?

— Oh, não! Estou muito feliz com minha aposentadoria. Quero morar na minha casa de campo com meus livros, meu jardim...

— Então, o que o deixou tão desassossegado?

Certo de que a insistente mulher não o deixaria em paz, o vigário citou um dos Provérbios:

— "Cada um será cheio de bens conforme for o fruto de sua boca, e ser-lhe-á dada retribuição conforme as obras de suas mãos".

A governanta franziu a testa.

— O que isso quer dizer?

Humbly encolheu os ombros.

— Talvez seja apenas excentricidade de um velho. Mas não posso deixar a paróquia sem estar perfeitamente em paz com minha consciência. E eu receio ter sido negligente com meus deveres.

— Que absurdo! — exclamou a governanta, indignada. — Durante quarenta anos o senhor nunca descuidou de suas responsabilidades. Quantas noites saiu de casa para confortar os doentes ou moribundos? Quantas vezes andou debaixo da chuva forte para visitar o orfanato? Sou capaz de passar uma descompostura em quem se atrever a acusá-lo de ter faltado com seus deveres.

O pároco sorriu diante da demonstração de lealdade da governanta. Não duvidava que a mulher não hesitaria em acabar com qualquer um que ousasse insultar o vigário diante dela.

— Obrigado, Sra. Stalwart, mas a minha inquietação é de foro íntimo.

— O que é, então?

— Apenas idéias e suposições de um velho. Coisas que eu gostaria de averiguar para ter tranqüilidade de espírito — ele murmurou, o pensamento voltado mais uma vez para as três cartas que havia deixado na biblioteca. Teria ele o direito de se intrometer no que era um sacramento entre um homem e uma mulher? Poderia um simples vigário ajudar um casal, ou será que ele iria causar mais problemas? E ele teria paz de consciência, caso se omitisse, não procurando ajudar um casal possivelmente em crise? Tudo era muito confuso. Entretanto, ele sabia que, no fundo, já havia tomado sua decisão. Se uma das ovelhas do seu rebanho precisava dele, não poderia virar-lhe as costas. — Deus muitas vezes pode precisar de nossa ajuda para expressar Sua Vontade.

— Isso quer dizer que o senhor não pretende separar aqueles livros para encaixotá-los?

— Não se afobe. Cuidarei deles assim que eu voltar.

— Voltar? Aonde o senhor vai?

Humbly refletiu por um momento. Precisava ter planos organizados. Adele e Adam iam completar um ano de casados. Começaria com eles.

— Irei a Londres — declarou com firmeza.

— Londres? — a Sra. Stalwart repetiu, chocada. O vigário raramente se afastava da paróquia mais do que alguns quilômetros. Ele acreditava firmemente que seu lugar era com seus paroquianos, e não se divertindo, fazendo visitas a vizinhos mais elegantes. — Creio que tomou muito sol nessa cabeça, reverendo. Convém retornar à biblioteca e eu lhe servirei o chá.

Não querendo iniciar uma discussão sobre os perigos de Londres, o vigário sorriu.

— Por favor, não se esqueça das tortinhas de limão.

— Sanduíches de pepino — ela corrigiu-o. Virando-se, caminhou a passos largos e decididos para a casa paroquial.

Analisando com cuidado os numerosos detalhes que teriam de ser observados para que a viagem a Londres fosse bem-sucedida, ele tirou do bolso o guardanapo no qual estava enrolada uma das pequenas tortas de limão que havia tirado da cozinha.

Em Londres, pelo menos, estaria livre para comer doces sem ser vigiado, pensou com um sorriso. Tendo decidido o que fazer, só lhe restava pedir a Deus que o iluminasse para não causar ao casal mais mal do que bem. Afinal, tinha pouquíssima experiência em representar o papel de Cupido.

Capítulo I

Adam Stonewell Drake era reconhecidamente um cavalheiro de grande presença. Elegante, atraente, com um metro e oitenta de altura, farta cabeleira negra com as têmporas começando a ficar grisalhas, olhos cinzentos, frios e penetrantes, capazes de fazer com que um mortal mais atrevido tremesse de inquietação.

Mas não era apenas seu nobre porte ou sua perfeição física que criavam essa imagem de impressionante força e poder. Adam era também inteligente, educado, e exigia ordem e precisão em tudo que fizesse. Que Deus se apiedasse daquele que fosse tolo o bastante para interferir no seu rígido e exato esquema de vida.

Adam pouco se importava com sua reputação de homem severo e inflexível.

Era verdade que ele fazia questão de uma casa bem administrada, funcionando como se fosse uma máquina bem lubrificada. Exigia dos criados ordem, eficiência e método. Também mantinha um planejamento detalhado para suas atividades diárias. Um homem assim certamente não tinha paciência com pessoas frívolas que desperdiçavam seu tempo com assuntos fúteis como moda e mexericos. Tais veleidades, na sua opinião, indicavam fraqueza de caráter. Entretanto, Adam Drake não se considerava um homem severo e inflexível.

Ou, pelo menos, não pensava assim nas últimas semanas, reconheceu com expressão sombria.

Ele empurrou para o lado o horário com as atividades do dia que terminara de fazer, recostou-se no espaldar da cadeira e colocou as mãos sobre a escrivaninha envernizada, reluzente

como espelho.

Estava em sua biblioteca como fazia todas as manhãs. Aquele cômodo, com estantes cheias de livros e fina mobília de mogno, causava-lhe uma sensação de sólida segurança. Era ali que ele mantinha sua vasta coleção referente à história militar, sua grande paixão desde os tempos de Oxford. Tinha sido essa paixão que o levara a ocupar seu cargo atual no Departamento de Guerra, onde podia contribuir para o ministério com seu extraordinário conhecimento de estratégias bélicas.

Naquela manhã, entretanto, seu olhar não se deteve nos livros raros, encadernados com couro, ou nos grandes mapas cuidadosamente enrolados e dispostos com ordem sobre uma mesa envernizada. Em vez disso, ele refletia sobre a gélida tensão que reinava em sua casa, no centro de Londres.

Ele havia esperado que, depois de casada, Adele Morrow mudasse um pouco, adaptando-se ao modo de vida do marido. Para duas pessoas de temperamentos tão diferentes, era indispensável que cada uma procurasse se ajustar ao modo de ser da outra se quisessem viver em harmonia e na mesma casa. Mas, enquanto ele estava preparado para enfrentar ocasionais desentendimentos ou até as inevitáveis brigas e discussões, fora surpreendido pela perturbadora frieza que se tomara cada vez mais pronunciada entre ele e a esposa.

"Inferno", praguejou mentalmente, tamborilando os dedos sobre a escrivaninha.

Era decepcionante constatar que seu enorme conhecimento de estratégias de guerra não o estava ajudando a planejar uma estratégia para o sucesso de seu casamento.

Tinha certeza de que era indispensável orientar Addy e explicar-lhe o que ele esperava de sua esposa. Certamente era melhor deixar as regras básicas bem claras, ele se convencera disso.

Assim, ele fizera à esposa uma preleção sobre a conduta decorosa de uma jovem lady, chegando ao extremo de organizar uma lista meticulosa de atitudes e comportamentos, tanto dos considerados corretos como dos impróprios.

Afinal, Addy pertencia a uma família reconhecidamente escandalosa. Lorde Morrow era um libertino e bêbado que merecia o desprezo da sociedade. Lady Morrow, por sua vez, não era muito melhor, com sua mania excêntrica de pintar homens nus, os quais recebia em sua sala íntima. Até mesmo o irmão mais velho de Addy conseguira ser alvo de maledicência quando montara uma casa para a amante, uma condessa casada e com cinco filhos.

Como poderia ele, um marido zeloso e extremamente correto, não se preocupar com a esposa que nascera e crescera recebendo tão perniciosas influências?

Acrescentava-se a isso o fato de o seu casamento com Addy não se basear na afeição mútua, uma vez que tinha sido arranjado anos atrás pelos respectivos avós.

Addy era uma jovem de beleza extraordinária, cuja natureza impulsiva e temperamento tempestuoso ele sempre condenara. Uma pessoa assim corria o risco de envolver-se num escândalo sem perceber o dano que isso poderia causar à sua honra e à do marido, bem como para a posição social de ambos. Diante disso, Adam sentia-se no dever de evitar um desastre antes que fosse tarde demais.

Todas essas considerações eram racionais e justas. Infelizmente, ele havia calculado mal os efeitos de seus esforços bem-intencionados.

Addy tornara-se, de fato, um modelo de mulher recatada. Sua natureza audaciosa, chamativa e vivaz, tinha sido inteiramente dominada. Ela trajava-se com sobriedade, os cabelos negros e cacheados eram mantidos presos, formando um coque, e ela raramente saía de casa.

Tal atitude era precisamente o que Adam desejava; no entanto, não podia negar que sob a fria serenidade um profundo ressentimento existia em condição latente no coração da esposa. Um ressentimento que erguia uma barreira entre os cônjuges e que, para surpresa de Adam, causava-lhe desconfortável sensação de culpa.

Ainda mais surpreendente era a descoberta de que lamentava o fato de Addy ter perdido

aquele contagiante amor pela vida. Uma coisa era querer que a esposa se comportasse de acordo com sua posição, outra muito diferente era vê-la perder gradualmente sua vivacidade, tornando-se, bem diante dos olhos dele, mera sombra do que tinha sido quando se casaram.

Uma batida na porta pôs fim a seus pensamentos sombrios. Olhando para o relógio dourado sobre a cornija da lareira, Adam constatou que eram precisamente nove horas. E, às nove, todas as manhãs, ele e Addy se reuniam.

Embora ele suspeitasse que a esposa considerava a reunião diária como uma criança relutante obrigada a enfrentar um pai dominador, ele continuava a insistir que ela viesse à presença dele. Não que pretendesse criar maior animosidade entre eles, Adam pensou, aborrecido. Só Deus sabia como ele ficava gelado perto da esposa. Mas, quem sabe tolamente, ele continuava a alimentar a leve esperança de que eles poderiam, um dia, manter um relacionamento mais íntimo.

Addy era sua esposa. Eles estavam unidos pelos laços sagrados do matrimônio e deviam ficar juntos nos momentos felizes ou tristes. Adam não acreditava que ele poderia suportar durante cinqüenta anos aquela espécie de "acordo de paz".

Esforçando-se para suavizar sua expressão e assumindo um ar gentil, ele observou Addy que estava entrando na biblioteca. Obediente, ela sentou-se na cadeira colocada na frente da escrivaninha. Usava naquela manhã um vestido cor-de-cinza e tinha os cabelos severamente puxados para o alto da cabeça e presos, formando um coque. Apenas um pesado bracelete de ouro emprestava-lhe um colorido. Um bracelete que tinha sido presente do pai desprezível. Adam reprimiu um suspiro ao notar a palidez no lindo rosto e as olheiras sob os olhos negros.

Céus, quem a visse iria imaginar que ele lhe dava pelo menos uma surra por dia.

— Bom dia, Addy — cumprimentou-a, esforçando-se para sua voz soar amável. — Dormiu bem?

Ela cruzou as mãos sobre o colo e, relutante, olhou para o marido.

— Muito bem, obrigada.

Sempre a observando, Adam percebeu também que o rosto dela tornava-se cada vez mais fino.

— Você me parece um tanto pálida. Espero que não esteja resfriada. O tempo nesta primavera está realmente imprevisível.

— Não se preocupe. Sempre fui uma pessoa forte e saudável. E certamente não irei adoecer por causa das chuvas da primavera.

Adam esboçou um sorriso triste.

— Sim, lembro-me de que você gostava de andar na chuva, com os pés descalços, os cabelos soltos nas costas.

— Quando mais jovem eu era mesmo muito travessa — replicou Addy meio constrangida, imaginando que o marido a censurava por ter sido uma moça estouvada. — Asseguro-lhe que não ando mais na chuva, com ou sem sapatos.

Adam ficou sério. Droga! O que ele devia fazer para não deixá-la sempre na defensiva?

— Claro, eu sei que você tornou-se uma senhora de maneiras irrepreensíveis.

— E não era isso que você queria?

— Sim, é verdade. — Ele fez uma pausa, depois se inclinou, apoiou os braços na escrivaninha e olhou para Addy com crescente frustração. — Entretanto, eu jamais quis vê-la transformada numa sombra de si mesma, também não quero que você fique nesta casa como se fosse uma prisioneira. O que pretende fazer hoje?

Addy ergueu o queixo, seu modo familiar de colocar-se na defensiva.

— Devo falar com a cozinheira para verificar o cardápio e dar ordens para que as roupas dos armários fiquem arejadas.

— Essas tarefas podem ser deixadas para outra ocasião. Não gostaria de sair um pouco?

— Aonde eu iria? Conheço poucas pessoas em Londres.

— Há diversos lugares interessantes na cidade. Você poderia ir à Torre de Londres, ou à Catedral de São Paulo. Ou talvez você prefira passar a tarde no museu.

— Sozinha? Isso não seria mais do que estranho para o resto da sociedade? — Addy questionou.

Adam suspirou alto.

— Tem razão, naturalmente — ele concordou, lembrando-se de que usava sempre seu serviço no Departamento de Guerra como desculpa para abandonar a esposa. Ela, por outro lado, não escondia que apreciava bastante a ausência dele. — Vou reorganizar minha agenda para ficar livre no fim de semana. Assim poderemos fazer um ou mais passeios juntos. Reconheço que tenho sido negligente. Eu já devia tê-la apresentado a algumas senhoras que a incluiriam em suas atividades de lazer ou beneficentes. Mas não é tarde para fazer isso.

A intenção de Adam era desculpar-se, porém Addy ficou de pé.

—Não é necessário, Adam. Eu sei que você é muito ocupado.

— Está querendo dizer que você prefere que eu nem mesmo faça um esforço...

— Estou querendo dizer que você não tem tempo. — Addy forçou um sorriso. — E agora, se me der licença, vou falar com a Sra. Hale.

Adam abriu a boca para argumentar, mas desistiu. Será que ela nunca cedia um pouquinho que fosse? Ele abanou a cabeça, desanimado. Aprendera que pressionar Adele Morrow só servia para afastá-la dele ainda mais.

— Está bem. Eu a verei ao jantar.

Ele a seguiu com o olhar até vê-la sair da biblioteca, fechando a porta. Pegou novamente o horário. Perdera a manhã com arrependimentos inúteis. Addy demonstrara que não aceitava as tentativas de paz que ele oferecia. Portanto, nada havia que ele pudesse fazer pelo bem do casamento de ambos.

Enquanto isso, milhares de soldados dependiam dos esforços de Departamento de Guerra para cumprir bem sua missão e voltarem para casa sãos e salvos. Era uma responsabilidade que não podia ser vista com descaso. E ele tinha o dever de realizar seu trabalho empregando todo o seu talento.

Rapidamente Adam terminou o horário e verificou a correspondência. Uma hora depois, satisfeito por ter conseguido concluir seu trabalho, arrumou a escrivaninha, guardou a pena e ia levantar-se quando foi interrompido pelo mordomo. O homenzinho formal, de rosto magro, entrou na biblioteca e curvou-se diante do patrão.

— Desculpe-me, sir. O vigário Humbly deseja vê-lo.

Adam levou um choque. O vigário Humbly? Em Londres?

Bom Deus, ele conhecera o abnegado pastor a vida inteira e nunca ouvira dizer que ele se afastara da paróquia mais do que algumas dezenas de quilômetros. Podia apostar sua última libra esterlina como Humbly nunca havia passado mais do que uma noite fora da casa paroquial.

— Faça-o entrar, Chatson — Adam ordenou.

— Perfeitamente, sir.

Adam levantou-se e ficou na frente da escrivaninha esperando pelo vigário Humbly que não via desde seu casamento, lembrou com um ligeiro aperto no peito.

Minutos depois, o mordomo estava de volta com um cavalheiro baixo e gordo. Adam sorriu para o amigo. O reverendo Humbly usava casaco preto amarrotado e os poucos cabelos grisalhos estavam em desalinho. Era incrível como o piedoso vigário dava sempre a impressão

de que andara rastejando sob arbustos.

— Seja bem-vindo, reverendo Humbly! — Adam adiantou- se e apertou a mão do visitante inesperado.

— Obrigado, Adam. Espero não estar atrapalhando. — Humbly sorriu e levou automaticamente a mão à gravata amassada.

— É claro que não. Mas confesso que estou surpreso com sua visita.

O vigário mostrou-se confuso.

— Você não recebeu minha carta? Que estranho. Coloquei-a no correio antes de sair de Surrey. Bem, a mala-postal não é confiável como deveria ser. Desculpe-me por chegar a sua casa dessa maneira.

— Não há o que desculpar — tornou Adam. Estava muito feliz por rever o velho amigo. Apesar de seu jeito distraído e até ingênuo, Humbly possuía extraordinária habilidade para atingir diretamente a verdade de uma questão. — Espero que fique conosco durante esta sua visita a Londres. Tenho certeza de que Addy ficará muito feliz em revê-lo.

— Bem, não quero incomodar. Embora eu seja um homem sozinho, sei que recém-casados preferem ter privacidade.

Adam fez um trejeito involuntário, porém mais do que revelador.

— Não se preocupe. Addy vai adorar ter um hóspede. Por favor, sente-se.

Com um olhar penetrante fixo no amigo, o vigário sentou-se pesadamente numa poltrona. Adam rapidamente assumiu uma expressão tranqüila e encostou-se na escrivaninha.

— Espero que tenha feito uma boa viagem a Londres.

— Na verdade, não. Foi uma viagem horrível. Muito demorada. A diligência parou em todas as estações de muda, mesmo nas mais sórdidas. Não tive uma refeição decente e, ainda por cima, perdi meu melhor chapéu e pelo menos uma de minhas gravatas. — Humbly sacudiu a cabeça. — A Sra. Stalwart certamente me repreenderá quando eu voltar para a casa paroquial. Ela não entende que é natural alguém perder algo que lhe pertença.

Adam não conseguiu disfarçar um sorriso ao lembrar-se da corpulenta e severa viúva que cuidava de tudo na casa paroquial e controlava a vida do pobre Humbly.

— Talvez o senhor tenha a oportunidade de comprar outro chapéu e também uma gravata.

— Bem lembrado — o vigário aprovou a sugestão, muito feliz. — Sim, é exatamente o que farei.

— Se eu soubesse que o senhor pretendia vir a Londres, eu teria mandado minha carruagem ir buscá-lo. Mas, qual o motivo que o trouxe a esta cidade?

— Devo tratar de alguns assuntos com o bispo. — Humbly abanou a mão gorda. — Talvez você não saiba, mas vou-me aposentar em breve.

Adam surpreendeu-se. Brenville sem o vigário Humbly? Isso era impossível de se imaginar.

— Não, eu não sabia. Será uma triste perda para Brenville. O vigário sorriu satisfeito.

— Obrigado pela consideração, Adam. Mas estou certo de que o novo vigário será uma bênção. Trata-se de um homem enérgico e parece determinado a pôr a igreja em ordem. Meu bondoso Deus sabe que nunca fui eficiente com os registros e documentos. Reconheço que os papéis estão a maior desordem. — Os olhos castanho-dourados subitamente se arregalaram. — Falando nisso, o novo pároco lembra você, Adam. É um homem extremamente prático e organizado.

Adam mostrou-se tenso.

— Ele merece minha admiração e minha simpatia.

— Ah! — Humbly piscou, surpreso.

Adam encolheu os ombros e, afastando-se da escrivaninha, foi até a janela que se abria para o jardim dos fundos da casa.

— Começo a compreender que esse meu apego a horários rígidos e minha mania de ordem acabou por tornar-me um indivíduo maçante.

— Tolice — Humbly protestou com sinceridade. — Você é um homem responsável e de grande valor.

— Nem todos pensam assim — observou Adam olhando distraidamente para as roseiras que começavam a florescer.

— Bem, não podemos contentar todas as criaturas de Deus.

— Não, suponho que não. — A imagem de Addy tão pálida e infeliz surgiu na mente do marido.

Como se pudesse ler o pensamento do amigo, Humbly limpou a garganta e perguntou:

— Como vai Addy? Fale-me sobre ela.

— Ela está bem — Adam forçou-se a dizer, voltando-se para o visitante que o olhava de modo curioso.

— Suponho que ela tenha deixado todos encantados aqui em Londres. E certamente está fazendo o maior sucesso. Addy é uma criatura adorável e cheia de entusiasmo.

— Na verdade, não temos tido muita vida social. Estou sempre muito ocupado no departamento.

O vigário mostrou-se um pouco embaraçado, como se ele tivesse tocado inadvertidamente num ponto sensível.

— Claro, é natural que você tenha pouco tempo disponível para coisas fúteis. Isso é perfeitamente compreensível.

— Para dizer a verdade, comecei a perceber que tenho sido negligente com minha esposa. Eu devia tê-la apresentado a amigos. Também devíamos freqüentar a sociedade — Adam admitiu. — Sua visita será uma oportunidade perfeita para eu corrigir essa falta de atenção para com minha esposa.

— Você não deve mudar suas atividades rotineiras, muito menos suas obrigações por minha causa.

— Essa mudança já devia ter sido feita há algum tempo. Falarei com o primeiro-ministro. Lorde Liverpool não ficará satisfeito, claro, mas tenho certeza de que o departamento conseguirá fazer o que precisa ser feito sem a minha constante presença.

Chegou até eles o com de passos, em seguida a eficiente governanta entrou na biblioteca com uma pesada bandeja e colocou-a sobre a mesa, perto do vigário.

— Aqui está, sir. Achei que seu visitante apreciaria um refresco. — disse a mulher alegremente.

— Obrigado, sra. Hale. Por favor, informe minha esposa que temos visita.

— Perfeitamente, sir.

A governante deixou a biblioteca e Adam indicou a bandeja com delícias que enchiam o cômodo de um aroma tentador.

— Sirva-se, reverendo Humbly.

— Obrigado. Aceito uma xícara de chá. — Inclinando-se, o vigário serviu-se do chá e então exclamou, maravilhado:— Oh, mas essa ali não são tortinha de limão?

Adam sorriu.

— Sim. E afirmo que são muito gostosas.

— Que beleza. — Reverendo Humbly colocou várias tortinhas num prato e, depois de experimentar uma delas, fechou os olhos. — Ah, realmente, são deliciosas.

Adam manteve-se em silêncio esperando que o amigo saboreasse as delicadas tortinhas de massa folhada. Aqueles doces eram, sem dúvida, um regalo para o vigário.

Por fim, Addy entrou na biblioteca.

— Você queria falar comigo?

— Sim. — Adam ficou ao lado da esposa. — Como pode ver, recebemos a visita de um amigo muito querido.

Virando-se, Addy notou o robusto cavalheiro que no momento erguia-se da poltrona. Um largo sorriso iluminou-lhe o rosto e ela correu para abraças o vigário.

— Reverendo Humbly!

— Addy, minha querida, é um prazer revê-la.

— Que agradável surpresa, reverendo.

— Bem, a minha intenção não era fazer-lhes uma surpresa. — O reverendo deu um sorriso meio sem graça. — Vocês não receberam a carta que escrevi avisando-os da minha visita. Espero não lhes causar nenhum contratempo.

— O senhor sabe que é sempre bem-vindo em nossa casa.

— É muita bondade sua. — o vigário afastou-se um pouco e analisou Addy. — Oh, você está diferente. Tornou-se uma senhora sofisticada. Não se parece em nada com a jovem com aparência de cigana que vi partindo de Surrey.

Sempre atento à reação da esposa, Adam notou que ela contraiu-se ao ouvir as palavras gentis do reverendo.

— O senhor deve cumprimentar Adam pela mudança operada em mim. É ele quem escolhe meu guarda-roupa — Addy murmurou.

Embora tivesse percebido a tensão no ar, o reverendo simplesmente sorriu com bondade.

— Bem, ele sempre teve bom gosto. A prova disso é que escolheu você como esposa.

— É verdade — concordou Addy forçando um sorriso.

Não desejando envolver o reverendo nos seus problemas conjugais, Adam observou:

— Eu estava dizendo a nosso hóspede que devemos ter mais vida social. Portanto, eu gostaria que você tivesse a bondade de verificar, entre todos os convites que recebemos, quais se riam do agrado do reverendo Humbly.

Os olhos negros brilharam, surpresos.

— Imaginei que sua agenda estivesse cheia demais e não podíamos aceitar nenhum convite.

— Conversarei com lorde Liverpool ainda hoje. Tenho certeza de que conseguirei uma ou duas tardes livres durante a semana.

Addy encolheu os ombros.

— Se é o que você quer...

— Obrigado. — Adam voltou-se para o reverendo e curvou-se. — Lamento, mas tenho de ir para o departamento. Fique à vontade, Humbly.

— Sim, claro. E muita gentileza sua.

— Virando-se, Adam pediu à esposa:

— Addy, posso falar com você um instante?

— Naturalmente.

Em silêncio, ela saiu com o marido para o corredor e desceram juntos a escada até o hall, onde se detiveram.

— Preciso ter certeza de que a visita do reverendo Humbly não exigirá excessivo esforço de sua parte — disse Adam olhando firmemente para o rosto pálido da esposa.

O cuidado do marido causou verdadeira surpresa a Addy.

— Estou muito feliz com a chegada do reverendo Humbly. Não será trabalho nenhum entretê-lo e proporcionar-lhe uma estada feliz em Londres.

— Tem certeza? Se quiser, posso pagar-lhe um ótimo hotel.

Addy sacudiu a cabeça com firmeza.

— Não! É um prazer ter em casa uma pessoa amiga e tão bondosa quanto o reverendo.

Foi muito fácil para Adam se convencer de que a esposa estava feliz com a visita do vigário. Nos olhos dela havia um brilho raro, como há tempos não via.

Ele ergueu a mão e tocou o rosto dela. O gesto não era um carinho, mas apenas um modo de ele observar qual seria a reação dela a seu toque. Como já esperava, ela encolheu-se. Adam sabia por amarga experiência que Addy considerava a relação íntima de ambos mero dever que ela suportava com silenciosa dignidade.

— Addy, reconheço que tenho sido negligente — ele confessou, constrangido. — Na verdade, nunca imaginei que você pudesse sentir-se solitária, isolada e infeliz em Londres.

— Você está sempre muito ocupado.

— Sim. Talvez ocupado demais — ele admitiu secamente. Será que a vida conjugal seria diferente se ele não tivesse sucumbido às pressões do Departamento de Guerra? Impossível saber. — Hoje falarei com lorde Liverpool.

— Não é preciso, Adam. Estou certa de que o pastor Humbly e eu teremos muito com que nos distrair.

Os lábios de Adam se comprimiram, evidenciando seu aborrecimento.

— Não duvido. O reverendo Humbly mal chegou a esta casa e já conseguiu o que eu, em vão, há meses tenho me esforçado para conseguir.

— O quê? — Addy indagou, confusa.

— Ele trouxe um sorriso para seu rosto e brilho para seus olhos. — Ele curvou-se. — Até a noite. Estarei em casa para o jantar.

Virando-se, ele pegou o chapéu e as luvas que estavam sobre uma mesa lateral e caminhou para a porta.

Ele, um cavalheiro que se orgulhava de sua serenidade e inabalável compostura, nessa manhã sentia-se abalado e inseguro.

Depois que Adam saiu, Addy ficou de pé, no hall, durante vários minutos. Se não conhecesse bem o marido, poderia afirmar que ele estava zangado ao despedir-se dela.

Mas isso era impossível.

Adam jamais se zangava. Ele sempre mantinha a calma, era sempre frio e nunca perdia aquele seu ar autoritário.

Naqueles meses de casados ele jamais perdera a calma ou erguera a voz.

Ela chegara a se convencer de que o marido simplesmente não possuía emoções. Ou, pelo menos, as mantinha enterradas tão profundamente que elas não conseguiam aflorar e passar além da perfeita compostura de Adam.

Que desanimadora descoberta para uma mulher alegre, emotiva e de temperamento inconstante.

Addy abanou a cabeça e subiu a escada devagar.

Sabia ao se casar com Adam que ele era um cavalheiro reservado e metódico. Também não ignorava que ele não apenas desaprovava totalmente a família dela, como condenava suas

maneiras nada convencionais para uma jovem que pertencia à nobreza. Ela devia ter imaginado que, assim que se casassem, Adam iria exigir que ela vivesse de acordo com as rígidas regras impostas por ele. Outra coisa que devia ter previsto era que Adam iria mantê-la em segundo plano, negligenciada mesmo, ao passo que ele continuaria a viver como no tempo em que era solteiro. Como se a vida não tivesse mudado.

Se pelo menos seu pai não tivesse sido tão extravagante a ponto de perder toda a fortuna... Ou, o que era ainda pior, se ele não tivesse tomado tanto dinheiro emprestado, contraindo assim pesadas dívidas, na esperança de que a filha se casasse com Adam, um homem tão rico... Addy suspirou.

Se, pelo menos...

Subitamente ela afastou os pensamentos e desejos inúteis.

A realidade era que não lhe restara alternativa senão se casar com Adam. Portanto, sendo uma pessoa inteligente, devia tentar viver com o marido da melhor forma possível. Mas agora não era o momento de afligir-se por causa de problemas conjugais. Com isso em mente, entrou na biblioteca.

— Por favor, sente-se — pediu ao reverendo e sentou-se no sofá, na frente dele.

Estava realmente feliz com a visita do reverendo Humbly. Sua magnanimidade e a natureza bondosa tinham o dom de levantar-lhe o ânimo e de devolver-lhe a alegria.

— Peço-lhe desculpas por chegar inesperadamente a sua casa — disse o reverendo ocupando novamente sua poltrona. — Não entendo o que aconteceu com minha carta.

— Que tolice. Nem pense mais nisso. Estou muito feliz com sua visita, reverendo Humbly. E agora eu gostaria que me desse notícias de Brenville.

— Em primeiro lugar quero saber como você está, minha filha.

Addy não conseguiu controlar a tensão crescente que tomou conta dela. O que menos desejava era revelar ao reverendo como era sua vida de casada.

— Como eu poderia estar, reverendo Humbly, a não ser muito feliz? — respondeu, tentando imprimir na voz uma alegria que estava longe de sentir. — Tenho várias casas, além desta que é maravilhosa, os criados são numerosos e perfeitos e recebo de meu marido uma mesada mais do que generosa. A maioria das mulheres invejaria a minha posição.

Os olhos castanho-dourados mantiveram-se firmes, perscrutadores, fixos no rosto de Addy.

— Você não é como a maioria das mulheres, Addy, e nunca deu importância a essas tolices que acaba de mencionar. Eu a vi, sim, muito feliz, diante do cavalete e de uma tela, criando suas obras de arte e toda suja de tinta.

Lágrimas ridículas brotaram nos olhos negros e Addy baixou as pálpebras orladas de cílios espessos para esconder sua fraqueza momentânea.

— Como esposa de um consultor do Departamento de Guerra não ficaria bem andar suja de tinta. Tenho de pensar na minha posição atual.

As grossas sobrancelhas grisalhas arquearam-se.

— Você não pinta mais? — o reverendo indagou, surpreso.

— Não.

— Oh. — A expressão do vigário tornou-se pesarosa. — Que grande decepção.

— Por que diz isso? — Addy indagou, surpresa com a estranha reação do amigo.

— Bem, eu tinha esperanças de que... Não. Perdoe-me. Sou um velho tolo.

Addy inclinou-se para frente, intrigada.

— Por favor, reverendo Humbly, termine o que ia dizer.

O vigário mostrou-se constrangido e abanou a mão.

— Segundo uma antiga tradição, todos os vigários de Brenville deixam seu retrato na igreja quando se aposentam. Eu tinha esperanças de que você concordaria em pintar o meu.

O pedido pegou Addy desprevenida.

— Um retrato seu pintado por mim? Mas eu sou apenas uma troca-tintas. E, certamente nunca aprendi técnicas de pintura, muito menos a pintar retratos.

— Ah, mas você tem um talento único, dado por Deus — ele falou com firmeza. — Eu ficaria muito honrado se você aceitasse retratar-me.

Curiosamente emocionada pela manifesta confiança do reverendo no seu talento duvidoso, Addy enrubesceu, confusa.

— Oh, não sei...

— Por favor, Addy — insistiu o vigário com expressão lisonjeira. — Eu não gostaria de recorrer a um estranho que seria bem capaz de acrescentar um pouco de distinção a este rosto sem graça. Ou, pior ainda, de me pintar de algum modo pretensioso. Eu quero apenas um retrato simples, feito por alguém que me conheça e que seja de minha inteira confiança.

Addy ficou indecisa. Até o momento não tinha percebido quanto a pintura lhe fazia falta e como poderia ajudá-la.

— Se o senhor quer mesmo que eu pinte seu retrato, posso fazer alguns esboços. Se um deles for do seu agrado...

— Ótimo. — O reverendo recostou-se na poltrona. — Você me tranqüilizou.

— O senhor ainda não viu meu trabalho — Addy advertiu-o.

— Confio inteiramente em você.

— Obrigada — ela agradeceu sentindo um calor no peito.

— Agora devo atender a seu pedido e dar-lhe as notícias de nossa Brenville. — O vigário pegou distraidamente uma tortinha de limão e mordeu-a. — Blackwell, o juiz de paz, continua namorando moças com metade de sua idade e ignora os olhares e os engodos da pobre viúva Connell que está desesperada para arranjar um segundo marido. O médico deixou todos escandalizados quando fugiu com a filha do padeiro. Quanto a Beatrice e Victoria, você já sabe que se casaram recentemente.

— Sim. E como estão elas? — Addy perguntou, lembrando-se das duas amigas de infância. Era estranho pensar que elas estavam casadas. Quase tão estranho como pensar em si mesma como esposa.

As peludas sobrancelhas se uniram enquanto o vigário refletiu sobre a pergunta que Addy lhe fizera.

— Para ser sincero, acredito que as duas estão tendo dificuldades neste início da vida de casadas. Mas creio que os primeiros meses de casamento são sempre difíceis.

Difíceis era um termo muito suave, Addy pensou com um meio-sorriso.

— É verdade.

— "O Senhor está perto dos aflitos e salva os atribulados". — o reverendo Humbly citou o Evangelho, seu olhar cheio de compreensão. — Tudo ficará bem, minha filha. Agora, se me der licença, eu gostaria de ir para meu quarto. Preciso descansar um pouco.

O vigário ficou de pé e Addy foi depressa até ele para oferecer-lhe o braço.

— Claro, reverendo Humbly, vou levá-lo a seus aposentos.

Ela sorriu ao se dar conta de que a casa imensa subitamente não lhe pareceu tão vazia.

Capítulo II

Adam chegou em casa com tempo mais do que suficiente de tomar banho e vestir-se com elegância para o jantar. Como sempre, insistiu em amarrar a gravata, enquanto o criado pessoal o observava, penalizado. Adam recusava-se a ser dominado pela moda que ditava o uso de camisa com colarinho alto, pontudo, e gravata tão grande que tornava impossível a um cavalheiro o simples gesto de virar a cabeça. Para ele, uma elegância simples impressionava muito mais do que laços e nós absurdos.

Mas permitiu que o criado lhe arranjasse os cabelos de modo a emoldurar o rosto magro, e depois escovasse a casaca e as calças pretas, para garantir que nem uma minúscula partícula comprometesse a perfeição de seu traje. Em seguida, tendo olhado rapidamente no espelho da parede entre as duas janelas, saiu para o corredor e desceu para o salão.

Ao entrar no suntuoso cômodo, não deixou de admirar a mobília em estilo clássico, de pau-rosa e as paredes revestidas de suave cetim verde-claro. Lindas peças de cerâmica Wedgwood enfeitavam as diversas mesinhas e a cornija da lareira de mármore, acima da qual havia um retrato do sr. e da Sra. Drake, Pais de Adam.

O sr. Drake, pai, tinha um gosto apurado, e a prova disso era a decoração de todas as casas da família feitas por ele. Por isso, nunca ocorrera a Adam que devia mudar alguma coisa na mansão na qual estava morando. Honestamente, ele passava tão pouco tempo na casa que não via necessidade de imprimir sua personalidade nos ambientes que o cercavam.

Sem saber a razão de tais pensamentos, foi ao encontro do reverendo Humbly que estava de pé, do lado da lareira, tomando um copo do excepcional brandy que Adam não deixava faltar em casa.

— Boa noite, reverendo Humbly.

— Boa noite, Adam — o reverendo respondeu ao cumprimento e sorriu calorosamente para o anfitrião. — Bem-vindo ao lar.

Embora tivesse trocado de roupa para o jantar, o vigário continuava deselegante, com os cabelos teimosamente eriçados, em tenaz independência.

— Addy ainda não desceu?

— Não. Receio que a culpa tenha sido minha. Ficamos conversando e perdemos a noção das horas — o vigário admitiu, pesaroso. — Ela subiu não faz muito tempo.

Adam sorriu a contragosto.

— Presumo que vocês passaram uma tarde muito agradável. Os olhos castanho-claros brilharam.

— É verdade. Pedi a Addy para pintar meu retrato. Espero que você não se importe. Ela passou a tarde fazendo esboços.

A revelação surpreendeu Adam. Não se lembrava de ter visto, naquela casa, a esposa pintando. Podia afirmar que ela não havia mexido nas tintas e pincéis depois de casada. Veio-lhe à mente a perturbadora imagem de Addy de pé, num campo, com o vento agitando a saia de cores alegres e os cachos negros caídos sobre os ombros. Quantas e quantas vezes a observara à distância, encantado com sua beleza, porém não ousando se aproximar dela, com receio de assustá-la e fazê-la desaparecer como se fosse uma borboleta atordoada, alçando vôo e indo para longe.

Com esforço, afastou a imagem. Tais dias ficaram perdidos no passado e deviam ser esquecidos.

— Muito me agrada a idéia de Addy ter concordado em pintar seu retrato — ele respondeu com franqueza. — Acredito que há muito tempo ela não pinta.

— Ah, bem, ela deixou de pintar porque receia não ficar bem à esposa de um alto funcionário do governo ficar suja de tinta — observou o reverendo timidamente.

Um tanto desconcertado, Adam foi até a bandeja com as bebidas e serviu-se de uma dose de brandy.

— Essa é mais uma culpa que devo assumir — murmurou.

— Como? Não entendi.

Adam virou-se devagar para encarar o vigário. O bom homem não poderia ter deixado de notar que o relacionamento entre ele e a esposa não estava nada bem. Talvez fosse melhor dizer de uma vez toda a verdade sobre seu casamento.

— O senhor sabe, reverendo Humbly, que sempre fui arrogante e muito seguro em relação à minha infalibilidade. Eu acreditava que se eu assumisse uma tarefa, bastaria ter conhecimento do assunto e empregar uma estratégia cuidadosa para obter sucesso.

— É uma suposição racional.

— Não, quando se trata de casamento — Adam discordou. —Alguma coisa o perturba, meu filho?—indagou o vigário, preocupação estampada no rosto gordo.

Adam desviou o olhar. Nunca se sentia bem falando sobre seus sentimentos. Aprendera desde muito jovem que um homem devia ser estóico e senhor de si o tempo todo.

— Quando meu pai me informou que meu avô prometera ao avô de Addy que nós devíamos nos casar, fiquei em pânico Eu achava que a casa de lorde Morrow mais parecia um hospício do que um lar respeitável. A mãe de Addy pintava homens nus fossem eles criados, fazendeiros ou aristocratas, no salão de sua casa. Lorde Morrow é um libertino que tem escandalizado desde Surrey a Londres e de Londres a Devonshire. Isto sem mencionar os tipos mais estranhos que freqüentam sua casa: revolucionários, poetas bêbados e dândis sem moral e sem vintém.

O pastor Humbly pigarreou, nada à vontade.

— Reconheço que os Morrow são excêntricos.

— Excêntricos? — Adam deu uma risada sem nenhum humor. — Meu Deus, Morrow mantém uma fileira de amantes em um chalé a poucos metros da própria casa!

— Isso é realmente muito desagradável.

— E a própria Addy. — Adam deu um profundo suspiro. Via-se de novo experimentando aquelas sensações perturbadoras, um misto de afeto, raiva e culpa que o consumiam toda vez que pensava na jovem esposa. — Bem, ela não era uma tranqüila e inocente debutante que eu, por livre e espontânea vontade, teria escolhido para esposa. Addy era tempestuosa, obstinada e sem nenhum refinamento.

— Addy não é sofisticada, reconheço, mas sempre teve um grande coração, muita vitalidade e nobreza de espírito — apontou o reverendo, indo em defesa da querida amiga.

— Sim, eu admiro essas qualidades de minha esposa. O meu receio é que ela siga o exemplo dos membros de sua família.

— Ela nunca faria isso.

— É claro que não. Antes de nos casarmos fiz com que Addy entendesse que eu não toleraria um comportamento escandaloso como o de seus pais. Apresentei-lhe uma lista das qualidades que eu exigia de minha esposa. Também escolhi seu guarda-roupa para que ela não me envergonhasse quando chegássemos a Londres.

A essas palavras duras, seguiu-se pesado silêncio. Olhando o reverendo, Adam surpreendeu-o observando-o, pasmado.

— Addy concordou com essa lista? — ele perguntou, por fim.

— E havia outra escolha? Seus pais tinham esbanjado toda a fortuna e contavam com o

dinheiro que receberiam quando Addy e eu nos casássemos. Era esse o acordo feito por nossos avós.

— Ah, compreendo. Você devia estar muito feliz. Addy tornou-se uma perfeita lady.

— Sim, eu devia estar encantado — Adam concordou, mas sua expressão era de pesar.

— E não está?

Não, ele não estava feliz muito menos encantado, Adam pensou, lembrando-se dos últimos meses com Addy. Homem nenhum poderia estar encantado com uma esposa que era uma sombra que escapava dele toda vez que ele pretendia segurá-la.

— Não é agradável viver com uma mulher que se sente in feliz.

— Certamente você está exagerando. Adam sacudiu a cabeça.

— Não. É a pura verdade. Desde que nos casamos Addy perdeu a vivacidade. Não ri mais, não brinca com os outros, não tem o menor interesse pela casa ou qualquer outra coisa.

— Bem, ela está morando em Londres, uma cidade grande, e não tem amigos. Acredito que ela se sinta muito só — observou o vigário querendo confortar o amigo.

Adam desejou desesperadamente que o problema com a esposa fosse apenas solidão, pois seria facilmente resolvido. Ele sabia que a raiz do mal que a afligia era muito mais profunda.

— Eu propus a Addy que poderíamos passar mais tempo juntos, mas ela deixou claro que não quer a minha companhia. A verdade é que minha esposa mal tolera a minha presença.

Por mais estranho que pudesse parecer, a inquietante confissão não chocou o reverendo, tampouco o deixou constrangido.

— Tenho certeza de que você está enganado. A meu ver, Addy simplesmente receia ser incapaz de agradá-lo.

Diante dessa observação, Adam franziu o cenho. Sabia muito bem o que era ter medo de não satisfazer um mestre exigente. Seu pai sempre fora um homem severo que exigia do único filho nada menos do que a perfeição. Durante a maior parte de sua vida Adam se empenhara para corresponder às expectativas paternas, até o dia em que o sr. Drake, por fim, descansou no jazigo da família.

Poderia ele, involuntariamente, ter despertado em Addy o sentimento de medo? Medo do próprio marido? Será que ela imaginava que ele iria criticá-la para sempre? Seria possível que o estivesse evitando por achar que a intenção dele era simplesmente julgá-la e procurar defeitos nela?

Essas eram conjeturas muito desagradáveis. Ele pretendia refletir melhor sobre elas e conversar com Addy para esclarecer o assunto. Adam acabou de tomar o brandy e deixou o copo sobre uma mesinha.

— Perdoe-me, reverendo, eu não pretendia aborrecê-lo com meus problemas. Especialmente hoje, quando o senhor acaba de chegar a esta casa.

O hóspede sorriu, compreensivo.

— Sou um reverendo acostumado a ouvir confidências. E sou seu amigo.

— Obrigado.

O som de passos se aproximando pôs fim à conversa. Adam endireitou os ombros e preparou-se para enfrentar o olhar frio da esposa. 0 pastor Humbly, que estava do lado, começou a apalpar os bolsos do casaco.

— Ora...

— Algum problema, reverendo Humbly?

— Acho que deixei meu relógio na biblioteca — o vigário murmurou. — Voltarei num instante.

Com incrível rapidez ele deixou o salão e desapareceu por uma porta lateral. Adam abanou a cabeça; compreendeu, de repente, que estava contando com a conversa animada de Humbly para preencher a gélida distância entre ele e a esposa.

Mas, com a saída do amigo, não havia outro jeito a não ser ficar a sós com Addy. Ela entrou no salão usando vestido azul-lavanda. Adam recuou um pouco ao ver o deselegante coque preso no alto da cabeça da esposa que se curvou diante dele.

— Boa noite, Addy. — Ele empertigou-se. — Aceita uma bebida? Um aperitivo?

— Sim, uma ratafia. Obrigada. — Ela esperou que o marido lhe entregasse o copo de cristal com a bebida. — Desculpe-me pelo atraso.

— Humbly já explicou a razão de sua demora. Além disso, devo dizer que valeu a penas esperar. Você está com ótima aparência.

O elogio deixou Addy inquieta. Não estava acostumada a ouvir palavras galantes do marido.

— Onde está o reverendo Humbly?

— Saiu ainda há pouco. Foi buscar o relógio. — Adam voltou para perto da mesinha onde estava a bandeja com as bebidas. Se não fizesse isso seria capaz de erguer o braço para soltar os cachos negros, liberando-os daquele coque absurdo, só para vê-los soltos, caídos sobre os ombros. — O vigário me disse que você concordou em pintar o retrato dele.

— Oh, não, Concordei apenas em fazer alguns esboços. Não me sinto capaz de pintar um retrato.

— Tolice. Você tem um grande talento.

— Veremos como saem os esboços. — Addy olhou para o marido, apreensiva. — Isto é, caso você não se oponha a que eu faça o retrato.

— Por que eu me oporia?

— Porque ladies da sociedade não costumam se dedicar à pintura.

— Addy, Para mim é uma alegria vê-la fazendo algo que lhe agrada. Que idéia você faz de mim? Não sou o homem insensível que você parece acreditar que eu seja.

Addy baixou os olhos.

— É difícil saber o que merece ou não sua aprovação, Adam.

Ele resistiu ao impulso de olhar-se num espelho para ver se tinha criado chifres e rabo. Certamente só um diabo poderia ser tão mau para deixar a esposa com medo dele.

— Pelo amor de Deus, Addy, tudo o que sempre lhe pedi foi para não causar nenhum escândalo. E isso não foi exigir demais, considerando-se as circunstâncias, não é mesmo?

— Considerando que circunstâncias? Minha família?

— Bem, não se pode dizer que sua família seja respeitável — Adam desferiu.

— Talvez não, mas eles sabem gozar a vida.

— Oh, sim, eles sabem gozar a vida! Se é que você entende que aproveitar a vida seja cercar-se de salafrários e provocar escândalos.

— Pois eu preferiria esse tipo de vida à que eu levo. Sim, porque eu não entendo que se possa chamar de vida a uma existência tediosa, em que o medo de merecer a reprovação de alguém seja uma ameaça constante.

A acusação injusta provocou a indignação de Adam, o que raramente acontecia.

— Entendo. Você não se importaria se eu passasse o tempo todo jogando e com amantes, dando motivos para comentários de nossos vizinhos, não é mesmo?

O rosto de Addy ficou vermelho.

— Você não acha que já somos objeto de comentários? Todos sabem que, apesar de

sermos recém-casados, você prefere ignorar a esposa para ficar com seus livros embolorados no Departamento de Guerra.

Adam ficou boquiaberto com a impetuosidade das palavras da esposa.

— Addy... — ele começou, sem saber exatamente o que devia dizer.

Mas isso não importou porque o vigário escolheu justamente aquele momento para entrar no salão com um sorriso luminoso.

— Encontrei o relógio. Espero não tê-los atrasado para o jantar.

— De jeito nenhum, reverendo Humbly. Eu desci há poucos minutos. — Addy foi até o vigário e segurou em seu braço. — Podemos ir para a sala de jantar?

Os dois deixaram o salão e Adam seguiu-os. Ele olhou para o lindo afresco pintado no teto e recompôs-se. Desta vez nada o obrigaria a sair de casa para encontrar a paz no seu clube. Addy já havia vencido esse jogo em muitas ocasiões. Era chegada a hora de ele ter sua revanche.

Embora Addy nunca se sentisse como esposa, orgulhava-se de dirigir a casa e os criados com eficiência.

Ao contrário da mãe, que contratava e despedia a criadagem de acordo com seus caprichos, em geral por querer novos modelos para seus quadros, Addy tinha serviçais que trabalhavam para os Drake havia anos. Isso para ela, a princípio, chegara a ser assustador. O que uma jovem inexperiente, criada numa cidadezinha, poderia saber sobre dirigir uma mansão em Londres? Porém, certa de que os empafiados serviçais logo se aproveitariam dela ao menor sinal de hesitação, ela esforçara-se para assumir seu papel de patroa com pulso firme.

Com o tempo ganhou a obediência e o respeito de todos os que trabalhavam para o casal. Até mesmo a temperamental cozinheira, que detestava qualquer interferência nos seus domínios, acatava as sugestões de Addy.

No momento, observando o reverendo Humbly recostado na cadeira e com a mão no considerável estômago, ela sentiu-se satisfeita. Não precisava temer que os criados deixassem de propiciar todo o conforto, até mesmo para um hóspede inesperado.

— Que jantar delicioso — elogiou o vigário. — O pato estava uma obra-prima.

— Transmitirei o elogio à cozinheira. — Addy ficou de pé. — Se me derem licença, vou deixá-los apreciando o vinho do Porto.

— Não. — Adam também se levantou. — Se o sr. Humbly não se importar, iremos com você para o salão.

— Eu os acompanho, claro. Nunca apreciei muito o vinho do Porto.

— Lembro-me de que o senhor tem preferência por brandy — observou Adam com um sorriso.

— Ah, é verdade — o vigário admitiu, esforçando-se para ficar de pé. — Creio que todos nós temos nossos pequenos pecados.

— Sim, temos — Adam anuiu e foi até a esposa para oferecer-lhe o braço.

Sem ter escolha, ela apenas colocou a mão sobre o antebraço dele. Apesar dos meses de casamento, não se acostumara com a proximidade do marido, nem mesmo quando ele ia à cama dela, à noite, no escuro. No entanto, naquele momento, experimentou uma agradável sensação ao ver-se envolvida por um suave aroma de especiarias. E a forte presença de Adam quase a deixou sem ar.

Uma vez no salão, Adam deixou Addy sentada perto da lareira e foi até a bandeja com bebidas onde serviu duas generosas doses de brandy: uma para si mesmo e outra para seu hóspede.

— Sua casa é muito bonita e agradável — comentou o vigário aceitando o brandy. — A decoração em estilo oriental com cortinas pesadas, tapeçarias e mobília laqueada, podem estar na moda, mas os móveis ingleses são muito mais confortáveis e sólidos, você não acha, minha

filha?

Addy forçou um sorriso. Não ia confessar que nem sequer chegara a sugerir que a decoração da casa pudesse ser modificada.

— Sim, concordo. São, realmente, muito confortáveis.

— E o lugar é magnífico — o pastor Humbly continuou. — Há um parque logo ao se virar a esquina. Com tanto verde por perto não dá para sentir saudade do campo.

— É verdade. Podemos fazer um passeio, amanhã — Addy sugeriu.

— Ótima idéia.

— O senhor não pretendia ver o bispo? — Adam indagou.

— Há muito tempo para isso. Prefiro fazer uma caminhada pelo parque com uma bela senhora a discutir teologia com Sua Excelência Reverendíssima em seu gabinete abafado.

O rosto magro tornou-se sombrio.

— Naturalmente.

— O que acha de nos acompanhar, Adam? — indagou o vigário.

— É uma pena. Tenho diversas reuniões amanhã.

Uma absurda pontada de desapontamento perturbou Addy. Absurda, sim, porque sabia, desde o início do casamento, que nada mais era do que um dever necessário para o marido.

— O senhor vai logo descobrir, pastor Humbly, que meu marido é apaixonado por horários e reuniões — Addy retrucou acidamente.

Adam contraiu os lábios ao ouvir a deliberada farpa.

— Eu simplesmente gosto de ordem. Também amo o trabalho, ao contrário da maioria das pessoas da sociedade que adora ficar na cama até tarde e só se levanta para sair pela cidade à procura de diversão, namoro e para saber os últimos mexericos.

— Ah, quanta futilidade e tolice — o vigário murmurou. Addy encarou o marido com firmeza no olhar.

—Essas pessoas parecem felizes vivendo dessa maneira fútil.

— Pode ser, uma vez que elas não sabem como preencher seu tempo. É lamentável que não usem seu intelecto em alguma coisa útil.

— Não vejo mal nenhum em se divertir sempre que isso seja possível — Addy persistiu. — A vida é triste sem um pouco de excitação.

Adam ficou por um momento apenas olhando para a esposa, depois assentiu com um movimento de cabeça.

— Você está certa, minha querida. Se me derem licença, vou-me retirar. Este foi um dia longo e cansativo.

Curvando-se com elegância, ele dirigiu-se para a porta. Addy acompanhou-o com o olhar. Julgou ter visto uma expressão de dor no belo rosto do marido. Mordeu o lábio inferior, subitamente arrependida de não ter guardado para si mesma suas palavras precipitadas.

Desconcertada, continuou olhando para a porta, confusa. Seria possível que houvesse no coração de Adam, além de uma agenda, um pouco de afeição por ela? Percebendo que o vigário a observava pesaroso, apressou-se em romper o tenso silêncio que se fizera.

— Adam detesta futilidades.

— Não é de surpreender. Seu pai era um homem muito severo que exigia perfeição do filho único. Adam teve de assumir responsabilidades desde criança. Uma pena, realmente. Ele nunca soube o que era diversão. Asseguro que os momentos felizes em toda sua vida foram bem poucos.

Addy tentou ignorar o aperto que sentiu no coração.

— Bem, o pai dele morreu há alguns anos.

— É verdade, mas inconscientemente, ele ainda tenta agradar o pai. É estranho, porém os filhos nunca se libertam daquela necessidade de receber a aprovação paterna — disse o vigário suavemente. — E agora, devo ir para a cama. Não estou acostumado a fazer uma viagem tão longa e meus velhos ossos começam a protestar.

— Está certo. Mandarei que lhe sirvam o desjejum em seu quarto.

— Obrigado. Boa noite, minha filha. Durma bem.

— Boa noite. Tenha bons sonhos.

O vigário foi para seu quarto deixando Addy para trás, muito perturbada. As palavras do reverendo ecoavam em sua mente, atormentando-a.

"Asseguro que os momentos felizes em toda sua vida foram bem poucos".

Absurdo, claro. Adam nunca havia procurado ser feliz. Pelo contrário, havia tirado toda a alegria do coração dela. Exigira que ela fosse uma esposa dócil, submissa, respeitável. E ela fizera o possível para corresponder às expectativas de seu marido e senhor. Mesmo sacrificando sua felicidade.

Portanto, não havia motivo para sentir aquele indesejável aguilhão da culpa. Motivo nenhum.

Capítulo III

O vigário Humbly sentia-se realmente péssimo. Estava no momento no salão de baile de uma das casas mais luxuosas de Londres, localizada na sofisticada região de Mayfair, e rodeado de pessoas elegantes. No entanto, não tinha olhos para a magnífica decoração em ouro e carmesim e pesados ornamentos dourados. Queria sair daquele ambiente sufocante e barulhento.

Enxugando a cabeça com um grande lenço, o modesto vigário teve saudade do sossego de Brenville e da casa paroquial. A essa hora tardia ele costumava ficar confortavelmente sentado em sua poltrona predileta, perto da lareira, lendo um livro ou a Bíblia, enquanto apreciava devagar um pouco de brandy que mantinha bem escondido dos olhos vivos da Sra. Stalwart.

Essa era a maneira favorita de passar suas noites.

Em vez disso, ali estava ele, numa festa, em Londres, recebendo empurrões e ocasionais cotoveladas de convidados que andavam pelo salão à procura de amigos ou simplesmente para descobrir um lugar onde pudessem ficar em evidência.

O reverendo suspirou.

Haveria muitas outras noites como essa para ele ter de suportar antes de atingir seu objetivo, disse a si mesmo, pesaroso.

Adam e Addy corriam ainda mais perigo do que ele havia receado.

Adam era orgulhoso demais para admitir que estava errado em tentar mudar Addy para torná-la a esposa perfeita que ele idealizara. Era também excessivamente inflexível para compreender que precisava justamente da vivacidade e do entusiasmo de Addy. Era isso que faltava na vida dele.

A pobre Addy, por outro lado, estava muito ressentida por ter sido obrigada a se casar com um homem que julgava frio e indiferente, e não percebia o valor e a grandeza do marido.

Nenhum dos dois parecia disposto a ser o primeiro a estender a mão em sinal de paz.

Esquecendo sua vontade de estar em casa, em Surrey, o vigário olhou para Adam que estava do seu lado. Suspirou novamente ao notar a expressão desaprovadora no belo rosto do amigo.

Se o vigário havia alimentado a esperança de que o tempo passado entre a radiosa alegria dos outros serviria para amenizar a tensão entre o casal, fatalmente teria um grande desapontamento.

Em vez de divertir-se com a esposa, Adam permanecia estoicamente nas sombras, enquanto Addy era assediada por vários cavalheiros malandros, mas encantadores. Isso era mais do suficiente para fazer até mesmo o mais bondoso vigário murmurar uma praga.

— Céus, aqui dentro está quente demais, não está? — ele perguntou bem alto para poder ser ouvido, esperando diminuir a tensão que podia sentir, irradiando de Adam.

— Sufocante — Adam respondeu.

— Será que eles não vão abrir uma ou duas portas? Adam olhou ao redor.

Provavelmente, não. A anfitriã acha que para sua festa ser considerada um sucesso é preciso haver pelo menos uma moça desmaiando no meio desta multidão.

— Que idéia mais tola. — O vigário enxugou o suor da testa.

— Concordo com o senhor. — Adam olhou para o novo grupo de convidados que adentrava no salão. — Reverendo Humbly, convém afastar-se um pouco.

— Como? — Humbly inclinou-se para poder ouvir o que o amigo dissera, em seguida deu um grito — Ui!

Uma senhora corpulenta, com vestido amarelo, horrível, pisara no pé do reverendo e o empurrara para trás.

— Um dos numerosos perigos da sociedade — observou Adam com um meio-sorriso. — Nunca fique no caminho de uma zelosa mamãe interessada em arranjar casamento para a filha.

— Há mais perigos? — quis saber Humbly e, ao mesmo tempo, movimentava os dedos do pé dentro do sapato. Nenhum estava quebrado.

— Bem, para começar, nunca fique perto de um cavalheiro bêbado porque ele acabará derrubando no seu paletó o que ele estiver bebendo. Se estiver dançando, cuidado com os pingos de vela dos lustres. Ah, e mantenha-se a boa distância de lady Stopel, ladra consumada.

— Ladra?

— Isso mesmo.

— Você deve estar brincando.

— É a pura verdade. Ela tem talento e em geral consegue roubar coisas de pelo menos meia dúzia de bolsas. A sobrinha, no entanto, na manhã seguinte se encarrega de devolver tudo o que a tia roubou.

—Não diga! — O reverendo balançou a cabeça. Calor opressivo. Dor de cabeça. Por pouco não ficara com dedos do pé esmagados. E devia estar atento para não perder as magras economias. — Pois é, Adam, começo a compreender por que você evita noites como esta.

— Confesso que prefiro muito mais passar uma noite tranqüila no meu clube.

Humbly arrependeu-se de ter feito o último comentário. Idiota. Tudo o que ele queria era fazer Adam compreender que devia divertir-se com a esposa, não encorajá-lo a deixar Addy em casa e refugiar-se no seu clube.

— Pelo menos Addy parece estar se divertindo — acrescentou alegremente.

O olhar de Adam fixou-se na esposa que conversava com um cavalheiro de cabelos dourados.

— É verdade.

— Quem é o cavalheiro com quem ela está conversando?

— Lorde Barclay — Adam respondeu, sisudo.

— Ele me parece familiar — tornou Humbly, observando o cavalheiro atraente e trajado com extrema elegância.

— Ele esteve na casa dos Morrow no ano passado. — A expressão de Adam tornou-se mais fechada quando viu lorde Barclay curvar-se para dizer alguma coisa ao ouvido de Addy. — Barclay é um libertino e esbanjador. Tenho de falar com Addy. Não quero que ela encoraje um relacionamento com um tipo desses.

O coração de Humbly sofreu um baque. Céus, como era possível um homem inteligente como Adam perder completamente o bom senso quando a questão dizia respeito à esposa?

— Não acho que um encontro inofensivo no meio de um salão de baile lotado possa encorajar um relacionamento — ele protestou.

Descontrolado, Adam apertou os lábios.

— Addy é muito ingênua e não está acostumada com os jogos sórdidos que tais homens gostam de praticar. Ela pode acidentalmente caminhar para o desastre sem ter consciência disso.

Na opinião de Humbly, quem provavelmente caminhava para o desastre era o cavalheiro irritantemente teimoso que estava do seu lado. Como era possível Adam não ter consciência de que já havia causado muito dano à esposa e ao casamento de ambos com suas preleções e censuras?

— Addy sempre foi muito inteligente — disse o reverendo em tom severo. — Não acredito que ela seja capaz de fazer qualquer coisa que possa causar um escândalo.

— Mas ela está em busca de excitação e divertimento — contrapôs Adam com amargura. — O senhor deve ter percebido que minha esposa anda entediada e inquieta; não está feliz com o casamento. Sua vida atual é muito diferente da que ela levava quando era solteira. Na minha opinião, o tipo de vida que passei a lhe oferecer devia agradá-la.

Humbly ficou em silêncio. Também tinha esperança de que Addy iria dar valor à segurança e ao conforto da nova vida com Adam. Afinal, ela sempre desaprovara os hábitos estranhos e desregrados dos pais. Muitas vezes ela chorava por causa dos escândalos em que eles se envolviam.

Ao contrário do que ele esperava, Humbly continuou com suas reflexões, Addy sentira-se presa e sufocada no seu relacionamento com o marido. E, claro, ressentida por ter sido forçada a se casar com um homem não escolhido por ela. Talvez este fosse o momento de Addy compreender que não era tão horrível ter um marido íntegro, em quem podia confiar.

Humbly armou-se de um sorriso meigo que escondeu sua verdadeira intenção.

— Uma pessoa jovem raramente busca o que é o melhor para ela. Você, com certeza, já se viu, uma vez ou outra, atraído pelo brilho ou a aparência de algo, e não pelo valor, não é mesmo?

Adam deu de ombros. Veio-lhe à mente as vezes em que fora atraído por uma bela atriz ou uma noite dedicada ao jogo e à bebida.

— Talvez. Mas há muito tempo superei tais tolices.

— Addy também irá superar.

Os olhos cinzentos estreitaram-se.

— Está querendo dizer que devo ter paciência?

— Sim, a paciência é uma das mais belas virtudes. Naturalmente, também lhe devo fazer uma sugestão: carpe diem.

— Carpe diem? Está querendo dizer: "aproveite o dia"?

— Sim. Viva o presente, não se preocupe com o futuro. Este é apenas o parecer de um velho. Mas talvez Addy fique mais contente com o casamento se descobrir que a impulsividade frívola não substitui uma verdadeira confiança ou a sólida segurança.

— O que quer dizer? — questionou Adam, confuso.

— Nada, nada. Como eu disse, sou um velho tolo, propenso a fantasias — tornou Humbly, achando que não devia se precipitar. Arregalou os olhos ao ver do outro lado do salão uma matrona trajada de modo extravagante, tendo no ombro um bicho peludo. — Céus, o que é aquilo? Um macaco?

Addy estava aproveitando a noite, divertindo-se como nunca.

Fazia tanto tempo que não freqüentava a sociedade. Dançar, rir, ver-se cercada de cavalheiros elegantes e galanteadores fazia bem a seu amor-próprio, arrasado pelas críticas e constante desaprovação de Adam.

Pela primeira vez, em meses, sentia-se livre e, realmente, se divertia. No dia seguinte pensaria nas conseqüências de seus atos. Naquela noite iria ter os prazeres e alegrias que lhe fossem permitidos e dos quais se privara desde que se tornara a Sra. Drake.

Com isso em mente, aceitou as lisonjas do charmoso lorde que a levou para um canto do salão. Durante sua breve visita a Surrey, no ano anterior, lorde Barclay mostrara-se um cavalheiro encantador e uma companhia muito agradável. E naquela noite, no baile ele estava positivamente fascinante. Barclay sorriu ao notar o brilho nos olhos de Addy.

— Está com calor? — indagou.

— Aqui dentro está sufocante — ela respondeu.

— Permita-me. — Com um movimento elegante, ele tirou o leque amarrado na cintura de Addy e começou a abaná-la.

— Obrigada.

— É um prazer servi-la, minha querida. Esperei quase um ano para revê-la e estava quase perdendo a esperança de que isso acontecesse.

Conhecendo esse tipo de lisonja, Addy riu.

— Ora, eu sei que você nem sequer pensou em mim depois de partir de Surrey.

— Isso não pode estar mais longe da verdade. Você tem estado no meu pensamento desde que a vi pela primeira vez. — O olhar dele percorreu-a atrevidamente desde os cachos negros presos no alto da cabeça, à barra do vestido amarelo, muito recatado. — É claro que eu preferia seu estilo mais vibrante, suas roupas coloridas e os cabelos soltos. Você era mais natural e mais livre.

Addy encolheu os ombros.

— Agora sou uma senhora casada e distinta.

— Nem me lembre disso — volveu lorde Barclay em tom dramático. — Corta-me o coração saber que você está casada com aquele puritano pretensioso e esnobe.

— Lorde Barclay! — Addy protestou, arregalando os olhos. O dândi galanteador, evidentemente, não se arrependeu do que acabara de dizer.

— É verdade. Adam Drake pode ter uma fortuna imensa, mas não tem coração. Para ele não existe mais nada na vida além do trabalho e do dever.

Apesar de Addy pensar exatamente como lorde Barclay, defendeu o marido.

— Adam tem grandes qualidades e é muito bom para mim.

— Também é muito bom para seus cães. — Barclay ressaltou. — Uma esposa não deve ser tratada apenas com bondade, mas com amor e paixão.

— Quem disse que eu não tenho tudo isso?

— Uma mulher satisfeita com o marido tem brilho, ardor, coisas que, evidentemente, lhe faltam.

— Está sendo absurdo.

— Não. Estou sendo honesto. — Lorde Barclay chegou mais perto de Addy. Tinha um meio-sorriso nos lábios cheios e sensuais. — Isso a perturba?

— Bem, este seu excessivo interesse pelo meu casamento me confunde.

— Só desejo vê-la feliz. Você não é mais aquela jovem exuberante e alegre que eu conheci. Seu espírito, seu entusiasmo, sua vivacidade lhe foram roubados. E isso foi um pecado.

Addy franziu as sobrancelhas em silenciosa censura.

— Ninguém me roubou nada. Como poderia alguém roubar o que faz parte de mim?

Lorde Barclay era esperto demais para não perceber que tinha ultrapassado os limites.

— Você não imagina como me alegra ouvi-la dizer isso, minha querida.

Addy encarou-o e meneou a cabeça.

— Vejo que você é um homem perigoso, lorde Barclay.

— Ah, o que é a vida sem o tempero do perigo?

— É segura.

— Segura? Ah! A segurança torna a vida extraordinariamente insípida. Uma mulher como você nunca se contentaria com tal existência.

— Como pode saber disso?

— Porque eu vejo o desassossego e a insatisfação dentro dos seus olhos. — Barclay acrescentou em tom mais baixo: — Isso me faz desejar vê-los escuros e cheios de prazer.

Um súbito sinal de alarme soou dentro do cérebro de Addy, fazendo-a dar um passo para trás. Um flerte inofensivo era uma coisa, outra bem diferente era dar a entender ao cavalheiro que estava interessada em uma aventura.

— Creio que devemos mudar de assunto, lorde Barclay.

— Os olhos de Barclay se estreitaram.

— Não me diga que está com medo.

— Sou bastante sensata para saber que você é um libertino, lorde Barclay. Se pretende usar seu charme fatal para conquistar alguém, procure outra vítima mais ingênua. — Addy estendeu a mão. — Devolva meu leque!

— Você me entendeu mal. Não é o que está pensando — Barclay protestou, entregando o leque a Addy. — Estou, simplesmente, fascinado com sua beleza.

Naquele instante Addy sentiu uma sombra sobre ela. Virando-se, deu de cara com o marido. Sua expressão severa, os lábios comprimidos e o brilho nos olhos cinzentos deixaram-na desalentada.

Evidentemente, Adam estava mais uma vez aborrecido com ela por causa de seu comportamento e pretendia passar-lhe uma descompostura.

Ignorando o cavalheiro que o observava com indolente indiferença, Adam ofereceu o braço à esposa.

— Minha dança, querida — ele falou em tom firme acompanhado de um olhar de quem não admitia recusa.

— Ora, não acredito que você pretenda dançar com a própria esposa — zombou lorde Barclay ao ver Addy colocar, obediente, a mão no braço do marido.

— E eu não creio, Barclay, que você tenha alguma coisa a ver com quem eu escolho para ser meu par numa dança — replicou Adam, dirigindo ao dândi um olhar gélido.

Lorde Barclay encarou Addy e viu que ela havia enrubescido.

— Ora, Adam, você está casado com a jovem mais encantadora da Inglaterra e a mantém fechada, longe da sociedade. Não é justo querer monopolizá-la num baile como este em que ela pode se mostrar e divertir-se. Sua atitude é, positivamente, medieval.

Addy rangeu os dentes de raiva ao perceber que o demônio loiro estava, deliberadamente, provocando Adam.

— Como marido, posso monopolizar minha esposa — Adam retrucou secamente.

Lorde Barclay sorriu, complacente.

— Talvez sua esposa não tenha essa opinião. Addy e eu estávamos tendo uma conversa muito interessante.

Addy teve vontade de bater os pés e gritar. Aqueles dois pareciam dois cães brigando por causa de um osso, ela pensou, aborrecida.

— Convém você limitar sua conversa com a Sra. Drake ao tempo e outras amenidades, Barclay — Adam advertiu o impertinente cavalheiro, seu tom glacial mais assustador do que uma demonstração inflamada de raiva.

— Isso é uma ameaça? — indagou Barclay franzindo a testa.

— Obviamente você não é tão idiota como receei que fosse.

Adam deu as costas para Barclay, atravessou o salão com Addy e foram ambos para o terraço.

Vendo-se a sós com o marido, Addy encarou-o, indignada.

— Não havia necessidade de ameaçar lorde Barclay, Adam. Nós estávamos apenas conversando educadamente.

Adam apertou os maxilares com expressão ameaçadora. De pé na penumbra, ele parecia maior e mais assustador.

— Não se preocupe, querida. Barclay e eu nos entendemos muito bem.

— Você não confia em mim, não acredita que lorde Barclay e eu mantivemos uma conversa meramente social. E está zangado.

Os olhos cinzentos tornaram-se atentos.

— Por que disse tudo isso?

— Vejo em seu rosto que pretende me repreender.

— Meu Deus, você acha que sou tão dominador? — Adam perguntou, surpreso com a acusação da esposa.

Inquieta, ela andou até a extremidade do terraço e ficou olhando para o jardim iluminado apenas pelo luar.

— Você costuma ser muito severo.

— E você preferiria que eu fosse parecido com Barclay?

Addy balançou a cabeça devagar. Era impossível imaginar Adam Drake sendo alegre, despreocupado e encantador como lorde Barclay. Isso, simplesmente, não fazia parte de sua natureza.

— Aqui não é o melhor lugar para falarmos sobre nosso casamento, Adam.

Ela estava de costas e percebeu a aproximação do marido que ficou de pé, atrás dela. O calor do corpo dele provocou nela leves tremores.

— Barclay é um devasso arrogante, Addy. Ele já arruinou a reputação de algumas moças.

— E você acredita que eu seja tão idiota para me deixar seduzir pelo charme dele? Ou, quem sabe, você, simplesmente, está convencido de que não mereço sua confiança por causa de minha família ser como é?

— Não ponha palavras na minha boca.

— Você pode negar que não confia inteiramente em mim, Adam?

Fez-se longo silêncio, carregado de tensão. Addy podia ouvir as batidas descompassadas do próprio coração.

— Não posso — ele admitiu, embora relutante. — Mas, compreenda, é difícil confiar em você.

— Difícil? — Addy virou-se para o marido, zangada. — Como pode me culpar por sua falta de confiança em mim?

— Eu sei que este casamento não foi inteiramente do seu agrado, por isso você não se sente comprometida.

Addy cerrou os punhos, tal sua indignação diante dessa injustiça. Seus olhos dardejaram.

— Está louco? Eu não tenho feito outra coisa senão me comprometer com você, com nosso casamento. Tenho me empenhado durante todos esses meses para ser a esposa perfeita, de acordo com os critérios que você estabeleceu. Tenho me submetido às suas ordens, aos seus desejos, uso as roupas que você escolhe para mim e permito que se deite comigo. O que mais pode exigir de mim?

Tais palavras pareceram abalar Adam, mas as linhas do belo rosto mantiveram-se duras.

— Quando me casei eu não quis viver com uma mártir. Meu desejo era ter uma esposa, uma companheira. Pode ter certeza de que não me agrada nem um pouco ver sua forma trágica vagando pela casa ou saber que você me suporta na sua cama apenas por dever. Você se surpreende se eu disser que prefiro muito mais o conforto do meu clube à frieza de minha própria casa?

Para Addy as palavras do marido foram como uma bofetada. Adam jamais lhe havia falado daquela maneira e ela sentiu o coração apertado, uma inexplicável dor no peito.

— Talvez você prefira que eu volte para Surrey — ela murmurou.

— Você continuará em Londres, Addy, não tenha dúvida quanto a isso.

Sentindo-se subitamente exausta, ela não quis voltar para o barulho e alegria no salão de baile.

— Quero ir para casa — disse em voz baixa, levando a mão à testa.

— Addy...

— Por favor, Adam, estou com dor de cabeça.

Ele olhou para a esposa durante alguns segundos, depois assentiu com um movimento da cabeça.

— Está bem. Vou à procura do reverendo Humbly.

Capítulo IV

— Não, reverendo Humbly, por favor, não se mexa — Addy ordenou ao ver que o vigário dirigia o olhar para a bandeja com o chá que a Sra. Hale acabara de colocar sobre a mesinha.

— Minha querida Addy, eu não me mexi. Nem poderia, ainda que quisesse. Meu pescoço está duro de tanto ficar nesta posição horrivelmente desconfortável — reclamou o vigário, voltando dissimuladamente a cabeça para o ângulo exato, determinado por Addy.

— Ah — tornou Addy sem a menor pena do modelo. — Vi muito bem o senhor olhando com desejo para as tortinhas de limão daquela bandeja. Agora fique assim. Essa posição está ótima, lhe confere um ar de dignidade.

— Ah, as tortinhas. Seria um pecado desprezar aquelas delícias, você não acha?

— Elas não irão desaparecer nos próximos vinte minutos — replicou Addy traçando com habilidade o nariz proeminente do vigário.

Para sua surpresa, estava achando gratificante voltar a exercitar-se na sua arte. Melhor ainda era ter conseguido capturar nos seus esboços a personalidade única do vigário, o que tinha sido, sem dúvida, um desafio para seu talento.

— Vinte minutos? Bom Deus, não vou agüentar.

Addy riu ao ouvir a reclamação. De algum modo o querido reverendo sempre conseguia deixá-la de bom humor. Não era tarefa das mais fáceis alegrá-la num dia como aquele.

Depois de uma noite insone, levantara-se com o espírito opressivo. Na véspera, tinha ido ao baile determinada a divertir-se. Era a primeira oportunidade que tivera, depois de casada de ver-se numa festa como aquela, de volta ao convívio social. A primeira oportunidade de relembrar o que era ter o prazer de rir e dançar.

Mas dera tudo errado. Terrivelmente errado.

Ela cerrou os dentes ao recordar como Adam a havia tirado do salão, às pressas, como se ela fosse uma criança desobediente, e a repreendera por sua conversa inofensiva com lorde Barclay.

Adam arruinara a noite e, pior, machucara sua auto-estima com a rude confissão de que não confiava nela.

Droga. Tinha sido difícil demais levar com o marido uma vida insípida, embora educada e cortês. Também fora penoso manter-se calada, sem se revoltar por ter sido abandonada no túmulo que era aquela casa. Mas, pelo menos, durante todos aqueles meses livrara-se de ouvir acusações e palavras ferinas que a magoaram profundamente.

Notando que o vigário parecia cansado e esperando um intervalo, ela deixou de lado o bloco com os esboços.

— Está bem. Vamos fazer uma breve pausa. Eu disse breve, lembre-se disso.

Levantando-se, ela serviu o chá ao hóspede e colocou perto dele um prato de sobremesa com várias toninhas de limão.

— Eu não fazia idéia de que você pudesse ser tão tirana — o pastor queixou-se, sentando-se ao lado de Addy.

— Foi idéia sua querer seu retrato pintado por mim — ela retrucou, servindo-se do chá.

— Isso é porque eu não sabia que os artistas tinham um prazer maquiavélico de torturar os pobres modelos. Não é de admirar que as pessoas pareçam sempre tão severas e tensas nos retratos.

— Asseguro-lhe que não viu nada, reverendo Humbly — observou Addy, sorrindo das queixas do bom vigário. — Estamos só começando. E saiba que estou sendo excessivamente bondosa em comparação a outros artistas.

— Talvez nossos conceitos de bondade sejam diferentes — devolveu o vigário dando uma boa mordida numa das tortinhas.

— Ah, reverendo Humbly, como é bom ter a sua companhia — disse Addy apreciando o chá. — Estou muito feliz com sua visita.

— Eu também, minha querida. — O reverendo sorriu carinhosamente. — Mas você ainda não me falou sobre o baile de ontem à noite. Divertiu-se um pouco?

O olhar de Addy fixou-se na xícara de chá. Sem dúvida o vigário tinha notado a tensão

entre ela e o marido quando voltavam de carruagem para casa, na noite anterior, depois do baile. Os dois permaneceram calados e um nem sequer olhou para o lado do outro. Mesmo assim, ela sentia-se constrangida de falar sobre a cena tempestuosa que havia estragado sua noite.

— Foi muito bom estar de novo entre amigos e pessoas da sociedade — ela comentou distraidamente. — E o senhor, o que achou de seu primeiro baile em Londres?

— Ah, bem... não posso dizer que apreciei receber empurrões, cotoveladas e até um pisão no pé — respondeu o vigário com uma pequena careta. — Mas gostei do macaquinho.

Addy arregalou os olhos.

— Gostou? Não acredito, reverendo Humbly. O tal macaquinho assustou muita gente. Ouvi várias moças gritando de medo.

— É verdade. Mas graças ao animalzinho, as pessoas se espalharam. Saíram para o terraço, para o jardim ou outro lugar e foi possível um mortal respirar naquele salão.

— Havia mesmo uma multidão e o calor estava insuportável. As festas oferecidas por lady e lorde Harvey costumam ser muito movimentadas.

— Fiquei contente ao ver que você encontrou um conhecido. Aquele cavalheiro com quem você conversava era lorde Barclay, não?

Addy apertou a xícara à menção do nome do elegante lorde.

— Ele mesmo.

— Um cavalheiro atraente, simpático, embora tenha fama de malandro e conquistador. Lembro-me de que ele se hospedou na casa de seus pais no ano passado.

O fato de o pastor Humbly lembrar-se da rápida visita de Barclay a Brenville, tendo passado uns dias na casa dos pais dela, surpreendeu Addy. Lorde Barclay era um esnobe que evitava pessoas que considerava abaixo de sua posição social, e em Brenville tinha amizade com poucas famílias, entre elas a dos Morrow e a dos Drake.

— Sim, ele nos visitou. Minha mãe chegou a pintar o retrato dele.

— Compreendo. Lorde Barclay é um homem muito bonito.

Addy começou a assentir com um movimento da cabeça, em seguida parou. Pouco se interessava pelo belo lorde Barclay, com todo o seu charme e lindos olhos azuis. Ele não tinha caráter e usava seus dotes físicos para atrair moças ingênuas.

— Sim, lorde Barclay é um homem atraente — ela admitiu sem entusiasmo.

— Ele ficou encantado com você, minha querida.

Addy sentiu um arroubo de impaciência. Céus, havia conversado com lorde Barclay durante uns dez minutos, se tanto. Por que todos achavam que tinha havido entre eles algo mais do que um simples cumprimento entre duas pessoas conhecidas que não se viam fazia algum tempo?

— Lorde Barclay é um namorador, não leva nada a sério, quer apenas se divertir — Addy falou com impaciência.

— É mesmo? — Humbly arqueou as sobrancelhas, curioso. — Ele mandou-lhe um enorme buquê de rosas esta manhã.

Addy olhou com indiferença para os numerosos vasos cheios de rosas cor-de-rosa. Nessa manhã, quando recebera o extravagante buquê, mesmo sem ler o cartão, soubera quem o havia mandado.

Seu primeiro impulso fora atirar as flores no lixo. Só não o fizera para não provocar comentários entre os criados. Em vez disso, rangera os dentes de raiva e dera ordens para que as rosas fossem colocadas em vasos.

— Não pense que lorde Barclay mandou todas essas rosas como uma demonstração de respeito por mim. Nenhum cavalheiro faria uma gentileza dessas a uma senhora casada. A

intenção dele, evidentemente, foi irritar Adam.

— Que motivo ele teria para irritar Adam?

— Por alguma razão os dois se detestam.

— Se detestam? Que estranho.

Mais do que estranho, o sentimento do marido em relação a lorde Barclay chegava a ser absurdo... A não ser que ele tivesse ciúme dela. Mas isso era impossível, ela pensou. Disse em voz alta:

— Também acho estranho, reverendo Humbly. Creio que eu jamais conseguirei entender como funciona a mente dos homens.

— Receio que seja realmente confusa — concordou o vigário. Percebendo, de repente, que poderia ter ofendido o bom amigo, desculpou-se.

— Oh, eu não me referia ao senhor, reverendo Humbly o senhor possui uma mente maravilhosa, simples, pura, e um coração magnânimo.

— Obrigado, minha filha.

— Se todos os homens pudessem ser tão racionais e bondosos ao mesmo tempo — Addy murmurou com genuíno anseio.

Sua vida seria consideravelmente menos tensa se Adam tivesse a doçura, a compreensão e a sensibilidade do pastor Humbly

— Ah, bem, sou um velho. Já passei, e muito, da idade em que se tem facilmente o orgulho ferido e o coração em tumulto — ressaltou o reverendo com brandura. — Um homem, na juventude, não costuma ser racional quando está envolvido sentimentalmente.

Addy franziu as sobrancelhas. Não acreditava, nem por ura instante, que o coração de Adam estivesse envolvido no relacionamento deles. Entretanto, era verdade que ele era extremamente orgulhoso.

— Tudo isso chega a ser insano.

Humbly sorriu, compreensivo.

— Não tenha medo, minha filha. Tudo vai ficar bem. — Notando que no prato havia apenas uma tortinha de limão, ele perguntou: — Será que eu posso comer mais uma destas delícias?

— Naturalmente, reverendo Humbly.

— Ah! — ele exclamou; recostando-se no sofá, saboreou o doce com evidente prazer. — Sua cozinheira é maravilhosa.

Como estava observando o velho pastor de almas, Addy não ouviu a porta abrir-se suavemente. Sentindo um leve formigamento na base do pescoço, virou-se e viu Adam no meio da sala.

Embora ele estivesse usando um traje discreto, cor-de-cinza, sua figura máscula chamava a atenção. As roupas severas evidenciavam sua altura e o vigor do tórax largo. E, claro, nada poderia encobrir a força radiosa de sua simples presença. Essa a era parte dele, da mesma forma que os olhos cinzentos e leve ondulado dos cabelos negros, por um momento eles apenas se entreolharam em silêncio, expressão dele era perscrutadora, a dela, cautelosa, como se ambos estivessem tentando avaliar a disposição do outro. Addy rendeu a respiração ao ver o marido caminhar ao encontro dela Então, a voz do reverendo Humbly quebrou o encanto.

— Adam, bem-vindo ao lar!

Com um ligeiro movimento da cabeça, Adam deixou de olhar para a esposa e curvou-se para o hóspede.

— Obrigado, Humbly. Espero que Addy lhe tenha proporcionado momentos alegres em nossa casa.

— Na verdade, ela demonstrou que é tão severa quanto um feitor — o vigário falou em tom provocativo. — Nunca imaginei que posar para um simples retrato pudesse ser tão extenuante.

Um leve sorriso tocou os lábios de Adam.

— Parece que o senhor precisa espairecer durante algumas horas. O que acha de jantarmos juntos no meu clube?

Os olhos do vigário brilharam ao ouvir o convite.

— Certamente! Será um grande prazer acompanhá-lo.

— Ótimo. Dê-me apenas o tempo de trocar de roupa.

Automaticamente, Addy ficou de pé. Disse a si mesma que estava feliz por não ser obrigada a jantar com o marido. A simples presença dele naquela sala já a estava deixando com o estômago doendo. Seria muito bom fazer uma refeição leve, sozinha, e talvez ler o novo romance que tinha encontrado na Hatchard's, em Piccadilly, na semana anterior.

Sim, tudo isso lhe passou pela mente; no entanto, por que ela sentia aquela traiçoeira pontada de desapontamento?

— Vou avisar a cozinheira que vocês não irão jantar em casa — disse ela forçando um sorriso. — Com licença.

Sem ao menos olhar para o marido, Addy caminhou na direção da porta. Mal saíra para o hall, ouviu Adam chamando-a

— Addy!

Ela parou e virou-se.

— Sim?

— Posso falar com você por um instante? Rapidamente ela pensou em possíveis desculpas para escapar do marido.

De repente sentira-se mal.

Incêndio na cozinha.

Napoleão desembarcara na costa da Inglaterra.

Porém, bastou um olhar dentro dos olhos cinzentos para saber que Adam não desistiria de falar com ela nem que o teto viesse abaixo.

— Se é o que você quer... — conseguiu dizer sem entusiasmo, Indo até ela, Adam segurou-a pelo braço e foram ambos para a biblioteca.

— Devo pedir-lhe desculpas — disse ele, tendo fechado a porta.

— Desculpas?

— Sim, pelo que aconteceu ontem. Eu não tive a menor intenção de estragar sua noite — Adam começou, olhando com firmeza para Addy. — Só posso justificar minha atitude dizendo que nunca simpatizei com lorde Barclay.

— Isso, agora, não tem a menor importância — tornou Addy, não querendo discutir aquele assunto.

— Tem importância, sim. — Minha intenção era proporcionar-lhe uma noite agradável. Eu queria muito que você se divertisse. Mas, quando a vi conversando justamente com Barclay, só pude pensar nas pobres moças que o canalha desonrou e envolveu num escândalo.

— Se a sua preocupação é com escândalo, fique tranqüilo sei me comportar; eu nunca me envolveria num escândalo. Lamento se você não acredita nisso, nem confia em mim.

Os olhos cinzentos flamejaram ao ouvir tal resposta, dita em tom cortante.

— Jamais me passou pela cabeça que você, deliberadamente, procurasse envolver-se em

escândalo, Addy. Mas nem mesmo você pode, em sã consciência, negar que lorde Barclay é precisamente o tipo do malandro encantador que pode virar a cabeça da mais ajuizada e respeitável lady.

— Sou uma lady casada e, repito, sei me comportar.

A expressão de Adam tornou-se dura.

— Sim, é verdade. Mas eu não sou tão presunçoso para ignorar que você não queria se casar comigo.

— Você também não estava nem um pouco ansioso para me aceitar como esposa.

— Está certo. Isso torna a nossa situação ainda mais precária. Nós dois temos de nos esforçar para ser pacientes e compreensivos. É natural que leve algum tempo para estabelecermos um relacionamento de completa confiança mútua.

Addy ergueu o queixo altivamente e defendeu-se:

— Se há alguém que não confia no outro, esse alguém não sou eu.

As palavras zangadas deixaram Adam tenso. Ele sorriu sem humor.

— Não, Addy, não é você. É melhor pararmos por aqui. Já vi que você teima em não enxergar as coisas como realmente são. — Ele curvou-se. — Com licença, preciso trocar de roupa.

Em silêncio, Addy acompanhou-o com o olhar até vê-lo sair para o hall. Parecia haver uma nuvem escura envolvendo-o.

Droga.

Ela daria tudo para não ter discutido com Adam. Naquela manhã, ao sair do quarto, prometera a si mesma esquecer o que acontecera na noite anterior. Assim, quem sabe, a atmosfera da casa, calma, ainda que um tanto fria, seria restabelecida.

No entanto, essa calma parecia tristemente distante.

Era como se a barreira protetora que havia entre ela e o marido tivesse sido derrubada para expor todas as emoções que eles tinham lutado para resguardar.

E agora, por mais que quisesse reparar o dano causado, não sabia como fazê-lo.

Comodamente sentado na poltrona estofada, Adam observou Humbly que olhava com interesse cada detalhe da sala quase vazia. Depois do suculento filé saboreado ao jantar e de animada conversa sobre política com amigos, Adam evitou os salões de jogos lotados e levou o vigário para uma pequena sala de estar nos fundos do clube. Embora Humbly tivesse conhecimento da vida mundana, ele não deixava de ser um inocente vigário do interior e poderia ficar escandalizado com a conversa picante e a jogatina dos dândis da cidade.

Nem um pouco incomodado com o isolamento em que ele e Adam se achavam, o vigário suspirou, feliz.

— Isto aqui é muito agradável. Não apenas esta sala, mas o clube todo.

— É um ambiente tranqüilo — Adam concordou. — Bem, pelo menos na maioria das vezes. Há noites em que alguns almofadinhas exageram na bebida e fazem uma cena. Ou então há briga numa das mesas de jogo.

— Onde há muitos cavalheiros reunidos sem a presença inibidora de senhoras, brigas e cenas são inevitáveis. Faz-me lembrar de meu tempo de colégio.

— E a mim, de meus dias em Oxford. Felizmente sem as infalíveis surras dos alunos das classes mais adiantadas.

— É verdade — Humbly assentiu com um sorriso.

Naquele instante um garçom entrou na sala em silêncio e colocou uma bandeja de prata sobre a mesinha do lado de Adam.

— Seu brandy, sir.

— Obrigado. — Adam encheu dois copos com a bebida e entregou um deles ao vigário.

— Humbly.

— Obrigado — agradeceu o reverendo pegando o copo. Tomou um gole do forte destilado e sorriu satisfeito. — Ah, que agradável diferença dos tempos de jovem. O brandy que bebíamos no colégio era de qualidade inferior.

Adam não escondeu sua surpresa.

— Está dizendo que bebia no internato?

— Não vou negar, Adam. Cometi minhas loucuras na juventude — Humbly admitiu, a expressão nostálgica. — Várias vezes fui para a cama bêbado como um imperador, e outras tantas perdi minha mesada no jogo. Cheguei a ser suspenso por ter roubado charutos do diretor para fumá-los com colegas, às escondidas.

A revelação deixou Adam abismado. Mal podia acreditar que um cavalheiro tão tranqüilo pudesse ter cometido tais faltas. Ainda que nos anos tumultuados da juventude.

— Bom Deus, e seu pai não ficou furioso? — inquiriu Adam, estremecendo, lembrando-se do próprio pai, severo e sempre disposto a repreendê-lo.

— Meu pai era um homem sábio e muito compreensivo. Achava natural um jovem seguir seus impulsos. Eu logo me cansei de acordar de ressaca e de lamentar a perda da magra mesada. Consegui descobrir a verdade e o caminho certo por mim mesmo. Com isso, entendi que, se mudamos de comportamento por vontade própria e não por imposição de alguém, o aprendizado é mais eficaz e duradouro.

Uma vaga suspeita passou pela mente de Adam.

Embora Humbly raramente tentasse forçar seus fiéis ou conquistá-los com preleções fastidiosas, valia-se de meios mais hábeis e perspicazes de conduzi-los no caminho que ele desejava. E normalmente conseguia isso sem que as vítimas jamais suspeitassem de que elas não estavam tomando suas próprias decisões em todas as etapas do caminho.

— Suponho que você esteja certo — Adam concordou, cauteloso.

— Estou, não duvide disso. As pessoas têm de levar na cabeça o coice de uma mula para aprender a não ficar atrás do animal — Humbly prosseguiu em tom ligeiramente divertido

Adam tomou um grande gole do brandy. A referência a uma mula fez com que se lembrasse da esposa obstinada. Essa associação não era nem um pouco lisonjeira, reconheceu, mas no momento não sentia a menor inclinação para ser gentil, tampouco tolerante.

Será que a mulher ingrata não entendera como tinha sido difícil para ele procurá-la para humilhar-se e pedir-lhe desculpa? Pois ele havia passado o dia todo refletindo e se convencera de que devia deixar seu orgulho de lado; viver em paz com a esposa valia qualquer preço.

E o que ela fizera para agradecer-lhe por todo seu esforço?

Arremessara o pedido de desculpas na cara dele, tomada de uma raiva incompreensível.

Naturalmente, ele começava a acreditar que tudo em Addy era incompreensível.

Colérico, apertou o copo que segurava, mas, no mesmo instante, uma voz diminuta sussurrou no fundo de sua mente que Addy não era de todo culpada.

Não haveria necessidade de se desculpar se ele não tivesse perdido a cabeça como um idiota. Ele orgulhava-se de seu autocontrole e de sua lógica; no entanto, sua reação ao ver lorde Barclay adulando sua esposa não fora nem um pouco controlada nem lógica.

Em vez de esperar para advertir Addy quando chegassem em casa, ele atravessara o salão como um louco e a levara abruptamente para o terraço, criando assim exatamente o tipo de

antagonismo entre ele e a esposa que ele estava tão determinado a evitar.

Adam suspirou.

— Eu gostaria de poder corrigir meus erros tão depressa quanto os cometo — murmurou.

— Seus erros em relação a Addy, é isso que você quer dizer? — indagou o vigário com surpreendente percepção.

Adam suspirou novamente.

— Sim, receio ter estragado tudo ontem à noite. A minha intenção era deixar Addy divertir-se, estar entre outras pessoas, eu queria vê-la sorrir. Em vez disso, simplesmente, a deixei zangada e magoada.

— Ela não aceitou que você a prevenisse contra lorde Barclay?

— Não. Ficou imensamente ofendida porque eu estava demonstrando não ter confiança nela.

— E você confia? — Humbly indagou.

Adam sentiu uma revolta crescendo dentro dele. Ele não era nenhum vilão. Apenas tinha experiência de vida e conhecimento suficiente para encarar seu casamento sem grandes expectativas.

— Acho que uma lady não deve flertar com um libertino encantador para não correr o risco de ser seduzida por ele. Especialmente se a lady em questão considera o marido desinteressante.

— Talvez ela precise receber na cabeça o coice de uma mula — sugeriu o reverendo.

Adam piscou ao ouvir o absurdo. Bem que ele tinha vontade de sacudir Addy até fazê-la ter um pouco de juízo, mas não queria nem imaginá-la recebendo um coice de mula na linda cabecinha.

— O que disse, reverendo Humbly?

O vigário mostrou-se encabulado.

— Bem, estávamos conversando sobre modos eficazes de se aprender uma lição. É claro que falei em sentido figurado. Quanto a Addy, creio que ela deve descobrir por si mesma a verdade sobre homens charmosos, mas libertinos.

— Como, descobrir a verdade? E que verdade é essa? — questionou Adam com aguda suspeita de que o inteligente amigo o estava conduzindo para uma direção que ele não queria tomar.

Humbly sorriu com doce inocência.

— A verdade a ser descoberta é que esses homens atraentes servem, quando muito para ser par de uma lady numa valsa ou para acompanhá-la num passeio de carruagem pelo parque, mas são reconhecidamente infiéis e abertamente inclinados a prazeres ilícitos.

— Obviamente. É por isso que são considerados libertinos.

— Acredito que Addy tenha se esquecido do que e estar perto de um libertino. Talvez você deva lembrá-la disso.

As sobrancelhas de Adam juntaram-se num segundo.

— O senhor, certamente, não está sugerindo que eu encoraje minha esposa a envolver-se com lorde Barclay!

— Oh, por Deus, não!

— Ainda bem. — A expressão de Adam tornou-se feroz. — Porque, se aquele depravado se aproximar de Addy, sou capaz de meter-lhe uma bala na cabeça.

Os lábios do vigário moveram-se levemente ao ouvir as palavras inflamadas, mas sua

expressão permaneceu imutável.

— A minha sugestão é que você se torne o libertino.

— Eu?! O libertino? Um devasso? Um imoral? — Adam exclamou, perplexo. — O senhor deve estar maluco.

— Bem, suponho que muitas pessoas me consideram maluco — tornou Humbly com humor. — Mas estou apenas tentando encontrar a solução para seus problemas. Se receia que Addy seja tentada por um libertino, por que não lhe mostrar que a vida dela seria muito desagradável se estivesse casada com um homem menos honrado e confiável?

— Que absurdo! — Adam declarou, suspeitando que o brandy tinha subido à cabeça do vigário.

— Repreender sua esposa e tirá-la do baile também foi um absurdo — devolveu Humbly.

O argumento mexeu com Adam que fechou os olhos ao sentir o aguilhão da culpa.

Reconhecia que seus métodos de lidar com Addy tinham sido um fracasso total. Era incrível como ele tinha o dom de agir do modo mais errado possível.

Mas não seria pior para seu relacionamento com a esposa seguir a ridícula sugestão de Humbly?

Ele sacudiu a cabeça.

— Por Deus, não sei; receio não ser esse o melhor caminho...

— Reflita sobre o assunto, pelo menos.

Adam esboçou um sorriso destituído de humor.

— Bem, uma coisa é certa: não posso tornar a situação pior do que está.

Humbly deu uma risadinha.

— Quem sabe você acabará descobrindo que um pouco de loucura, de vez em quando, pode fazer um bem enorme.

Adam fechou a cara e se questionou se ele não estava maluco.

— Veremos.

Capítulo V

A noite parecia a de um romance gótico, envolvendo mistério e terror.

Relâmpagos rasgavam o céu negro, seguidos de perto pelos estrondos dos trovões que faziam tremer as vidraças. Com o vento que uivava com poderosa força, a chuva açoitava a casa e as venezianas batiam de modo agourento.

Sentada numa poltrona, na frente do fogo crepitante, Addy puxou bem o roupão ao redor do corpo e ali ficou, encolhida, os dentes cerrados.

Tinha ido para a cama horas atrás, depois do jantar solitário e de longo tempo passado com o seu novo romance aberto, simplesmente olhando para uma página do livro, sem conseguir concentrar-se na leitura. Deitara-se, determinada a não ser surpreendida por Adam e o reverendo Humbly ainda acordada, esperando por eles, como se fosse uma patética criança abandonada.

De nada adiantara.

Depois de rolar na cama durante horas, os ouvidos apurados na tentativa de ouvir o som da carruagem do marido, levantara-se da cama e descera para a biblioteca. Com aquela

tempestade bramindo lá fora, ninguém iria achar estranho que ela não conseguisse dormir por estar nervosa demais.

Entrando na biblioteca, acomodara-se na poltrona e ali se deixara ficar, inquieta. O delicado relógio, estilo Luís XIV, sobre a cornija da lareira marcava duas horas.

Onde, inferno, estaria Adam?

Ele sempre voltava do clube pontualmente à meia-noite. Na verdade, o modo como o marido organizava sua vida baseando-se em horários, a irritava. Invariavelmente, ele pisava no degrau da porta de entrada à primeira batida do relógio. Nem um minuto a mais ou a menos.

Isso não lhe parecia natural.

Naquela noite, entretanto, ela estava achando mais irritante não ter a menor noção de onde ele poderia estar. Ou mesmo o que poderia estar fazendo.

Será que ele não tinha um pouco de consideração para com ela? Adam devia saber que aquele comportamento fora do comum iria deixá-la preocupada.

Uma leve batida na porta seguida da figura familiar da governanta fez com que Addy suavizasse sua expressão para aparentar uma calma indiferença. Não queria que ninguém percebesse sua inquietação.

— Aceita mais chá, Sra. Drake? — indagou a governanta. Addy olhou para o bule do chá que àquela altura devia estar gelado.

— Não, obrigada, Sra. Hale.

De repente a sala foi cortada pelo clarão de um relâmpago. A governanta correu para fechar as cortinas.

— Que noite medonha. Medonha demais para alguém ficar fora de casa — comentou a Sra. Hale.

Addy sorriu sem entusiasmo. Pelo jeito não era a única na casa que não conseguira dormir por causa da ausência de Adam.

— Por que não se deita, Sra. Hale? Chatson atenderá o sr Drake e o sr. Humbly quando eles chegarem.

— Estou preocupada. O sr. Drake sempre chega em casa à meia-noite.

— Não se preocupe. Ele e nosso hóspede devem estar se divertindo e perderam a noção das horas — Addy presumiu forçando um sorriso.

— Nunca vi o sr. Drake perder a noção das horas — tornou a governanta. — Tenho medo de que eles tenham sido assaltados ou sofreram um acidente por causa deste tempo horrível.

Esses temores também tinham passado pela mente de Addy mais de uma vez. Londres, à noite, era uma cidade perigosa, com criminosos à solta, prontos para atacar um coche. E, claro, com aquela tempestade, não seria difícil ter acontecido um acidente. Não, tais suposições eram tolas, Addy refletiu, recuperando o bom senso. Se tivesse acontecido alguma coisa, pelo menos um dos cavalariços ou mesmo um conhecido teria vindo informá-la do ocorrido.

— Tenho certeza de que eles estão bem, Sra. Hale — afirmou Addy num tom que transmitiu mais segurança do que a que estava sentindo. — Pode ir deitar-se. Prometo chamá-la se algo tiver realmente acontecido.

— Está bem. Mas isto é estranho. Muito estranho — resmungou a velha senhora saindo da sala.

Sozinha, Addy ficou olhando para as chamas dançantes.

Também ela devia ir para a cama. De nada adiantava ficar sentada naquela poltrona, preocupada, como uma esposa ansiosa, aguardando a volta do marido.

Que absurdo.

No entanto, por mais estranho que pudesse parecer, não conseguiu levantar-se da poltrona e ir para seu quarto. Continuou ali, sentada, encolhida, quase cochilando.

Cerca de meia hora depois, o som de uma voz masculina cantando uma canção imprópria interrompeu-lhe o cochilo.

Levantando-se da poltrona, assustada, Addy tentou clarear a mente nebulosa. Foi uma tarefa difícil, uma vez que ela achava que havia um intruso na casa e parecia determinado a acordar todos os criados com aquela canção escandalosa.

Estava hesitante, sem saber se devia esconder-se ou sair dali correndo e trancar-se no seu quarto, quando a porta abriu-se com um estrondo e uma figura masculina, alta e forte, entrou na biblioteca. Quase morta de susto, Addy quis gritar, mas a voz ficou presa na garganta. Virando-se, ficou paralisada, os olhos arregalados, incrédulos.

O intruso era Adam. Ou, pelo menos, parecia ser Adam.

Ela analisou o homem à sua frente. Os cabelos negros estavam surpreendentemente revoltos e a gravata com o nó afrouxado estava pendurada ao redor do pescoço dele. Mais chocante era o riso escancarado no belo rosto, emprestando-lhe um ar de menino malicioso.

Addy abanou a cabeça.

— Adam?!

Demorou um instante para ele focalizar a figura esbelta da esposa.

— Addy? Com os diabos, o que está fazendo ainda acordada?

Apesar de essas palavras soarem suficientemente claras, Addy notou que a voz do marido estava um pouco arrastada.

— Fiquei preocupada quando vi que já era tarde e você não tinha voltado para casa.

— Mas eu estou em casa. A não ser que eu tenha errado de endereço. — Ele olhou para as estantes cheias de livros. — Não errei não. Esta parece a minha biblioteca.

Addy observou o marido com atenção, se perguntando se ele teria recebido uma pancada na cabeça.

— É muito tarde.

— É mesmo?

— Sim — ela fez uma pausa. — Está se sentindo bem?

O sorriso dele alargou-se.

— Nunca me senti melhor. A noite está linda, você não acha?

Aquele modo leviano de Adam não condizia com sua maneira normal de agir, o que levantou nova suspeita de Addy.

— Você esteve bebendo?

A testa dele enrugou-se, como se ele estivesse achando difícil responder à pergunta.

— Acho que tomei um pouco de brandy no clube. Ah, um brandy excelente se bem me lembro.

— Eu diria que você bebeu muito.

— Talvez.

Sem saber como reagir diante daquele comportamento inusitado do marido, Addy limpou a garganta.

— Alguma coisa o perturba, Adam?

Ele piscou algumas vezes, surpreso.

— Qual a razão dessa pergunta?

— Nunca o vi tão confuso... ou bêbado. Você sempre diz que um cavalheiro nunca perde sua agudeza de espírito.

— Não estou confuso, muito menos bêbado — ele negou, mas em seguida traiu-se, dando um soluço. — Bem, talvez eu esteja um pouquinho "alto"... e "alegre". Você está sempre reclamando que não me divirto, que não aproveito as inúmeras atrações que há em Londres. Eu simplesmente decidi seguir seu conselho.

— Estou vendo — Addy murmurou, aborrecida com aquela observação.

— Ora, eu vim à biblioteca por um motivo... Ah, me lembrei. Brandy!

Adam olhou ao redor, como se fosse incapaz de localizar o móvel onde ficava a bandeja com as bebidas.

— Tem certeza de que precisa beber mais um pouco? — Addy indagou, franzindo ainda mais a testa.

Adam ergueu um ombro.

— Por que não?

— Parece-me que você já bebeu além da conta.

O sorriso dele tornou-se sarcástico ao voltar os olhos para o rosto preocupado da esposa.

— Pensei que você admirasse cavalheiros que gostam de excessos, Addy.

Ela ignorou a provocação e tentou despertar no marido pelo menos um pouco da sua sensatez.

— Convém controlar-se, Adam, senão amanhã você estará muito mal.

— Amanhã é outro dia. Esta noite eu quero mais brandy. Ele deu um passo para frente e cambaleou. Alarmada, Addy correu para ampará-lo.

— Cuidado — murmurou, colocando as mãos no peito dele.

— Parece que o assoalho está se movendo. Estranho, você não acha?

— Adam, realmente, você deve ir para a cama — ela pediu suavemente.

Os olhos cinzentos tomaram-se mais escuros. De repente, foi como se o ar se enchesse de uma energia eletrizante.

— Quer deitar-se comigo?

Addy prendeu a respiração ao perceber que estava tão perto do marido. Pela primeira vez notou que emanava dele uma sensualidade à qual era difícil resistir.

— Adam...

Ele passou os braços ao redor da cintura dela e puxou-a para bem junto de seu peito.

— Você acha estranho eu desejar que minha esposa se deite comigo?

O calor do corpo atlético em contato com o seu deixou Addy nervosa.

Até então Adam sempre mantinha suas paixões severamente controladas. Quando ele ia ao quarto dela e se deitava do seu lado, ela percebia que ele se mantinha frio e, se a procurava era mais por necessidade do que por prazer.

Naquela noite, entretanto, não havia nada controlado nem frio no modo como ele a acariciava, como as mãos hábeis percorriam suas costas e seus quadris. As carícias tornaram-se mais ousadas e o coração de Addy disparou.

— Você não sabe o que está dizendo.

— Ah, sei muito bem — ele murmurou curvando a cabeça para beijar o rosto de Addy. Em seguida esfregou a barba sobre a pele macia e mordiscou-lhe a orelha.

— Sabe que você cheira sempre a lilases?

Entorpecida pela mistura de sensações que a abalavam, Addy mal conseguia se concentrar no que o marido dizia com a voz rouca. Céus, nunca havia imaginado que o toque daquelas mãos grandes e fortes podia deixá-la tão perturbada. Tampouco havia sentido aquele estremecimento descendo-lhe a espinha ao aspirar o cheiro da pele do marido.

— É o perfume do meu sabonete — murmurou tolamente.

— Humm... é muito agradável — Adam sussurrou, mordiscando o lóbulo da orelha da esposa. Ao mesmo tempo começou a tirar com impaciência os grampos dos cabelos dela.

Sem entender como era possível sentir-se como se estivesse se afogando se estava de pé, no meio da biblioteca, Addy segurou com força na lapela do casaco do marido. Algo parecia agitar-se em seu interior. Era um misto de prazer, excitação e crescente desejo.

Ela fechou os olhos ao sentir os lábios sensuais movendo-se da orelha para a curva do pescoço.

— O que está fazendo? — indagou, a voz presa na garganta.

— Quero ver seus cabelos soltos, caídos sobre os ombros.

Adam desmanchou o coque bem-arrumado e passou os de dos pelos cachos negros e pesados. — Que lindos cabelos. Cabelos de cigana.

Puxando levemente os cachos para trás, ele fez com que a cabeça dela se curvasse para oferecer-lhe maior acesso à garganta que passou a beijar com sofreguidão.

— Adam... — ela murmurou, lutando desesperadamente para controlar as sensações tumultuadas que aquelas carícias despertavam nela.

— Sim? — ele murmurou, passando a beijar a curva dos seios.

Os joelhos dela quase se dobraram ao lhe passar pela mente imagens escandalosas como estar deitada no tapete e permitir que o corpo vigoroso do marido pesasse sobre o dela para, ali mesmo, se amarem.

Imaginou também aquelas mãos inquietas acariciando-lhe a pele nua, os lábios famintos provocando nela uma urgência, um desejo cada vez mais intenso que iria alimentar o fogo latente, transformando-o em chamas ardentes da paixão.

Arquejante, ela fez uma última tentativa para ambos recuperarem a razão.

— Você não quer que eu chame seu criado pessoal?

— Por Deus, não! — Ele ergueu depressa a cabeça e fixou na esposa um olhar carregado de desejo. Os olhos que ela julgara frios como aço tinham um brilho abrasador. — Eu só quero que você me beije, Addy.

— Adam, não sei...

— Apenas um beijo, Addy — ele pediu, a voz enrouquecida.

— Um beijo que nada tem a ver com dever ou obrigação conjugal. Um beijo totalmente livre.

Ela devia dizer não, uma vez que o seu comportamento e o do marido estavam sendo mais do que estranhos.

A bebida, era evidente, deixara Adam fora de si, e ela devia ter contraído algum tipo de febre. Que outra explicação haveria para aquela torrente de prazer que a deixava trêmula e lânguida?

Mas, mesmo que a voz da prudência sussurrasse no fundo de seu cérebro, seus lábios se entreabriram num silencioso convite. Naquela noite, por alguma razão desconhecida, queria os beijos de Adam.

Ou melhor, desejava muito mais do que beijos...

Adam notou que a esposa capitulara e, abraçando-a com força, beijou-a de modo tempestuoso e possessivo.

Acostumada a beijos moderados e circunspetos, ela não estava preparada para aquela avidez e arrebatamento.

A cabeça girou ao sentir que o marido, não satisfeito em ter-se apossado da suavidade de seus lábios, a estimulava a entreabri-los para permitir-lhe acesso à tentação ainda maior do

interior de sua boca.

Addy perdeu-se em um mundo novo e ofuscante, de crescente desejo. Pouco se importava se Adam estava ou não fora de si. Desejava apenas ser levada pelas correntes torrenciais que prometiam doces prazeres.

Subitamente as mãos de Adam pousaram nos ombros dela e ele olhou-a como se estivesse entorpecido.

Frustrada por causa da repentina interrupção das alucinantes carícias, olhou para o marido, confusa. Teve a impressão de que ele queria falar, porém ele entreabriu os lábios e emitiu apenas um som que se assemelhou a um gemido. Antes que ele tivesse tempo de se mover, caiu no tapete.

Com os olhos arregalados, Addy viu o marido deitado a seus pés, dormindo profundamente.

A sensação de Adam era a de que havia alguém martelando dentro de sua cabeça.

Gemeu e tentou mudar de posição para exorcizar o impiedoso demônio que o atormentava. Foi inútil. As batidas continuaram e associaram-se a uma dor aguda atrás dos olhos. Ele gemeu novamente e teve consciência de que as batidas não eram dentro da cabeça, mas vinham do outro lado da porta fechada. Também se deu conta de que estava deitado na própria cama, sem uma única peça de roupa, coberto apenas com uma colcha leve.

Conseguiu erguer uma das mãos enfraquecidas e pressioná-la contra a testa. Que se danasse aquele vigário miserável, pensou, irritado. Assim que conseguisse levantar-se da cama, iria estrangular o atrevido com suas sugestões idiotas.

Não suportando mais as batidas na porta, ele gritou, exasperado, sem levantar-se.

— Por Deus, Dobson, pare com esse barulho infernal.

As batidas, felizmente, cessaram, mas quando aporta se abriu Adam constatou que não era seu criado pessoal quem perturbava seu mais do que necessário descanso e, sim, a esposa.

— Bom dia, Adam — ela cumprimentou-o amavelmente aproximando-se da cama e segurando um copo contendo um liquido escuro.

Ele prendeu a respiração ao acompanhar com os olhos os movimentos graciosos do corpo esbelto e o modo como os cabelos negros brilhavam ao sol do fim da manhã.

Recordações da noite anterior assaltaram-lhe o cérebro dolorido. Lembrou-se de que voltara para casa bem mais tarde do que de costume e encontrara Addy na biblioteca.

Lembrou-se também do cheiro de lilases. De sentir nas mãos a seda dos cabelos cacheados. Do gosto delicioso dos lábios de Addy. De senti-la trêmula de desejo nos seus braços.

Desejo.

Depois disso, um manto negro o envolvera.

Um intenso e surpreendente desapontamento abalou-o.

Pela primeira vez, em todos aqueles meses de casado, Addy não ficara rígida ao senti-lo tocando-a. Pelo contrário, mostrara-se lânguida, cálida, deliciosamente apaixonada e pulsante de desejo.

Ele tivera a oportunidade de alcançar o céu e arruinara tudo caindo de braços no chão como um novato idiota.

Suas mãos fecharam-se de raiva e frustração, o que lhe causou uma lancinante pontada na cabeça, obrigando-o a relaxar os músculos tensos.

Muito bem. Havia falhado na noite anterior; não soubera aproveitar a oportunidade de fazer amor com a esposa como nunca tinha feito, mas isso não queria dizer que não haveria

outras chances.

Sabia, pelo menos, que era capaz de fazer Addy desejá-lo.

Não iria perder as esperanças. Sentindo todo o corpo palpitando diante da simples lembrança dos beijos ardentes, ergueu-se um pouco na cama, ficando recostado nos travesseiros.

— Como se sente? — Addy perguntou.

— Péssimo.

— Foi o que imaginei. — Ela apresentou-lhe o copo. — Tome isto. Vai lhe fazer bem.

— O que é isso? — ele quis saber, olhando cauteloso para a estranha mistura.

— Uma receita minha. Eu costumava prepará-la para meu pai.

Certo de que lorde Morrow havia acordado inúmeras vezes de ressaca, ele pegou o copo e tomou toda a mistura.

— Céus, você devia ter-me avisado que isto era horrível — ele reclamou com um estremecimento ao sentir a droga amarga descendo para o estômago.

— O gosto não é tão ruim — ela alegou, muito séria, mas havia um brilho divertido ,nos seus olhos.

— Mulher perversa.

— Ruim, não. E péssimo. O que você colocou nessa mistura?

— Nada mais do que ervas inofensivas

— Ervas daninhas você quer dizer — ele resmungou.

Addy arqueou as sobrancelhas.

— Eu não o obriguei a beber até perder o bom senso.

Mais uma vez Adam desejou torcer o pescoço gordo do vigário.

— Você, não. Devo o estado em que fiquei ao sr. Humbly.

— Está dizendo que um vigário o encorajou a embriagar-se?

Percebendo a tempo que eles caminhavam em terreno perigoso, Adam virou-se para colocar o copo sobre o criado-mudo. Não podia explicar que Humbly lhe dera a idéia ridícula de representar o papel de um libertino. Além disso, ele achava que se tocasse no assunto, Addy iria ficar nervosa ao lembrar-se do modo ardente como havia reagido aos beijos dele.

Aliás, já estava notando que ela mantinha-se rígida, a uma distância segura da cama e evitava até mesmo olhar para seu largo tórax nu. Seria mais prudente não assustá-la, pois isso a levaria a esconder-se imediatamente atrás da barreira de gelo que ela erguia para se proteger.

— Para ser honesto, não me lembro muito bem do que aconteceu ontem à noite—ele respondeu em tom casual. — Humbly e eu terminamos nosso jantar no clube; depois disso, só me recordo de que acordei como se tivesse lutado vários rounds com Gentleman Jackson. E perdido, claro.

Um leve rubor tocou as faces de Addy.

— Você não se lembra do estado em que chegou a esta casa?

— Não. Por que está perguntando?

— Por nada — Addy respondeu depressa.

— Eu a acordei?

— Não, eu ainda estava acordada.

Ele assumiu uma expressão de espanto.

— Acordada? Devia ser muito tarde.

— Era.

— Você não conseguiu dormir? — Adam estava muito interessado em saber por que Addy estava na biblioteca até aquela hora.

— Fiquei muito preocupada com sua demora — ela confessou, relutante. — A Sra. Hale também não conseguiu dormir, certa de que você e o reverendo tinham sido assaltados ou sofrido um acidente.

Um calor agradável encheu o peito de Adam. Então Addy se preocupara com ele? Isso era surpreendente. E maravilhoso.

— Perdoe-me. Não me ocorreu que a minha demora iria deixá-la preocupada.

Ela empertigou-se, tendo percebido que havia falado demais.

— Sou sua esposa. É claro que devo me preocupar.

— É verdade. — Ele deu um sorriso discreto.

Durante alguns segundos eles se olharam como se cada um estivesse avaliando a sutil mudança operada no relacionamento de ambos.

Sem que eles esperassem, aquele instante de privacidade foi interrompido pelo vigário que entrou no quarto com um largo sorriso.

— Bom dia. Perdoem-me a intromissão, mas eu estava ansioso para saber como você está, Adam.

— Sinto-me como se tivesse recebido uma pancada na cabeça — Adam respondeu carrancudo.

O reverendo deu uma risadinha.

— Ah, nos divertimos um bocado.

— Se é o senhor quem está dizendo, confio nas suas palavras, porque não me lembro de termos nos divertido — tornou Adam com azedume.

— Eu não sabia que você cantava tão bem, meu filho.

Adam estremeceu ao lembrar-se vagamente de haver convidado os sócios do clube a acompanhá-lo quando se dispusera a cantar várias canções. Só conseguira um coro meio dissonante.

— Adam cantou no clube? — inquiriu Addy muito admirada.

— Cantou. Mas eu diria que ele escolheu canções impróprias — respondeu Humbly em tom provocativo.

Os olhos de Adam estreitaram-se. Ele devia fazer o papel de libertino, não de palhaço.

— Não acredito que Addy esteja interessada nos detalhes de nossa noite, Humbly.

— Ah. Tem razão. Há assuntos que não são apropriados para os ouvidos delicados de uma mulher.

— Nunca imaginei que você soubesse cantar — observou Addy ardendo de curiosidade para saber mais coisas sobre o comportamento do marido no clube.

— Não gosto de exibir meu talento.

— Bem, vou deixá-lo recuperar-se. Você precisa estar em forma. Lembre-se de que prometeu ao sr. Bates que esta noite iremos à festa oferecida pela esposa dele — disse o reverendo, deixando o quarto em seguida.

— Meu Deus. — Adam suspirou. Quase se esquecera do encontro com Bates ao sair cambaleando do clube.

—Quem é o sr. Bates? — Addy perguntou, franzindo a testa.

— Um velho colega de escola. Creio que prometi mesmo ir a festa na casa dele. Achei que você iria ficar contente.

— Claro — Addy afirmou, porém não parecia feliz com a idéia.

Adam mexeu-se na cama, sentindo-se desconfortável. A cabeça ainda doía, sentia náuseas e tinha um gosto amargo na boca.

Precisava com urgência de um urinol.

— Se não se importa, minha querida, vou tomar um banho quente. Talvez isso ajude a clarear minhas idéias.

Addy assentiu com um movimento da cabeça, mas sua expressão continuou contraída.

Era evidente, Adam concluiu, que o comportamento dele estava deixando-a vulnerável. O que não deixava de ser um sinal promissor, estava convencido disso.

— Vou chamar Dobson.

Com passos ligeiros Addy saiu do quarto, deixando no ar um perfume de lilases.

Adam inspirou o doce aroma e fez votos para que esse fosse apenas a primeira de muitas ocasiões em que o perfume torturante da esposa impregnasse o ar de seus aposentos.

Capítulo VI

As mãos quentes e macias de Adam traçaram, inquietas, um caminho pelas costas de Addy e excitaram-na com carícias estonteantes, fazendo-a sentir como se um fogo líquido lhe percorresse as veias. Ela uniu-se mais ao corpo delicioso do marido quando seus lábios famintos se apossaram dos dela.

Experimentava uma torrente de emoções, esquecida de tudo. Nada mais importava a não ser libertar-se em breve do forte desejo que chegava a doer e que a assombrava...

Em breve.

— Addy. Já terminou? Addy?

Com um sobressalto, Addy abanou a cabeça procurando dispersar as agradáveis imagens que se haviam formado em sua mente. Piscou algumas vezes para voltar à realidade. Estava sentada na poltrona, na sala de estar, o bloco de desenho esquecido no colo.

Notando que o vigário a olhava com curiosidade, sentiu o sangue subir-lhe ao rosto.

Céus, o que estava acontecendo com ela? Uma lady não devia estar diante de um respeitável religioso sonhando acordada com cenas eróticas. Na verdade, uma lady não devia nunca alimentar tais fantasias.

Mas não importava quantas vezes ela se repreendia por ter esses pensamentos impróprios, o fato era que eles lhe vinham à mente, traiçoeiros. Era conseqüência do que acontecera na noite anterior.

Por que Adam nunca a havia tocado com tanta paixão anteriormente? Por que ele não costumava beijá-la com aquela ansiedade, aquele desejo desesperado de sentir o simples gosto dela? Por que ele jamais tentara vencer a frieza dela e não a fizera responder com ardor às suas carícias?

Bem, de nada adiantavam seus anseios.

E aquele não era o momento de meditar sobre a atitude estranha do marido. Não, estando o sr. Humbly observando-a com evidente curiosidade.

— Desculpe. O que o senhor disse?

O reverendo esboçou um sorriso, como se houvesse algo divertido na expressão absorta da amiga.

— Perguntei se tínhamos terminado por hoje.

— Oh, perdoe-me. Creio que podemos parar por aqui.

O vigário sentou-se mais confortavelmente, já que Addy não ia continuar trabalhando, e observou:

— Não quero ser importuno, minha filha, mas tenho a impressão de que sua mente hoje não está no trabalho.

— Reconheço que estou distraída — ela admitiu, sabendo que não podia negar o que era óbvio.

— Há alguma coisa que eu possa fazer para ajudar? Addy ficou pensativa. Não teria coragem de contar o que se passava em seu cérebro, mas talvez o reverendo poderia ajudá-la a livrar-se da crescente inquietação que a importunava ultimamente.

— Pode parecer ridículo, reverendo Humbly, mas estou preocupada com Adam.

— Oh? Ele ainda está com dor de cabeça?

— Não me refiro à dor de cabeça ou à ressaca. Isso vai passar.

As sobrancelhas grisalhas arquearam-se.

— Nesse caso, o que a aflige?

— Adam é muito controlado. Ele jamais bebeu em excesso.

— Ah, bom. — Para surpresa de Addy, o vigário sorriu, como se a inquietação dela não tivesse fundamento. — Todo homem, por mais controlado que seja, deve ser desculpado por um deslize ocasional.

Todo homem, exceto Adam. Ele não cometia deslizes. Nunca, Addy pensou.

— Ontem à noite ele parecia zangado? Contrariado?

— Não, de jeito nenhum — respondeu o vigário com firmeza. — Ele estava com o melhor dos humores. Confesso que fiquei muito feliz ao vê-lo à vontade, pensando simplesmente em divertir-se.

— Suponho que sim...

— Minha querida, imaginei que você iria ficar contente.

— Contente?

— Bem, você se queixou de que Adam era sempre muito rígido. Chegou até a desejar que ele fosse parecido com seu pai.

Addy mexeu-se na poltrona, inquieta. De fato, gostaria que o marido não fosse tão severo e metódico. Que, ocasionalmente, baixasse a guarda para divertir-se um pouco. Mas não queria ter em sua vida outro lorde Morrow.

— Bem, talvez não tanto como meu pai.

— Ah, lorde Morrow é justamente o oposto de Adam. Lembra-se de quando seu pai bebeu demais na taberna local e perdeu o caminho de casa, sendo obrigado a passar a noite no meu jardim de rosas? O pior foi quando ele apostou que conseguiria deter a diligência postal e teve de se esconder do magistrado durante duas semanas. — O pastor Humbly deu uma risadinha. — Certamente lorde Morrow é um homem que sabe beber à vontade da taça da vida.

Para Addy aquelas lembranças eram desagradáveis. Nas últimas semanas ela se sentira nostálgica, desejando voltar para casa e passar algum tempo com sua alegre e imprevisível família. As palavras do vigário, no entanto, serviram para ela lembrar-se de que não ficaria feliz com aquele tipo de vida.

— Concordo com o senhor — disse Addy em voz baixa.

— Sua mãe também é uma mulher alegre, animada. Ela nunca se ateve a essas tolas e enfadonhas regras da sociedade.

Sua mãe era muito mais do que alegre e animada, Addy reconheceu, pesarosa. Lady Morrow era irrequieta, impulsiva e se encantava com cavalheiros jovens com idade para ser seus filhos.

— É verdade, mamãe não se prende a regras.

— Então, você deve entender por que imaginei que você iria ficar contente ao ver Adam comportar-se de modo diferente do convencional.

Addy sacudiu a cabeça. O velho sr. Humbly começava a lhe embaralhar os pensamentos.

— Eu não compreendo o que o levou a mudar de comportamento.

— Quem pode dizer? — O vigário encolheu os ombros e ficou de pé. — Se me der licença, vou descansar um pouco antes do jantar.

— Fique à vontade.

Depois de o reverendo ter saído da sala, Addy continuou com suas reflexões. Havia esperado que a conversa com o vigário, que conhecia desde pequena, iria diminuir suas apreensões, mas se enganara.

Era absurdo pensar que Adam, de algum modo, estivesse tentando agradá-la. Ele não era o tipo de homem capaz de mudar seu estilo de vida por amor a alguém.

Devia haver alguma coisa perturbando-o. Mas, o quê?

A governanta entrou na sala para recolher a bandeja com o serviço de chá. Ao ver que não havia sobrado uma única tortinha de limão, comentou, torcendo o nariz.

— Vejo que o pastor Humbly nunca enjoa de suas tortinhas de limão.

Addy sorriu ao lembrar-se do modo como o velho reverendo comia com apetite e verdadeiro deleite seu doce preferido

—É verdade, ele é louco por elas.

Para surpresa de Addy a governanta ficou parada com expressão desaprovadora.

— Perdoe-me a pergunta, Sra. Drake, mas, quanto tempo o pastor Humbly pretende ficar em Londres?

— Não sei. Isso importa?

Para um ministro de Deus, as atitudes dele não são louváveis. Não creio que ele seja boa influência nesta casa — respondeu a Sra. Hale com sua natural franqueza. — Ontem ele encorajou o Sr. Drake a ficar na rua até altas horas e hoje vai arrastá-lo à festa na casa dos Bates.

— O que há de errado com o Sr. Bates? — Abby indagou, olhando a governanta com curiosidade.

— Com ele, nada. O Sr. Bates é um cavalheiro decente,amigo do Sr. Drake há muito anos. Refiro-me à irmã dele.

— Irmã do Sr. Bates?

— Sei que não devo falar mal dos outros, mas a srta. Bates sempre perseguiu o Sr. Drake. Mandava-lhe bilhetes e o seguia por toda parte. Chegou a tentar comprometê-lo para obrigá-lo a se casar com ela. Por fim, o Sr. Drake passou a evitá-la e deixou de ir aos lugares onde sabia que iria encontrá-la.

— Céus! É incrível o que está me dizendo, sra. Hale! — Addy exclamou, chocada.

— Não pense que foi a srta. Bates a única moça a dar em cima do sr. Drake — continuou a governanta em tom de alerta — Ele sempre foi considerado o grande favorito pelo belo sexo.

Adam?! Poderia Adam Drake ser um grande favorito das mulheres?

Adam fora perseguido e quase se casara?

— Oh — Addy murmurou.

A Sra. Hale balançou o dedo em sinal de advertência.

— Cuidado, Sra. Drake, eu a aconselho a ficar de olho nessa tal srta. Bates. Ela é perigosa, atente para o que estou dizendo.

— Está bem, Sra. Hale, agora, chega — cortou Addy. Por alguma razão, só de pensar em Adam sendo perseguido por jovens solteiras, determinadas, deixou-a com um gosto amargo na boca.

Adam era um homem determinado.

Antes de tomar uma decisão sempre analisava os fatos cuidadosamente, traçava o plano de ação e, a partir daí, movia-se adiante com autoconfiança.

Acreditava ser esse o único modo de se atingir um objetivo. Hesitar ou perder tempo se debatendo antes de tomar uma decisão, era evidente sinal de incompetência. Naquela noite, entretanto, hesitara como nunca. Havia refletido durante longos momentos até, por fim, resolver abrir a porta de conexão entre seu quarto e o de Addy.

Não estava nervoso. Nem um pouco, assegurou a si mesmo. Apenas cauteloso. Addy, ao contrário dele, era uma mulher que se deixava levar facilmente pelas emoções, embora tentasse demonstrar frieza e indiferença. Essa atitude tornava difícil para ele prever de que modo ela poderia reagir em determinado momento.

Uma questão delicada e inquietante para um homem racional como ele.

Entrando no quarto, viu Addy sentada à penteadeira, diante do espelho.

Estava deslumbrante à luz das velas. O vestido rosa-pálido, de cetim, modelava o corpo perfeito, realçando, de modo tentador, o contorno dos seios. Os cabelos negros tinham sido puxados para o alto da cabeça de onde caíam em graciosos cachos, e pequenas mechas adornavam-lhe os lados do rosto.

Uma atordoante, quase irresistível onda de desejo invadiu-o ao admirar a elegante figura da esposa.

Ele lembrou-se vividamente da noite anterior, quando tivera Addy trêmula nos braços. O frescor e o perfume da pele acetinada. O som de sua respiração ofegante enchendo o ar...

Seria tão fácil erguê-la daquela banqueta e carregá-la para a cama. Todo seu corpo vibrava de um desejo que chegava a doer. Porém, o bom senso o fez conter seus impulsos. Ainda não conhecia bem a esposa para saber se ela se entregaria lânguida e apaixonada nos seus braços ou se iria aceitá-lo com tensa e fria resignação.

"Paciência", pensou, frustrado.

Só mesmo o tempo lhe diria se Addy conseguiria superar as barreiras existentes entre eles. Forçá-la, no momento, com certeza seria desastroso.

Perfeitamente controlado, Adam caminhou sobre o tapete com delicado desenho floral e parou do lado da esposa.

— Boa noite, Addy.

Distraída, escolhendo o par de luvas que combinava com seu traje, Addy não viu a aproximação do marido. Ao ouvir sua voz, virou-se depressa e surpresa para ele.

— Adam!

O olhar dele percorreu o rosto pálido, o colo alvo e sedoso e os olhos negros, dois misteriosos lagos cor-de-ébano. O olhar se deteve nos tentadores lábios róseos e macios.

— Você está linda.

Notando a paixão nos olhos cinzentos, Addy sentiu um alvoroço interior. Baixou as pálpebras orladas de longos cílios depois encarou o marido.

— Obrigada. Deseja alguma coisa?

Ele sufocou um gemido. Sabia exatamente o que desejava. Infelizmente, não tinha certeza de que ela desejava a mesma coisa.

— Não — mentiu.

— Será que estou atrasada?

— De jeito nenhum. Eu é que estou adiantado.

— Oh.

Lembrando-se do motivo que o fizera entrar no quarto, inspirou fundo e falou em tom firme para disfarçar o leve constrangimento:

— Ocorreu-me que tenho sido muito negligente.

— Negligente?

— Isso mesmo. Eu devia saber que toda mulher gosta de usar algum enfeite. Especialmente quando vai a reuniões sociais.

Colocando nas mãos de Addy o estojo de veludo que ele trouxera consigo, Adam observou-a enquanto o abria devagar, cheia de expectativa. Ao ver o delicado conjunto formado de um colar de diamantes e um par de brincos, ela ficou boquiaberta. Adam sorriu, feliz. Fizera uma boa escolha.

— Adam! — ela exclamou, maravilhada.

— Gostou?

— Muito! São lindos! — Ela olhou para o marido. — Mas você exagerou. Um conjunto como este é demais para mim.

— Tolice. Mas se você preferir outro tipo de jóias, podemos ir à joalheria para fazer a troca.

— Oh, não! Está perfeito. Obrigada.

Ele a presenteou com um sorriso afetuoso.

— Estou feliz porque você gostou das jóias. Posso ajudá-la?

Pegando os brincos, colocou-os nos lóbulos das orelhas de Addy. Depois, com cuidado, passou o colar ao redor do lindo pescoço e prendeu o pequenino fecho.

— O colar e o brinco ficaram muito bem em você — ele opinou, tocando suavemente os maravilhosos diamantes que refulgiam sobre a pele alva.

Havia nos olhos dele um brilho tão intenso que Addy prendeu a respiração.

— Eu... não sei... o que dizer — balbuciou.

— Não precisa dizer nada. Para mim basta saber que você está contente.

Incapaz de resistir ao desejo, Adam curvou a cabeça e seus lábios tocaram os da esposa. Ela os entreabriu num convite silencioso para um beijo mais ousado, porém ele afastou-se depressa. Não confiava no seu precário controle. Principalmente estando perto daquela cama tão grande e tentadora.

— Espero por você no salão.

Sem coragem de se demorar mais um pouco para ouvir a resposta dela, virou-se e foi para o próprio quarto. Mesmo quando chegou ao corredor, relutou em descer a escada e ir para o salão, no andar térreo.

Para um homem que se considerava possuidor de inabalável autocontrole, ele estava achando absurdo continuar com aquele desejo de abraçar a esposa e de fazer amor com ela.

Entrando no salão, viu com alívio que o reverendo já estava ali, sentado no sofá. Precisava desesperadamente distrair-se para libertar-se de suas fantasias.

— Boa noite, sr. Humbly — murmurou, ficando de pé, do lado da lareira.

— Boa noite, Adam. Está melhor?

Ainda me recuperando. — Ele olhou para o copo de brandy na mão do hóspede. — Por favor, entenda que não posso acompanhá-lo na bebida.

— Certamente. — O vigário encarou-o com firmeza. — Espero que você não esteja pensando em desistir do que combinamos.

Adam fechou os olhos ao lembrar-se do modo desastroso como a noite anterior havia terminado. Não apenas fizera um papel humilhante divertindo metade dos cavalheiros de Londres com suas canções obscenas, como havia caído de bêbado aos pés da esposa. Ah, já se expusera demais.

— Por Deus, Humbly, só consegui fazer papel de idiota se guindo sua idéia ridícula.

Humbly inclinou-se depressa para frente e falou em voz mais baixa:

— Pelo contrário. Addy ficou muito perturbada com sua noite de excessos. Ela me fez inúmeras perguntas, queria saber o que o estava perturbando. É claro que ela começa a perceber que o casamento de vocês pode ser menos monótono. Ela deseja um pouco mais de excitação. Acredite em mim.

Adam ficou carrancudo.

— Desculpe, Humbly, mas continuo a achar sua idéia absurda.

— Dê tempo ao tempo — o vigário insistiu. — Como diz o Livro Sagrado, "Seja forte e permita a seu coração ter coragem".

— É preciso muito mais do que coragem para eu me comportar como um idiota.

— Quer melhorar seu relacionamento com Addy, ou não?

— É claro que sim! — Adam respondeu com impaciência. — Mas não creio que a sua idéia dê resultado.

Fez-se um instante de silêncio enquanto o vigário observava o amigo com desconfortável intensidade.

— Diga-me: o que, exatamente, você deseja ou espera de Addy?

A inesperada pergunta fez com que Adam franzisse a testa.

— Quero que ela se sinta mais feliz com nosso casamento.

— Nada mais? — Humbly insistiu.

— O que está querendo dizer?

— Você não deseja amor? Dar e receber amor?

Adam empertigou-se. Amor? O que tinha o amor a ver com casamento? Respeito, honra e lealdade eram os ingredientes para um bom relacionamento. O amor era para tolos que acabavam se tornando vítimas de suas emoções imprevisíveis.

— Não nos casamos por amor — ele respondeu, pouco à vontade.

— Isso não quer dizer que vocês não tenham o desejo de que exista amor em suas vidas. Você sabia que já fui noivo?

— Não — tornou Adam, surpreso.

Não conseguia imaginar Humbly, solteirão convicto, com uma noiva.

— Sally Falton, era o nome dela. Moça encantadora, tão linda quanto meiga. — Humbly suspirou ao ser assaltado por reminiscências de um passado distante. — Eu a conheci um ano antes de ir para Surrey. Ah, que verão inesquecível passamos juntos.

— Por que vocês não se casaram?

— O pai de Sally era ambicioso e não permitiu que a filha se casasse com um simples vigário. — Humbly encolheu os ombros. — Da mesma forma que Addy, a pobre Sally estava destinada a salvar a família da ruína financeira.

Adam sentiu uma forte dor no peito. Não gostava de lembrar que Addy fora obrigada a

desposá-lo.

— Triste fim de um romance — murmurou.

— É verdade. Na época achei que jamais me recuperaria da desilusão que sofri.

Para Adam era difícil imaginar o reverendo sofrendo por causa de um amor não correspondido.

— Evidentemente o senhor se recuperou.

— Só depois de muito tempo. Tempo longo demais, infelizmente — Humbly lamentou.

— Como assim?

— Durante anos me considerei um mártir no altar do amor Eu achava que Sally era minha alma gêmea e, como não pude tê-la, meu destino era passar minha vida em trágica solidão Quando somos jovens, tudo nos parece excessivamente dramático e irremediável.

Adam observou o amigo com crescente curiosidade. Pressentiu que Humbly tinha um propósito definido para trazer à tona suas lembranças.

O reverendo prosseguiu:

— Os anos passaram e, mesmo sabendo que Sally estava feliz com o marido e os filhos, continuei preso às minhas lembranças. Jurei a mim mesmo nunca mais me apaixonar.

A curiosidade de Adam transformou-se em suspeita. O que aquela velha raposa estava tramando agora? Certamente havia um motivo para o bom vigário fazer-lhe confidencias.

— Lamento, Humbly.

— Eu também. — O vigário ergueu o olhar lentamente. Sua expressão estava sombria. — Fui um tolo. Em vez de deixar Sally apenas como uma doce lembrança, continuei agarrado ao sentimento negativo da minha desilusão. Deixei de observar que havia mulheres lindas e extraordinárias ao meu redor. Quando percebi, eu era um velho sozinho.

— Você não pode se considerar um homem sozinho — contrapôs Adam lembrando-se das inúmeras pessoas que queriam bem o vigário e freqüentavam sua casa.

— Certamente vivo cercado de amigos e os tenho em grande apreço. Mas nada pode substituir o amor de uma esposa e filhos enchendo uma casa. Se eu não fosse tão obstinado, teria procurado um amor que fosse possível em vez de ansiar por um inalcançável. Não há o menor romantismo em se dar as costas para a promessa de felicidade que está bem na sua frente.

Subitamente Adam entendeu aonde o ardiloso vigário queria chegar. Abanou a cabeça e sorriu sem humor.

— Eu lhe asseguro, Humbly, que Addy jamais me oferecerá seu coração, nem que eu deseje intensamente que ela faça isso.

Humbly abanou a mão gorda.

— Vocês estão casados. Será que os anos não passarão de maneira mais agradável se houver afeição entre os dois?

Adam afastou depressa as imagens que lhe passaram pela cabeça. Imagens de Addy feliz ao vê-lo entrando no quarto. Os dois sentados perto da lareira conversando sobre as atividades do dia. Addy na cama dele esperando-o, amorosa, de braços abertos para ele.

Tais pensamentos só podiam deixá-lo desapontado. E cheio de amargura.

Tudo o que tinha a fazer era aceitar o que a vida lhe oferecia e procurar vivê-la da melhor maneira possível.

— Por ora tentarei usufruir ao máximo a alegria a que tenho direito — disse com firmeza.

O vigário ergueu seu copo.

— Então vamos lutar por isso. À batalha, meu filho.

Capítulo VII

Addy sentia-se péssima. As sandálias que até essa noite lhe serviram perfeitamente começaram a lhe apertar os pés. A renda que enfeitava o vestido provocava-lhe coceira, e os grampos dos cabelos estavam lhe causando dor de cabeça. Até o agradável aroma que vinha do salão de jantar causava-lhe engulhos.

Isso era, realmente, um absurdo. Aquela festa elegante era exatamente o tipo de reunião social que mais a agradava.

Ao contrário do último baile ao qual comparecera, o salão da casa dos Bates não estava lotado nem barulhento. Havia bastante espaço para os convidados circularem e todos podiam conversar sem gritar. Reinava ali uma atmosfera agradável onde as pessoas não pareciam preocupadas em fazer comentários maldosos sobre os presentes, tampouco em competir entre si.

Mas, enquanto os anfitriões mostraram-se encantados em conhecer Addy e os outros convidados foram educados o bastante para não demonstrar curiosidade pela estranha no meio deles, Addy estava longe de se divertir.

Em vez de procurar fazer amizade com as jovens senhoras que estavam no salão, preferiu ficar a um canto, isolada.

O pior era que não conseguia afastar os olhos da figura elegante e atraente do marido. Também, não podia ser de outra forma, ela pensou, aborrecida, uma vez que Adam estava se comportando de maneira muito diferente da habitual.

Desde que os dois entraram no salão, ele fora cercado por lindas mulheres. Não, cercado não era o tempo correto. Perseguido. Atacado.

Os olhos de Addy se estreitaram para ver melhor uma loira delicada que no momento segurava no braço direito de Adam, enquanto uma viúva gorducha, persistente, com cabelos cor-de-fogo, colocava suas garras no esquerdo.

Ambas lembravam um par de enfeites, penduradas do lado dele.

E Adam não dava a menor demonstração de estar aborrecido com a atitude atrevida das mulheres, Addy pensou, fervendo de raiva. Pelo contrário, parecia irritantemente feliz. Ria dos comentários espirituosos que elas faziam, curvava-se para sussurrar alguma coisa ao ouvido ora de uma, ora da outra, e olhava para elas, fascinado quando adejavam os longos cílios ou faziam beicinho, amuadas.

Uma exibição revoltante. Absolutamente desavergonhada.

Durante quase meia hora ela esperou que o marido desse algum sinal de aborrecimento. Mas naquele tempo todo ele não tentou uma única vez libertar-se das duas mulheres. Não olhou ao redor como se estivesse desesperado, pedindo ajuda. Nenhum gesto que sugerisse que ele preferia estar no inferno a ver-se capturado por aquelas duas loucas. Nada disso. Demonstrava estar encantado com tanta bajulação e agrados.

Também parecia ter esquecido por completo da existência da esposa.

Movendo os dedos dos pés para exercitá-los, Addy amaldiçoou as sandálias, as rendas, os grampos dos cabelos e o marido que, de repente, tinha aquele comportamento incompreensível.

Por mais que desejasse divertir-se na festa, como isso seria possível, tendo tantos aborrecimentos?

Como se pressentisse que Addy estava contrariada, o reverendo Humbly, de repente,

apareceu do lado dela com duas taças de champanhe e seu sorriso tranqüilizador.

— Ah, Addy, aí está você. Você desapareceu e eu estive me perguntando aonde poderia ter ido.

Tentando esconder seu desconsolo, ela forçou um sorriso.

— Está se divertindo, reverendo?

— Bastante. É bem melhor estar num ambiente onde se possa respirar e não se corre o perigo de ter os pés esmagados por gordas matronas. — Ele dirigiu um olhar travesso para Addy. — Mas, é claro, senti falta do macaquinho.

Como o vigário esperava, Addy sorriu.

— Talvez lorde Umberly venha à festa. Dizem que ele anda sempre com um papagaio no ombro.

— Pelo menos um papagaio é mais comportado do que um macaco. — Humbly ofereceu uma das taças a Addy. — Eu lhe trouxe um pouco de champanhe.

— Obrigada. — Ela tomou um pequeno gole do vinho borbulhante.

— Espero que você não fique a noite toda escondida neste canto, minha filha.

— Não estou me escondendo — Addy replicou, colocando-se na defensiva.

— Não?

— Gosto de observar os convidados.

— Perdoe-me, minha querida, mas quando eu me aproximei tive a impressão de que você estava aborrecida. Para dizer a verdade, você parecia ter acabado de morder uma uva verde.

Uma uva verde, Addy pensou, zangada. O reverendo dizia isso porque não era o pé dele que estava doendo. Não era a pele dele que coçava. Ele não tinha grampos lhe torturando a cabeça muito menos um marido sendo devorado por um bando de harpias.

— Que absurdo, reverendo.

— Talvez. Bem, o que me diz de nossos anfitriões?

— O sr. e a Sra. Bates são muito simpáticos.

— Sim. O sr. Bates é um velho amigo de Adam. Eles parecem tão diferentes, mas segundo consta, os opostos se atraem.

Addy refletiu por um momento e reconheceu que o reverendo tinha razão. O sr. Bates era extrovertido, tinha o riso fácil. Não se parecia nem um pouco com Adam. Claro e escuro. Era uma pena que o mesmo não se aplicasse a marido e esposa.

— Sim, é verdade.

— Se não me engano, aquela jovem que está com Adam é a irmã do sr. Bates.

— Deve ser. Não fui apresentada a ela. — Addy rangeu os dentes ao olhar para a pequenina loira grudada em Adam.

— Ela é muito bonita.

— Passável. Um tanto insípida.

— Adam e ela devem se conhecer desde pequenos. Nota-se que há intimidade entre os dois.

Imediatamente Addy lembrou-se da advertência da Sra. Hale e cerrou os punhos.

— Não sei, reverendo, Adam nunca me falou sobre o sr. Bates ou sobre a irmã.

O reverendo notou o tom rancoroso, mas não o demonstrou. Ficou por um instante observando o trio do outro lado do salão.

— E aquela senhora bonita, do outro lado de Adam, com cabelos cor-de-fogo, quem é?

— A Sra. Wilton — Addy informou secamente. Detestara a mulher assim que lhe fora apresentada. — Ela é viúva.

— Ah. Ela também parece ser conhecida de Adam de longa data.

Só conhecida? A mulher estava agarrada a Adam.

— Deve ser.

— Vamos até eles?

— Não! — Addy falou depressa. E com veemência. — Acho melhor não me intrometer.

— Intrometer? — repetiu o reverendo, confuso.

— Adam, obviamente está se divertindo — Addy explicou a contragosto. — Nunca o vi tão contente.

— Bem, ele está apenas sendo gentil com duas pessoas conhecidas — volveu o reverendo, como se não estivesse vendo maldade no comportamento afrontoso das duas mulheres.

— Parece que Adam tem a mesma opinião, reverendo — Addy murmurou em tom cáustico.

— Addy, que surpresa agradável! — uma voz masculina interrompeu a conversa dos dois.

Virando-se, temerosa, ela viu lorde Barclay do seu lado. Estava elegante como sempre, usando casaco carmesim, os cabelos dourados reluzindo à luz das velas dos lustres e candelabros. Um homem capaz de fazer disparar o coração de uma mulher.

Mas Addy não estava com disposição para conversar com o lisonjeiro e sedutor lorde. Naquela noite precisava manter-se atenta àquelas mulheres atrevidas e traiçoeiras.

— Boa noite, lorde Barclay — murmurou educadamente.

— Reverendo Humbly — lorde Barclay curvou-se diante do vigário.

— Milorde. — Humbly também se curvou à sua maneira desajeitada. Endireitando-se, sorriu. — Com licença, vou comer alguma coisa no salão de jantar.

Lorde Barclay ergueu o monóculo para observar o vigário que se afastava. Tinha no belo rosto uma expressão zombeteira-

— Céus, acho que o velho tolo devia fazer regime. Cada vez e o vejo está mais gordo.

Essas palavras indelicadas irritaram Addy. Não tolerava pessoas que caçoavam de quem quer que fosse.

— O sr. Humbly é um homem muito bondoso e correto. Também está hospedado em minha casa.

Percebendo depressa que cometera um grave erro, lorde Barclay reuniu todo seu charme ao desculpar-se.

— Perdoe-me. Reconheço que o sr. Humbly é um bom homem. E tem o bom senso de não passar um sermão nas pessoas quando cometem um erro.

Addy continuou irritada.

— Ele tem muitas outras qualidades. E é ótima companhia.

— Já chega de falarmos sobre Humbly — tornou lorde Barclay com impaciência. — Estou mais interessado em você. Quando Foley me convidou para vir a esta festa, achei que iria morrer de tédio. Mas agora me sinto em débito com meu persuasivo amigo.

— Verdade?

— Claro. É maravilhoso ter outra oportunidade de vê-la e admirar sua beleza. Considero isso uma sorte rara.

— Adulador.

— Você não acredita que eu esteja sendo sincero? — Ele aproximou-se mais de Addy e chegou a encostar-se ao braço dela.

O leve contato desagradou-a. Não sentiu os tremores e o enlevo causados por um simples olhar do marido. Estranho, considerando que lorde Barclay era o tipo de homem que ela sempre julgara preferir.

— Asseguro que fiquei extremamente desapontado naquele baile, quando nossa conversa foi interrompida daquele modo tão rude — lorde Barclay acrescentou.

— Se bem me lembro, nossa conversa tinha terminado naquela noite. Da mesma forma, está terminada agora. Nada temos para dizer um ao outro.

— Não, Addy, nada terminou — ele protestou. — Este nosso reencontro em Londres é apenas o começo.

— Começo de quê? — ela perguntou rudemente. Ele sorriu.

— Do que você desejar.

Addy sacudiu a cabeça.

— Espero que você não se tenha esquecido de que estou casada.

Lorde Barclay deu um passo para trás e levou a mão ao peito num gesto dramático.

— Como eu poderia me esquecer dessa horrível tragédia? Mas veja, seu fiel marido parece divertir-se no momento. Por que você também não procura ter um pouco de prazer? Venha comigo. Vamos até o jardim.

Voltando a atenção para o marido, Addy prendeu a respiração. A Sra. Wilton estava segurando a lapela do casaco dele.

— Addy!

O som de uma voz indesejada ao seu ouvido fez com que ela olhasse para lorde Barclay com impaciência.

— O que disse?

— Convidei-a para ir até o jardim comigo.

— Não. Não, obrigada.

Os olhos do charmoso lorde estreitaram-se, tendo percebido a irritação de Addy.

— Imaginei que você tivesse mais amor-próprio, Addy. Não sei como suporta ficar aqui, negligenciada, sozinha.

Mais uma vez lorde Barclay falou o que não devia. Addy olhou para ele com expressão gélida e desaprovadora. Não precisava que homem nenhum lhe dissesse que ela estava se comportando como uma idiota. Tinha inteligência suficiente para saber disso por si mesma.

— Se me der licença, milorde, vou encontrar-me com o sr. Humbly.

Erguendo a cabeça altivamente, Addy afastou-se. Negligenciada e sozinha, francamente, pensou, fervendo de raiva.

Que todos os homens fossem pro inferno. Quanto a Adam, podia divertir-se à vontade com todas as mulheres atrevidas que adoravam pôr suas garras no marido de outras. Pouco se importava.

Que se danassem todas elas.

Passava das duas da madrugada quando Adam terminou de ler os últimos relatórios do Departamento de Guerra.

Não pôde esconder a pontada de culpa por ter negligenciado suas obrigações para com o

ministério. Embora prestasse serviços como simples consultor e não estivesse diretamente envolvido nas decisões finais que determinavam o curso da guerra, sabia que sua opinião tinha muita importância. O ministério dependia de sua visão e dos anos de estudo em estratégias de combate. Também precisava de sua firme recusa de tornar-se envolvido nas facções políticas que criavam discórdia entre aqueles que deviam se unir.

Entretanto, mesmo tendo perfeita compreensão de que seu trabalho era necessário ao país, não se arrependia nem um pouco do tempo dedicado a seu plano de conquistar a esposa.

Um leve sorriso marcou-lhe os lábios ao sair do escritório.

Sem dúvida, ele deixara Addy muito zangada na festa do casal Bates. Do lugar onde ela se achava, a um canto do salão, não permitira que seu olhar fulminante se afastasse da Sra. Wilton e da srta. Bates que disputavam a atenção dele. Nem mesmo a aproximação do desprezível lorde Barclay conseguira diminuir a raiva, talvez o ciúme, de Addy. Valera a pena ter suportado o modo escandaloso de ambas tentarem seduzi-lo.

Também valera a pena ter passado as horas em que permanecera na festa conversando alegremente e flertando com as lindas mulheres que não perdiam a chance de se aproximar dele ou de chamar-lhe a atenção com olhares mais do que convidativos. Certamente Addy não ficaria tão zangada se não sentisse alguma coisa por ele. Ainda que fosse apenas sentimento de posse.

Sim, ele disse a si mesmo. Tinha sido uma noite muito proveitosa.

Ia subir a escada, mas ao passar pela biblioteca, notou uma leve claridade por uma fresta da porta. Intrigado para saber quem poderia estar ali àquela hora da madrugada, empurrou a porta.

Muito surpreso, viu Addy sentada numa poltrona, usando nada mais do que um négligé, os gloriosos cabelos presos numa trança.

O olhar de Adam estreitou-se ao notar que as chamas dançantes do fogo da lareira brincavam sobre o corpo dela, revelando sua beleza sob o tecido diáfano.

Invadiu-o um desejo ardente, perigoso, ao ver as curvas sensuais daquele corpo.

Devia sair dali, pensou, ao perceber um calor e súbito endurecimento de certa parte de sua anatomia. O desejo de se deitar com a esposa aumentava cada vez mais, chegando a doer. Só mesmo a firme determinação de seduzir Addy devagar e por completo, até que ela implorasse por seu amor, impediu-o de erguê-la nos braços, carregá-la para a cama, e se amarem até a semana seguinte. Ou talvez o próximo mês. Não haveria mais noites em que ela simplesmente ficava sob o corpo dele, tensa, sofrendo seu martírio.

Deu um passo para trás e interrompeu repentinamente sua retirada estratégica quando Addy olhou para ele, atônita.

— Adam!

Ele sufocou seu desejo e foi ao encontro dela, esforçando-se para ignorar sua silhueta. Poderia perfeitamente manter com ela uma conversa agradável sem precisar carregá-la para o tapete e embriagar-se na sua doçura.

— O que está fazendo acordada até esta hora, Addy?

Ela encolheu os ombros, suas mãos brincavam descuidadas com uma fita do négligé.

— Não consegui dormir.

— Vi uma tênue claridade pela fresta da porta e achei que a Sra. Hale se esquecera de apagar as velas — Adam explicou. — Alguma coisa a preocupa?

— Não. Nada. — Ela tentou sorrir. — Eu estava com insônia, apenas isso.

Claro, Adam pensou com uma sensação de triunfo. Addy não conseguiu dormir por estar perturbada com os acontecimentos daquela noite. Talvez as idéias de Humbly não fossem de todo malucas.

— Você está bem mesmo? Tem certeza de que não precisa de nada? — ele indagou

parecendo inocente. — Estranhei vê-la tão calada quando voltamos para casa. Achei que devia estar aborrecida.

— Por que eu estaria aborrecida?

— Talvez com lorde Barclay. Ele disse ou fez alguma coisa que a magoou ou a ofendeu?

— Nós conversamos muito pouco.

— Bem, foi impossível não notar que você se afastou dele bruscamente, deixando-o parado com aquela expressão petulante e cínica.

Os olhos negros estreitaram-se.

— É surpreendente que você tenha conseguido perceber alguma coisa.

Adam controlou-se para não rir.

— O que está querendo dizer?

— Você parecia muito ocupado — ela replicou num tom que só podia ser descrito como ríspido.

— Eu estava apenas me divertindo como você sugeriu. Não fiz nada demais — ele defendeu-se brandamente. — Pelo que entendi, você não queria me ver entediado em festas.

Addy enrubesceu.

— Bem, certamente não faltou quem quisesse entretê-lo ou lhe fazer companhia.

— Addy, você não está com ciúme, não é mesmo?

Fez-se repentino silêncio. Os olhos de Addy arregalaram-se.

Ter ciúme? Ela? Impossível.

— Simplesmente fiquei perplexa ao ver que mulheres supostamente bem-educadas se comportassem de maneira tão escandalosa.

— Refere-se à Sra. Wilton?

Adam quase pôde ouvir os dentes da esposa rangendo.

— A ela e à srta. Bates. Ambas praticamente caíram em cima de você.

Adam sentiu um estremecimento ao lembrar-se do assédio das duas mulheres. Apesar da sua vaidade natural de ser admirado pelo sexo oposto, odiava ser disputado por duas mulheres levianas e gananciosas que o viam como um prêmio valioso.

Mesmo naquele momento, sentia o nariz ardendo por causa da onda de perfume que havia aspirado no salão. E tinha dor nos braços causada pelo aperto das garras de unhas compridas e afiadas.

— Não acha que está exagerando, querida?

— Você nega que elas estavam dando escandalosamente em cima de você? — ela perguntou com voz contida, por isso mesmo perigosa.

Adam olhou-a dentro dos olhos.

— Não menos escandalosamente do que lorde Barclay dá em cima de você — ele devolveu.

Addy ficou boquiaberta. Então era isso! Adam queria ferventemente que ela sentisse, na festa dessa noite, o mesmo tormento que ele havia experimentado ao vê-la com o devasso lorde de cabelos dourados.

— Bem, o que posso dizer é que aquelas mulheres espetaculosas se expuseram de maneira vulgar — ela murmurou, por fim.

— Agora é a minha vez de perguntar se você confia em mim — ele declarou suavemente.

Levantando-se da poltrona, Addy foi até uma das janelas. Adam prendeu a respiração ao

segui-la com o olhar, observando o gracioso balanço de seus quadris. Quase podia sentir suas mãos percorrendo aquelas curvas suaves.

— Nós dois sabemos que nos casamos por conveniência, não por amor — ela observou com cautela. — Você pode muito bem sentir atração por outra mulher.

Sem conseguir evitá-lo, Adam viu-se indo para perto da esposa. Por mais que estivesse exultante por Addy demonstrar que sentia ciúme dele, não podia deixá-la acreditar que ele seria capaz de traí-la.

— Não, Addy, não sinto a menor atração pela Sra. Wilton nem pela srta. Bates — ele assegurou. — Prefiro mulheres de cabelos e olhos negros.

Addy virou-se devagar para encará-lo. Era visível a tensão no rosto pálido.

— Está dizendo isso para me agradar.

— O que eu disse é a pura verdade. — Adam acariciou as faces da esposa. — Lembra-se daqueles dias em que esteve pintando as velhas ruínas, nos limites da propriedade de seus pais com a minha?

— Sim.

Por um momento Adam perdeu-se na suavidade dos olhos negros.

— Eu podia vê-la da janela de minha casa e ficava por longo tempo olhando-a, fascinado. Adorava observar o modo como o vento desmanchava seus cabelos e fazia sua saia dançar ao redor do seu corpo.

— Você me disse que eu parecia uma garota levada. — o tom de Addy continha uma leve acusação.

— Não, eu a achava linda — Adam corrigiu-a. — Mas é verdade que havia em você algo tempestuoso, vibrante, atrevido. Suponho que pensei em domá-la para que você não fugisse do meu controle.

— E eu sempre pensei que você se envergonhasse de mim.

Ter vergonha de uma mulher linda e vibrante? O coração dele ficou apertado só de pensar nas regras que impusera a uma mulher tão livre, alegre e espontânea.

— Não diga uma coisa dessas, Addy. — Ele desfez a trança dos cabelos dela, deixando-os soltos, caídos sobre os ombros. — Você é tão linda.

— Adam! — ela exclamou, olhando muito surpresa para o marido, tendo notado sua excitação.

Ele correu os dedos pelos cachos negros, liberando um agradável perfume de lilases.

— Seus cabelos me deixam louco — ele sussurrou e tocou de leve os lábios nos de Addy.

— São tão comuns. Nem se comparam aos cabelos flamejantes da Sra. Wilton.

— Mas você não me viu soltando os cabelos dela? — observou ele rindo.

— Ela não faria a menor objeção se você os soltasse.

— Mas você ficaria doida de raiva se eu fizesse isso, não?

Addy ficou em silêncio. Depois suspirou e admitiu:

— Ficaria.

— Foi o que pensei.

Era tão intenso o desejo de arrebatar Addy nos braços, de amá-la sem demora, de perder-se no seu perfume, no seu corpo, que ele chegou a tremer. Curvou a cabeça e encostou os lábios nos dela, exigindo um beijo.

Ela os entreabriu numa promessa de sedutoras delícias, deixando certo músculo do corpo de Adam intumescido com gritante desejo. Bastaria um puxão. Um puxão apenas e ela estaria

deitada no tapete, seu corpo ávido e pulsante cobrindo o dela. Cada célula do seu corpo incitava-o a satisfazer seu desejo, mas o rígido controle que governava sua vida salvou-o de cair em tentação. Com um profundo gemido, ergueu a cabeça, relutante. Addy ainda não estava pronta para entregar-se a ele de corpo e alma como ele desejava. Notando que ela olhava para ele, confusa, afastou uma mecha de cabelos da testa dela e beijou-a suavemente.

— Não fique acordada até tarde, querida — recomendou-lhe.

Foi muito difícil para ele virar-se e afastar-se da esposa.

O que o impediu de colocá-la no ombro e carregá-la para sua cama foi a certeza de que em breve ela se entregaria a ele sem reservas. Essa iria ser a experiência mais gloriosa de sua vida.

Paciência.

Ao sair da biblioteca para o corredor, ele gemeu alto.

Capítulo VIII

O reverendo Humbly olhou com atenção os inúmeros esboços espalhados pela mesa.

— Este aqui — escolheu, indicando um dos desenhos.

Addy sorriu, satisfeita. O esboço, um dos mais simples, mostrava o vigário sentado com naturalidade, tendo nos lábios o sorriso doce e único.

— Também gostei mais desse — disse ela, aprovando a escolha do pastor. — Revela dignidade sem ser pretensioso.

— O desenho está exatamente como eu queria que ficasse. — Humbly assentiu com um movimento da cabeça. — Sempre confiei no seu talento, Addy.

Um súbito rubor coloriu as faces dela. Saber que não havia desapontado o bom e querido amigo causou-lhe imenso bem-estar.

— Isto é apenas um esboço — ela sentiu-se impelida a explicar. — Há ainda muito trabalho a ser feito.

O vigário suspirou.

— Imaginei que você iria dizer isso. O que significa horas e horas posando.

Addy riu ao notar a expressão de mártir do pastor.

— Não se preocupe. A cozinheira não deixará de preparar suas tortinhas de limão.

O rosto nédio iluminou-se à menção de seu doce preferido.

— E talvez alguns daqueles bolos de amêndoas? Também os adoro.

— Há algum tipo de comida que o senhor não adore? — Addy provocou-o.

Humbly fez uma careta.

— Sanduíches de pepino.

— Nesse caso eles nunca irão aparecer na bandeja à hora do chá.

— É muita atenção de sua parte, minha filha. — Humbly deu uma palmadinha na mão da jovem amiga.

Pegando o esboço escolhido, Addy considerou todo o trabalho que teria pela frente. Trabalho que a enchia de entusiasmo e lhe dava motivo para olhar cada novo dia com otimismo.

— Vai demorar alguns dias para transferir o esboço para a tela. Preciso comprar o

material necessário.

— Está bem — Humbly concordou. — Aproveitarei a oportunidade para visitar o bispo. Já adiei demais a visita a Sua Excelência Reverendíssima.

— O senhor não parece muito contente em ter de fazer essa visita — Addy observou, tendo notado o tom reticente do vigário.

— Oh, o bispo é uma pessoa excelente — Humbly assegurou. — Homem de grande inteligência e erudição. Um digno representante da Igreja. Há poucos homens que admiro tanto quanto ele.

— Sendo assim, o que o preocupa?

Humbly meneou a cabeça.

— De certa forma, apesar de minha idade, sinto-me como um aluno sendo chamado ao gabinete do diretor.

Addy sentiu um imenso carinho pelo pobre homem. Conhecia muito bem aquela sensação de desfalecimento ao se aproximar de uma pessoa dominadora. Não se encolhia, receosa todas as manhãs, quando era chamada à presença do marido na biblioteca?

"Isso não acontece mais", uma voz sussurrou-lhe no cérebro.

Estranho. Aquele ressentimento, a raiva surda que sempre acompanhava quando ia falar com Adam, havia desaparecido reconheceu. Inexplicável. Mas não podia negar que, apesar de ainda tremer quando o marido estava perto dela, esse tremor nada tinha a ver com aborrecimento ou receio. Pelo contrário um desejo latejante, uma vibração mágica percorria-lhe o corpo todo.

Mesmo sem querer, veio-lhe à lembrança a cena da noite anterior, em que Adam a abraçara.

Se o comportamento atrevido da Sra. Wilton e da srta. Bates a irritara, o evidente prazer que Adam demonstrara sentir com aqueles avanços a deixara ainda mais furiosa.

A raiva, porém, transformara-se num desejo, numa vontade faminta, quando Adam se apossara de seus lábios num beijo imperioso.

Por um momento ela desejara unir seu corpo ao do marido. Suplicar-lhe que pusesse um fim àquela dor que inchava dentro dela.

Uma dor que tinha perdurado noite adentro, e mesmo agora a estava deixando inquieta e palpitante.

Levando inconscientemente a mão ao peito, lutou para controlar os pensamentos impróprios.

Céus, se continuasse com aqueles devaneios sensuais, acabaria se igualando à Sra. Wilton com seus olhares sedutores e sorrisos suplicantes.

Por fim, ela voltou-se meio encabulada para o vigário, desejando ardentemente que ele não tivesse notado suas faces afogueadas.

— Fique tranqüilo. Seu encontro com o bispo não pode ser desagradável — conseguiu dizer, tentando animar o bom vigário.

— Não tenho tanta certeza — tornou Humbly. — Na última vez que Sua Excelência Reverendíssima visitou a paróquia, consegui derramar o bule de chá no colo dele. Depois, quase o deixei manco, quando tropecei em um degrau e rolamos os dois escada abaixo.

— Oh, meu Deus! — exclamou Addy, sem conseguir conter o riso.

— Há algo no homem que intimida, acredite — disse Humbly, aflito.

— Entendo. Não é agradável sentir-se como um garoto desajeitado.

— Exatamente. — Sem que Addy esperasse, o pastor sorriu. — Apesar de tudo, devo cumprir meu dever. Devo ter cuidado com minhas mãos e mover-me o menos possível, uma vez que sou tão desastrado.

— Tenho certeza de que o senhor será gentil e agradável como sempre.

— Você é uma boa garota.

O barulho da porta se abrindo interrompeu-os. Era a governanta que entrava com uma bandeja. Addy dera ordens para que servissem um lanche enquanto ela trabalhava no retrato do Sr. Humbly. A Sra. Hale dirigiu-se a Addy com expressão indecifrável.

— O chá, Sra. Drake.

— Obrigada, Sra. Hale. O sr. Drake ainda está em casa?

— Sim, madame. Está no andar de cima e deu ordens para não ser perturbado.

Addy franziu a testa. Era estranho Adam não ter saído até aquela hora. E o que poderia estar fazendo para não querer se interrompido?

— Obrigada, Sra. Hale. Isso é tudo. Pode ir — ela murmurou distraída.

A governanta dirigiu ao vigário um olhar desaprovador antes de sair da sala. Ele aproximou-se de Addy.

— Receio que a Sra. Hale não goste de mim.

— Deve perdoá-la, reverendo. A Sra. Hale acredita que o comportamento estranho de Adam esteja, de algum modo, ligado à sua visita.

— Oh! — As grossas sobrancelhas do vigário arquearam-se. — Então Adam tem-se comportado de maneira estranha?

— Ora, o senhor não notou que ele está diferente? — Addy indagou, surpresa. Mesmo sendo um pastor, o sr. Humbly devia ter percebido que o amigo naqueles poucos dias havia cometido excessos. — Ontem à noite, por exemplo, Adam permitiu que aquelas mulheres o assediassem como se ele fosse um libertino qualquer.

— Um libertino? Na minha opinião Adam quis apenas ser simpático — discordou o reverendo, fitando Addy de modo perscrutador.

Addy cruzou os braços.

— O senhor há de convir que ele não fez nada para desencorajar os avanços daquelas... mulheres.

— Creio que nem adiantaria tentar desencorajá-las.

— Não mesmo. Que escandalosas. Desavergonhadas.

— Addy, você não pode culpar o pobre Adam se não foi ele quem se comportou mal. Como cavalheiro seria indelicadeza da parte dele deter aquelas ladies.

Addy admitiu que o reverendo tinha razão.

As mulheres tinham agarrado Adam com tal determinação que só mesmo uma parelha de bois poderia arrastá-las para longe de sua presa. Se ela reconhecia tudo isso, por que a lembrança da cena continuava a perturbá-la?

Não era de admirar que o marido a havia acusado de ciumenta.

Ciumenta? Não era possível, disse a si mesma, com um choque Estar com ciúme do marido seria o mesmo que admitir que gostava dele.

E não podia gostar de um homem que não havia escolhido para seu marido. Um homem que não sentia desejo nenhum por ela devia lembrar-se disso.

Abalada por esses pensamentos indesejados, abanou a cabeça como se assim pudesse expulsá-los da mente. Ela não havia sentido ciúme de Adam. Apenas não lhe agradara vê-lo expondo-se a comentários maldosos por causa de mulheres que não tinham a menor decência.

Nada do que pensou lhe serviu de conforto, mas isso era preferível a avançar mais fundo no labirinto confuso de suas emoções.

— Só acho, reverendo Humbly, que Adam não precisava demonstrar que estava

adorando ser adulado por aquelas mulheres — alegou.

Os olhos castanho-dourados ganharam súbito brilho.

— Bem, pelo menos Adam não está sendo maçante nem dominador.

Desconfiada de que o reverendo zombava dela, Addy franziu as sobrancelhas.

— O que está querendo dizer?

— Nada. Com licença, preciso me trocar para ir ao palácio episcopal. — O pastor curvou-se e deixou a sala, apressado.

O que o sr. Humbly havia insinuado? Será que ele achava que ela preferia um marido devotado à bebida e às mulheres? Absurdo.

Certo. Reconhecia que se queixara dos hábitos rígidos de Adam e de sua falta de interesse por tudo que não fosse estratégias bélicas. E talvez até ansiasse, secretamente, que o marido fosse mais ousado.

Mas...

Ela mordeu o lábio inferior.

Mas, o quê?

Adam, evidentemente, estava tentando soltar-se, começava a deixar de ser um homem severo e inflexível para agradá-la Estava até indo a festas, coisa que ele detestava por achar perda de tempo.

Então, todo aquele esforço era para proporcionar prazer à esposa?

Só o fato de ele levar os sentimentos dela em consideração já era um milagre.

Mas Addy sabia que, no fundo, não estava contente.

Não. Nem um pouco feliz.

Adam sentia-se como um menino.

Bem, como um menino cujo pai não era severo demais a ponto de proibir uma criança de ser feliz e ter suas fantasias.

Com grande entusiasmo, acompanhou os homens com suas mercadorias, até o depósito que havia mandado limpar e encerar. Até então ele nunca havia tentado fazer uma surpresa a alguém e agora experimentava o prazer que um gesto desses podia proporcionar.

Na verdade, mal podia conter sua impaciência ao ordenar aos criados que tirassem as mercadorias dos caixotes e às arrumadeiras que terminassem logo de pendurar as cortinas que combinavam com o sofá e as poltronas revestidas de cetim de suave tom cor-de-rosa.

Somente quando toda a decoração ficou pronta, ele desceu e foi à sala de estar onde Addy trabalhava. Encontrou-a sentada perto da janela, com um esboço na mão. Ela não deu pela presença dele.

Por um momento ele simplesmente embriagou-se com sua beleza. O sol tornava os cabelos negros reluzentes como ébano envernizado. A pele perfeita, sem uma única mancha, tinha um brilho de pérolas e o vestido fino de musselina modelando aquelas curvas...

Não.

Adam pôs um fim abrupto e firme aos pensamentos perigosos.

Só Deus sabia como ele havia passado a noite atormentado, com as imagens daquelas curvas retidas na retina. Receava que seus nervos não suportassem mais tal tentação.

Lembrando-se do que o trouxera àquela sala, foi ao encontro da esposa.

— Addy, posso falar com você um instante?

Ela ergueu a cabeça, surpresa.

— Oh, Adam! Claro. O que é?

— Quero lhe mostrar uma coisa.

Addy ficou de pé e o marido ofereceu-lhe o braço.

— Aonde vamos? — ela indagou.

— Você verá.

Eles subiram para o primeiro andar e seguiram pelo longo corredor. Pararam no fim do mesmo e Adam abriu uma porta.

— Entre, Addy.

— Mas aqui não é o depósito?

— Era.

Antes de entrar no cômodo, Addy olhou com atenção para o rosto compenetrado do marido. O que será que ele queria lhe mostrar, indagou a si mesma, passando pela porta. De repente parou, boquiaberta, os olhos arregalados. Mal podia acreditar no que estava vendo. O antigo cômodo que usado como depósito transformara-se num elegante ateliê.

Nas estantes que tomavam duas paredes havia todo tipo de material para pintura que podia ser encontrado em Londres. A um canto estava um grande número de telas. O conjunto de sofá e poltronas fora colocado na frente da lareira. A decoração toda em rosa, não podia ser mais delicada.

— Oh, Adam! Que lindo! — ela exclamou, vibrando de contentamento.

Soltando a respiração que havia prendido, Adam sentiu um agradável calor de satisfação percorrer-lhe o corpo.

— Então? O que achou da minha idéia?

Os olhos de Addy encheram-se de admiração.

— Foi você quem fez isto?

— Sim.

— Por quê?

— Vi que você precisava de um lugar bem organizado para fazer seu trabalho. Imaginei que um espaço só seu a deixaria mais à vontade para criar — ele respondeu, embora a verdadeira razão de ele ter montado o ateliê era o desejo de ver o rosto dela brilhando de felicidade.

Ele sentia falta da jovem alegre, espirituosa e vibrante que Addy tinha sido antes do casamento. Tinha saudade do seu riso cristalino e espontâneo.

— Nem sei o que dizer.

Meio encabulado pela falta de costume de fazer o papel de benfeitor, ele apontou para as estantes.

— Comprei o material básico, pois tenho uma noção muito vaga do que um artista precisa para pintar uma tela.

— Aqui há material suficiente para pintar pelo menos uma dúzia de retratos — tornou Addy, rindo.

Para Adam foi como se o mundo tivesse parado.

— Quer dizer... que você aprovou? Gostou?

— Eu... — ela virou-se para o marido e as palavras se per deram nos lábios entreabertos.

— Você...?

— Nunca esperei nada parecido com isto. Você foi muito atencioso.

Parte da felicidade de Adam perdeu o brilho.

— Você não acreditava que eu pudesse ser atencioso?

Uma sombra desceu sobre os olhos negros.

— Não foi o que eu quis dizer.

— Desculpe-me. Na verdade, eu lhe dei poucos motivos para você achar que sou um marido zeloso.

Indo para perto dele, Addy colocou a mão em seu braço.

— Não é verdade. Você sempre foi muito generoso. Comigo e com a minha família.

— Não estou falando de dinheiro. — Adam cobriu a mão dela com a sua. — Eu devia ser mais sensível para perceber que você ficava muito só nesta casa tão grande sem ter alguém para lhe fazer companhia e amenizar seu isolamento.

A expressão dela suavizou-se como num passe de mágica.

— Bom, agora estarei muito ocupada.

Adam olhou para o alegre ateliê. Ali não havia extensas campinas, tampouco velhas ruínas, mas ela havia ficado contente. Era tudo o que ele desejava no momento.

— Ocupada e mais feliz, espero — ele acrescentou.

— Sim. Tenho certeza disso — ela assegurou, presenteando-o com um sorriso.

O coração de Adam inchou de contentamento.

— Você não imagina como me alegra ouvi-la dizer isso.

— Adam?

— Sim?

— Muito obrigada.

— Foi um prazer, minha querida — ele respondeu, a voz rouca, mal contendo o desejo de beijar aqueles doces lábios.

Será que ela ficaria escandalizada se o marido a levasse para a cama no meio do dia?

Ou será que ela se entregaria nos braços dele como na noite anterior?

Determinado a descobrir, aproximou-se dela para abraçá-la Ficou frustrado ao ser interrompido por uma batida na porta Um lacaio entrou no ateliê.

— Com licença, sir.

Adam cerrou os maxilares, baixou as mãos e afastou-se da esposa que tinha as faces queimando de rubor. Que inferno. Será que nunca iria levar a própria mulher para a cama?

Também não podia culpar o lacaio por encontrar o casal naquela situação delicada. Ele, sim, é que vinha se mostrando desajeitado na arte de seduzir a esposa.

— Sim?

— Esta mensagem acabou de chegar. — O jovem criado entregou um envelope ao patrão. Estava envergonhado por ter aparecido em momento tão impróprio.

— Obrigado. Pode ir.

Assim que leu a breve mensagem, o coração de Adam sofreu um descompasso.

— Droga.

— O que foi? — Addy inquiriu, preocupada ao notar a ruga funda na testa do marido.

— É de lorde Liverpool. Devo ir ao Departamento de Guerra imediatamente.

— Está havendo algum problema?

— Não. Chegaram despachos do Continente e lorde Liverpool quer que eu os veja — Adam explicou, extremamente desapontado.

Por um momento chegara a pensar que Addy e ele começariam a ter uma vida conjugal

verdadeira e harmoniosa. Ela havia baixado as suas defesas e ele pudera notar que sob aquela altiva compostura havia uma mulher vulnerável.

Agora ele se perguntava se todos os seus esforços se perderiam.

— Então você deve ir — disse Addy controlando-se para não demonstrar seu desapontamento.

— É uma pena. Tínhamos planejado ir ao teatro esta noite.

— Iremos outra noite. — Ela encolheu levemente os ombros. — Não faltará ocasião.

— É verdade. — Sabendo que não podia negligenciar seu dever, por mais que desejasse ficar com a esposa, Adam empertigou-se. — Tenho certeza de que voltarei tarde para casa.

A familiar expressão de desinteresse velou o rosto de Addy como um manto.

— O sr. Humbly me fará companhia.

— Sinto muito Addy — volveu Adam. Suspirou, como se assim pudesse livrar-se da frustração.

— Não se preocupe comigo. Vá, por favor — ela falou com certa frieza.

Adam simplesmente assentiu com um movimento da cabeça. Nada mais havia a dizer. Nada que pudesse diminuir a tensão que pairava no ar.

— Vejo você mais tarde.

Capítulo IX

Observando o marido que caminhava para a porta, evidentemente frustrado, Addy arrependeu-se de sua atitude fria, quase rude.

Senhor, Adam tinha sido tão amável, pensou, recriminando-se. Podia imaginar o empenho dele em arrumar o maravilhoso ateliê para fazer-lhe aquela surpresa tão agradável. Não podia negar que o gesto dele a havia tocado fundo, de um modo que ela estava achando difícil definir.

Nunca recebera de alguém semelhante demonstração de carinho, semelhante vontade de agradá-la.

Certamente não de seus pais que, estando sempre voltados para os próprios prazeres, não consideravam os desejos dos outros. Tampouco dos irmãos que eram tão fúteis e indiferentes quanto os pais.

Quando entrara no ateliê, instantes atrás, tinha ficado encantada, cheia de súbita alegria. Não encontrara palavras para expressar sua gratidão.

Porém, quando o lacaio, inesperadamente, aparecera à porta, a paz que momentaneamente surgira ente ela e o marido fora destruída. Addy tivera certeza imediata do conteúdo da mensagem. Também não fora difícil adivinhar que

Adam jamais deixaria de atender a um chamado do ministro para comparecer ao Departamento de Guerra.

O que não havia esperado era que uma dor aguda, causada pelo desapontamento, a machucasse como se tivesse recebido um golpe de faca.

Queria que ele jogasse a mensagem no fogo da lareira, que a olhasse dentro dos olhos e declarasse que ficaria com ela em vez de ir para o Departamento.

A dor tinha sido tão intensa que a deixara assustada. Era verdade que sempre se

aborrecera por Adam fazer o possível para evitá-la, e por ele, decididamente, preferir o trabalho ou o clube à companhia dela. Que mulher não se ressentiria do descaso do marido? Mas a presente atitude de Adam... Isso a atingira perigosamente, bem perto do coração.

Em resposta, tornara-se fria, destruindo a atmosfera cálida e harmoniosa que começava a ser criada entre eles. Tinha sido uma reação instintiva e só quando vira Adam retirando-se do ateliê, arrependera-se de não ter conseguido controlar-se.

Sua intenção não fora arruinar a evidente tentativa do marido de se aproximar dela. Queria apenas que ele fosse mais compreensivo.

Mas agora era tarde demais para arrependimentos.

Sentindo-se agitada e estranhamente desgostosa, saiu do ateliê e andou pela casa. Foi de um cômodo ao outro procurando distrair-se e melhorar o humor. Tinha de fazer alguma coisa para não ficar maluca.

Por fim, mandou vir a carruagem que ficava nas cavalariças, e saiu com o reverendo para fazer compras. Sair de casa seria um bom modo de aliviar sua tensão.

Deixando o sr. Humbly em uma loja de artigos masculinos para comprar um chapéu e gravatas, Addy foi ao ateliê da Sra. Mason, famosa modista. Esperava que a compra de um vestido novo melhorasse seu estado de espírito.

A modista mostrou-se atenciosíssima, empenhada em agradar a esposa do sr. Drake. Deixou uma funcionária atendendo algumas debutantes que escolhiam chapéus e levou a cliente a um balcão onde estavam diversos rolos de tecido.

— O que acha desta musselina? — indagou a gorducha mulher, desenrolando um bom pedaço do tecido. — É um lindo tom de pêssego.

Era lindo. Elegante, discreto, perfeito para uma lady.

Addy, no entanto, recusou-o depressa com um movimento da cabeça. Estava cansada de seus inúmeros vestidos com elegância sóbria.

Desta vez, sem saber por quê, desejava um vestido de cor viva, que chamasse a atenção. Um vestido que despertasse o interesse do cavalheiro mais indiferente.

O pensamento ousado e perigoso foi depressa banido.

— Eu estava pensando em algo mais sofisticado.

— Pois não. — A modista sorriu. — Acredito que tenho exatamente o que a senhora deseja.

Ela afastou-se do balcão e num piscar de olhos estava de volta com uma peça de cetim azul-escuro, cintilante.

— O que acha deste?

Addy prendeu a respiração, tal seu contentamento, e tocou o maravilhoso tecido. Era perfeito.

— É exatamente o que eu queria.

— Sobre o vestido iria bem uma capa com botões dourados — a Sra. Mason sugeriu.

— Acho que ficará um traje lindo.

— Vou desenhar o modelo, naturalmente. Mas não quer escolher um chapéu que combine com o vestido?

— Sim, claro.

Addy foi para a seção de chapéus, acompanhada de uma funcionária; enquanto isso, a Sra. Mason desenhou o modelo do vestido e submeteu-o à aprovação da cliente. Depois, olhou casualmente para o fundo da loja.

— Também tenho sedas perfeitas para vestidos de baile. Posso mostrar-lhe algumas?

— Hoje, não. Obrigada. — Addy esboçou um sorriso. — Voltarei no fim da semana para vê-las.

— Excelente. Nesse caso, posso marcar a prova do vestido azul para sexta-feira, se lhe for conveniente.

— Para mim está perfeito.

Satisfeita, Addy ia sair do ateliê quando uma criada abriu a porta para uma mulher muito elegante, de cabelos ruivos.

Addy sentiu o coração descer aos pés ao reconhecer a linda Sra. Wilton.

Droga. Tinha de encontrar justamente essa mulher?

Seu orgulho, entretanto, não lhe permitiu esquivar-se da viúva como se fosse uma colegial covarde. Ergueu bem a cabeça e encarou a Sra. Wilton que parou diante dela.

— Sra. Drake! — a ruiva exclamou, surpresa.

— Boa tarde, Sra. Wilton — Addy cumprimentou-a esboçando um sorriso gélido.

— Nunca imaginei que poderia encontrá-la aqui. Justamente você!

— É mesmo? O que há de surpreendente em uma mulher vir ao ateliê de uma modista famosa como a Sra. Mason?

— Sem dúvida, ela é famosa. Mas pensei que você não gostasse de sair de casa.

Percebendo que a intenção da Sra. Wilton era provocá-la, Addy controlou sua raiva.

— Não posso imaginar o que a tenha levado a fazer tal juízo a meu respeito.

— Bem, nunca a vi fazendo compras e, ao que parece, você não visita ninguém. Pra dizer a verdade, comentam que Adam a mantém trancada em casa.

— Que absurdo — Addy ergueu o queixo com ar de menosprezo. — Adam jamais faria isso. Ele me trata com muito carinho. Ao contrário de muitos homens, ele é ótimo marido.

A expressão da Sra. Mason endureceu-se. A megera não era mulher de se dar por vencida facilmente.

— Ah, suponho que também não sejam verdadeiros os comentários que circulam pela cidade, de que Adam prefere ficar longe de casa. Por isso, passa os dias no Departamento de Guerra e as noites no seu clube.

Apesar de sentir-se abalada, Addy não o demonstrou, graças a seu sorriso que nunca a desapontava. Por Deus, se pudesse, arrancaria com um tapa a expressão irônica do rosto daquela ordinária. Ou então puxaria aqueles cachos suspeitosamente ruivos.

— São comentários falsos.

— Se é você quem diz... Mas eu suponho que toda esposa abandonada jamais admite que o marido prefira o conforto de seu clube ao conforto do leito matrimonial.

Silenciosamente Addy planejou o ataque à bela, mas odiosa mulher. Primeiro um bofetão naquela cara pintada, depois uns puxões nos cabelos. E, quem sabe, um bom chute no grande traseiro. Porém aparentando uma calma que estava longe de sentir, observou:

— Imaginei que você tivesse coisas melhores para fazer do que comentar sobre a vida de meu marido.

A Sra. Wilton encolheu os ombros.

— É difícil evitar os últimos escândalos. Admito que sempre gostei de Adam e fiquei muito triste quando soube que ele tinha sido obrigado a se casar com uma mulher de quem se envergonhava. Por essa razão não permitia que ela pusesse os pés fora de casa.

— Adam não se envergonha de mim. Só agora começo a compreender por que ele não gosta que eu saia de casa sozinha. O motivo é simples: não é possível saber quando e onde pode mos tropeçar em alguma criatura venenosa.

Addy fez um ar de tédio quando a Sra. Wilton resmungou algo, furiosa, em seguida falou por entre os dentes:

— Volte para sua casa, Sra. Drake. Se Adam já evita a sua companhia, não tardará a procurar uma mulher mais ardente e interessada em lhe dar a atenção que ele merece. Coisas que uma criança petulante e mal-humorada não pode lhe oferecer.

Virando a cabeça com um movimento brusco a Sra. Wilton afastou-se, deixando Addy trêmula. Ela continuou parada, respirando lentamente para expulsar do corpo aquela tensão e a carga de energia negativa que tanto a haviam abalado.

Devia estar rindo, disse a si mesma debilmente. Não havia melhor maneira de livrar-se das farpas venenosas de uma mulher daquele tipo do que dar boas risadas na cara dela. A Sra. Wilton era uma mulher importuna, despeitada e tinha simplesmente tentado aborrecê-la. No entanto, Addy não conseguiu ignorar suas palavras ofensivas.

Criança petulante e mal-humorada...

As palavras horríveis atingiram Addy de modo profundo.

Deus do céu, como podia negar tal acusação se era dolorosamente verdadeira?

Com ofuscante clareza entendeu, de repente, que vinha se comportando como uma criança petulante desde seu casamento com Adam. Talvez agisse assim inconscientemente, pensou, tentando suavizar a forte pontada de culpa. Mas não restava dúvida de que naqueles meses tinha sido uma esposa ressentida e fria.

Casara-se com Adam contra a vontade. Seu modo arrogante de exigir dela o comportamento recatado que ele esperava da esposa tinha servido somente para aumentar a raiva por ter sido obrigada a sacrificar-se pelo bem da família.

Em conseqüência disso, ela sempre fizera questão de demonstrar ao marido que era esposa dele apenas por dever. Nunca se dispusera a tentar diminuir a tensão que havia entre eles. Tampouco se esforçara para estreitar o laço que os unia.

Só agora percebia como tinha sido ridícula. Devia ter parado um momento para refletir que seu comportamento estava criando tamanha insatisfação, tanto para ela como para Adam. E também que ela estava dando motivo e ocasião para o marido buscar o conforto nos braços... ou na cama de outra mulher.

Um estremecimento percorreu-lhe o corpo ao relembrar sua frigidez e indiferença quando Adam se deitava com ela.

Homem nenhum suportaria tal desprezo por longo tempo e acabaria procurando alguém que lhe proporcionasse o calor e a satisfação que não tinha em casa. Esse tipo de calor e satisfação podia ser oferecido abertamente por mulheres como a Sra. Wilton.

Um medo repentino tomou conta de Addy. O que ela havia pensado naqueles meses para agir de modo tão negligente com o marido?

Ou mais precisamente, por que não havia pensado nas conseqüências de sua atitude tão fria? No seu descaso para com Adam? Eles ainda deviam estar em lua-de-mel; entretanto, nunca haviam tido verdadeiramente uma noite de amor.

Ocorreu-lhe com evidente temor que Adam poderia estar à procura de uma amante para satisfazer seus desejos.

Talvez fosse esse o motivo de ele estar agindo de modo tão estranho ultimamente.

— Addy! Addy, minha filha, terminou suas compras?

Virando-se ao ouvir seu nome, Addy viu o reverendo do seu lado. Corou ao ter consciência de que havia ficado parada à porta durante longo tempo, olhando para o vazio, como uma idiota.

— Sim, terminei.

Recuperando o autocontrole, saiu com o vigário para a calçada e foram para a carruagem.

Em poucos momentos viram-se no meio do tráfego de Londres.

— Aquela senhora que entrou na loja instantes atrás não era a Sra. Wilton? — o sr. Humbly indagou, atento à expressão de Addy.

— Era. — Instintivamente ela cerrou os punhos.

— Que estranha coincidência.

— Eu diria que foi uma coincidência mais infeliz do que estranha.

— Espero que ela não tenha dito nada capaz de aborrecê-la, minha filha.

Apesar de reconhecer que devia refrear a língua, Addy não conseguiu. O tumulto que a Sra. Wilton despertara nela dificilmente podia ser contido.

— Aquela víbora aborrece qualquer um que esteja perto dela, basta abrir a boca. Ela é uma mulher maldosa e desagradável.

— Não. — O reverendo abanou a cabeça. — Eu diria que ela é uma pessoa amarga e invejosa.

— Invejosa? De quem ela poderia ter inveja? De mim?

— Claro. Pelo que ouvi dizer, seu falecido marido era um velho, com o dobro da idade dela e tinha um gênio difícil. Também bebia muito e quando se embriagava, causava escândalo na sociedade. A Sra. Wilton pagou caro para conseguir uma posição social privilegiada, enquanto você conseguiu um marido que é, não apenas muito bonito, mas também generoso e possui um temperamento invejável. A pobre viúva certamente acha que não é justo você ter tido tanta sorte no casamento.

— Espero que o senhor não esteja pensando que eu deva sentir pena daquela megera — Addy retrucou, — Ela é tão boa que deu a entender que pretende seduzir meu marido.

O reverendo admirou-se da forma veemente como Addy falou.

— Quem sabe Adam tenha algo a dizer sobre esse comportamento da Sra. Wilton.

Addy sentiu como se houvesse uma bola gelada no estômago

— Pode ser.

— Então você tem suas dúvidas? — As sobrancelhas grisalhas se uniram. — Certamente confia em Adam, não é mesmo?

— Não se trata de confiar — ela protestou depressa. — A Sra. Wilton é linda.

— Não tão linda quanto você. Nem tão jovem.

— Obrigada. É bondade sua. Não sou sofisticada nem tenho experiência. Sinto-me incapaz de despertar o interesse de um homem.

— Addy, o que acaba de dizer é um absurdo — o reverendo censurou-a.

Ela desejou sinceramente que isso fosse verdade. Só de pensar em Adam nos braços da Sra. Wilton a fez sentir como se tivesse recebido o coice de uma grande e furiosa mula.

— Absurdo? O senhor viu Adam na festa dos Bates. Talvez ele esteja cansado de mim.

— Como ele poderia ficar cansado da jovem esposa, tão encantadora?

Adam sentiu um aperto na garganta.

— Não tenho sido encantadora. Receio que... Na verdade eu...

— Sim, continue.

O rosto de Addy queimou de rubor. Achou impossível revelar que era fria, não conseguia reagir às carícias do marido.

— Nada.

Virando-se um pouco, o reverendo bateu suavemente na mão dela e ofereceu-lhe um sorriso bondoso.

— Está se preocupando sem motivo, minha querida. E agora, que tal irmos ao Gunter's para um lanche especial?

Adam sentia-se extremamente cansado.

Durante o dia todo permanecera fechado no gabinete com o ministro e vários assessores, debruçados sobre os documentos que haviam chegado relatando o sucesso e o fracasso das tropas no Continente, onde a situação era crítica. Para decidirem que providências deviam ser tomadas e que ordens expedidas, tinha havido, como de costume, muitas discussões, algumas violentas.

Para sua surpresa, Adam descobrira que não estava com paciência para ouvir políticos se digladiando, interessados em ver sua sugestão aprovada e aplaudida, não pelo bem do Império, ou pensando no bem dos bravos soldados que arriscavam a vida, mas para satisfazer a própria vaidade. Mais de uma vez ele desejara mandá-los para o inferno.

Sua vontade era gritar bem alto, acima das vozes enfatuadas, que o Departamento de Guerra não era lugar para ambição ou egoísmo. Só não fizera isso por saber que era um dos poucos que se preocupava, de fato, em salvar vidas.

Chegando em casa, tirou o chapéu, as luvas, e avisou o lacaio que teria de retornar ao Departamento dentro de uma hora. Atravessou o hall apressado e entrou na biblioteca. Ia sentar-se à escrivaninha quando viu que não estava só. Estreitou os olhos e observou Addy adormecida numa poltrona.

Parecia uma criança de doze anos tendo os cabelos soltos sobre os ombros, as feições relaxadas, ele pensou, aproximando-se dela Notando à luz trêmula da lareira as curvas do lindo busto que aparecia pelo decote do roupão, rapidamente reformulou seus pensamentos.

Não, aquela não era uma criança.

Addy era uma mulher sedutora que o vinha tentando, deixando-o quase louco de desejo.

Naquele mesmo instante sentiu a reação do próprio corpo, o volume e a rigidez de certo órgão. Não, censurou-se. Esse não era o momento de ficar excitado de desejo. Vários homens importantes esperavam por ele no Departamento de Guerra.

Ele passou a mão pelos cabelos sedosos.

— Addy?

— Humm?

— Addy, acorde — ele riu baixinho.

— Adam! O que houve? — ela perguntou meio confusa, assim que abriu os olhos e viu o marido.

— Você adormeceu na biblioteca. Não quer se deitar na sua cama?

— Mais tarde.

— Bem, parece que ultimamente você passa boa parte do tempo dormindo na biblioteca — Adam falou com um sorriso provocante.

— Oh... sim. — Addy puxou os cabelos para trás. Com o rosto corado por causa do sono e com tão pouca roupa, estava adorável. Uma tentação. Adam experimentou bem fundo dentro dele um forte aguilhão de desejo. — Eu o esperava. Preciso falar com você.

— Esta noite?

— Sim.

Ele deu um sorriso triste. Parecia que o destino conspirava para mantê-los separados.

— Perdoe-me, Addy, mas tenho de voltar para o Departamento. Vim para casa apenas para pegar uns documentos.

— Você tem de voltar para o trabalho a esta hora?

— Sim. Estamos com sérios problemas com as tropas que lutam no Continente. Vamos enviar novos despachos amanhã cedo.

— Entendo — Era visível o desapontamento no rosto de Addy.

— Entende mesmo? — Ele passou nervosamente a mão pelos cabelos. Como poderia fazer com que ela compreendesse que seria impossível negligenciar seus deveres? — Addy, milhares de jovens soldados arriscam a vida todos os dias. De cada decisão que eu tomo, de cada ordem que é despachada depende a vitória ou a derrota de nossas tropas. É uma responsabilidade grande demais. Não posso ser negligente.

— É claro que não — Addy apressou-se em dizer, impressionada com aquela inesperada confissão.

—Não é fácil. — A expressão dele turvou-se. — Na verdade, é muito frustrante.

— Frustrante?

— Sim. Fazendo uma ligeira comparação, é como se uma pessoa estivesse jogando xadrez sem ter à sua frente o tabuleiro com as peças — ele explicou, não muito à vontade, uma vez que nunca havia discutido questões profissionais com a esposa. — Uma estratégia depende em primeiro lugar e, principalmente, de informação. É necessário conhecer o terreno, o clima, o tempo, as cidades ou vilas das quais as tropas dependem para ter suprimento, a localização precisa das forças inimigas e o movimento das mesmas. Bem, isso é só para você ter uma vaga idéia do nosso trabalho.

— Eu não podia imaginar que fosse tão complicado — Addy comentou.

— Não é propriamente complicado, mas exige uma série de informações. Infelizmente é impossível manter uma comunicação adequada com nossas tropas, e os relatórios nos chegam às mãos com muito atraso. O pior é que os mapas não têm os detalhes de que preciso. Até mesmo uma colina ou um arvoredo altera o combate.

O rosto de Addy suavizou-se e seu coração enterneceu-se

— Começo a entender o motivo de sua frustração.

— Eu nem sequer mencionei o constante estado de agitação na Espanha. Sem um verdadeiro líder e estando os generais obrigados a proteger suas províncias, nossos soldados não podem contar com a ajuda de forças locais.

Addy levantou-se com um movimento gracioso e colocou a mão no braço do marido.

— Tenho certeza de que você fará o melhor possível. E quem faz o melhor possível, a mais não é obrigado.

Sentindo o calor do corpo dela e inebriado com seu perfume, Adam teve de se controlar para não tomá-la nos braços. Não se arriscava a tocá-la.

Ainda não.

Não enquanto não tivesse horas, talvez dias para explorar aquelas curvas sensuais com todo o desvelo e paixão que elas mereciam. Entretanto, era tão intenso o desejo de acariciar a esposa, de beijá-la, de fazer amor com ela, que chegou a pensar que seria preciso manter as mãos amarradas às costas para resistir à tentação.

— Perdoe-me, Addy. Eu não devia aborrecê-la com minhas queixas e meus problemas — ele falou, proibindo o olhar de manter-se preso ao decote do roupão que permitia visualizar as curvas perturbadoras dos seios.

— Não diga isso. Você não me aborreceu — ela assegurou. — Eu gostaria que você tivesse falado sobre seu trabalho há mais tempo. Nunca imaginei que pesasse sobre seus ombros tamanha responsabilidade.

— Sou apenas um de muitos — ele mencionou, dando de ombros. Não queria ser visto como herói. Dignos desse título eram os soldados que enfrentavam o inimigo.

— Mesmo assim, a responsabilidade maior é sua.

— Bem, normalmente a decisão de maior peso é a minha. Agora mesmo, estou pensando em viajar para o Continente. É importante que eu conheça os locais de conflito.

— Não! — Addy protestou com tanta veemência que surpreendeu, não apenas Adam, mas até ela própria. — Bom... eu quero dizer que sua presença aqui é imprescindível. Você faz falta no Departamento de Guerra. Certamente há muitos homens que podem enviar informações a Londres, mas você é o único especialista em estratégias bélicas.

Adam olhou fixamente dentro dos olhos negros alimentando uma súbita esperança de que a esposa sentia algum carinho por ele. Até o momento achava que ela não via a hora de livrar-se do marido importuno. Porém, a força do protesto dela bastou para encher-lhe o coração de entusiasmo.

— O Príncipe Regente pensa como você. Prinny faz questão de minha permanência em Londres. Mas, para mim, isso não é grande conforto. É difícil manter-me distante daqueles que se sacrificam pela pátria.

— Todos nós devemos contribuir da melhor maneira para o bem do país.

— Você está certa. — Apesar do firme propósito de não tocar na esposa, Adam passou a mão no rosto dela.

— Sim, o que eu disse está certo, mas não tenho feito a minha parte — Addy murmurou. A tristeza, como um véu, sombreou-lhe o olhar.

— Como não?

— Tenho sido muito egoísta.

Adam franziu o cenho.

— Que absurdo.

— É verdade — ela insistiu. — Durante todos estes meses de casados eu me revoltei contra sua dedicação ao trabalho. Achava que você queria ficar longe de mim. Nunca parei para pensar que tantas vidas dependem de você. Não lhe tenho dado a atenção que merece.

Era exatamente o que Adam desejava ouvir. Por fim, Addy começava, não apenas a entender que o dever dele estava acima do seu bem-estar, mas também parecia se interessar pelo trabalho dele. Ao mesmo tempo, ele não podia deixá-la sentir-se culpada por não lhe dar atenção.

Ele devia ter, desde o início da vida a dois, conversado com a esposa e explicado que ele tinha profundo senso de dever. E claro, nunca deveria ter permitido que o trabalho lhe ocupasse todo o tempo, a ponto de deixar Addy abandonada.

— Você não é egoísta, Addy. Eu, sim, não tenho sido um marido atencioso. Mas, depois de amanhã, terei um descanso do trabalho e dedicarei todas as minhas horas a você.

— Não, você deve cuidar de suas obrigações.

— Cuidarei de minhas obrigações, claro. Mas há coisas importantes na vida além de se planejar estratégias de combate. Esqueci-me disso por tempo longo demais.

O silêncio que reinou na biblioteca por um momento só foi quebrado pelo crepitar do fogo da lareira. O casal apenas se olhou. Depois de um leve suspiro, Adam abraçou a esposa. Ela repousou a cabeça no ombro dele.

Como era bom aquele contato, o coração de cada um batendo em uníssono, ele pensou, maravilhado. Não se cansaria de ficar ali com ela nos braços o resto da noite.

— Adam? — Addy perguntou num murmúrio.

— Humm?

— Você não precisa ir...?

— Daqui um pouco. — Ele encostou o rosto nos cabelos negros e aspirou seu perfume.

— Adam...

— Está tão bom ter você em meus braços — ele murmurou. — Você é perfeita. Tão suave e perfumada. Deus, eu poderia abraçá-la assim para sempre.

Fez-se novo instante de silêncio. Addy estava muito surpresa com aquela reação do marido. Em seguida, ergueu a cabeça.

— Adam, você deve ir.

— Daqui um pouco. — Ele fez com que ela encostasse a cabeça novamente no ombro dele. — Daqui um pouco.

Capítulo X

A casa estava deliciosamente silenciosa. Com grande expectativa, Adam tentava dar um caprichado nó na gravata.

A semana anterior tinha sido perfeita, maravilhosa. Como prometera a Addy, ele havia passado pouco tempo no Departamento de Guerra para dar à esposa toda atenção possível.

Eles passearam no Hyde Park, foram algumas noites ao teatro e numa delas assistiram a um musical alegre que provocou risadas de ambos.

Naqueles dias começou a haver entre eles significativa união, mas essa noite era a primeira em que o casal iria ficar realmente sozinho.

Adam esboçou um sorriso ao recordar sua alegria quando o sr. Humbly anunciou que tinha sido convidado pelo bispo para jantar no palácio episcopal. Finalmente, iria passar a noite a sós com Addy. Uma noite para ser lembrada pelo resto da vida.

Um desejo ardente fazia o sangue correr mais depressa em suas veias e o coração pulsar mais forte. Na semana anterior ele se contentara em limitar a beijos e abraços as carícias feitas à esposa. Com o reverendo sempre por perto tinha sido impossível ficar sozinho com Addy.

Mas naquela noite...

Os dedos dele moveram-se meio desajeitados. O criado pessoal apressou-se em ajudá-lo.

— Se me permite uma sugestão, sir...

— Não. — Adam sorriu e ergueu as mãos. — Nada de laço à oriental. Nem em cascata. Nem muito armado. Não quero parecer um palhaço, Dobson.

Diante da resistência do patrão, o criado afastou-se, relutante.

— Está bem, sir.

— Reconheço que tenho minhas manias. Gosto do que é clássico, discreto e confortável. Nunca lhe pedi para colocar enchimento nos meus paletós ou para me amarrar com coletes modeladores.

— É verdade, sir. Mas o senhor não precisa desses artifícios. Seu corpo causa inveja a qualquer homem.

— Isso é exagero — Adam discordou. Sabia que não era do tipo que chamava a atenção, muito menos inveja. — Mas recuso-me a sair por aí enfeitado como um almofadinha exibicionista. Dobson, sou um homem sóbrio, sem a menor pretensão de competir com dândies.

— Agradeço a Deus todas as noites porque o senhor não é inclinado a essas excentricidades, sir — Dobson observou. — Apenas imaginei que o senhor quisesse estar com a melhor das aparências esta noite.

Surpreso com a percepção do criado, Adam virou-se para encará-lo.

— De onde você tirou essa idéia?

Enrubescendo um pouco, Dobson olhou para a cama onde estavam inúmeras peças que Adam havia tirado do guarda-roupa e posto de lado antes de optar por um paletó marrom e colete listrado.

— Tem razão. Estou me comportando como um tolo. Não deixa de ser ridículo, uma vez que vou passar a noite em casa com minha esposa.

O criado sorriu.

— E que ocasião pode ser mais importante do que essa?

Um delicioso estremecimento percorreu o corpo de Adam ao pensar na noite que tinha pela frente.

— Ah, é verdade, Dobson. Por Deus, há quanto tempo não tenho a Sra. Drake só para mim?

— Um hóspede nem sempre deixa os donos da casa à vontade.

Adam sentiu uma pontada de culpa por ter desejado que o sr. Humbly desaparecesse. Devia tanto ao bom reverendo. Graças a ele seu relacionamento com Addy havia mudado. Antes da vinda dele uma noite a sós com Addy era invariavelmente maçante, formal e tensa. Agora ele esperava ansioso para estar com a esposa, para conversarem alegremente enquanto jantavam. Contava os minutos para tomá-la nos braços e beijá-la até deixá-la estonteada.

— Não que eu lamente a visita do reverendo Humbly. Ele trouxe vida a esta casa, tirou-nos da monotonia — disse Adam, sentindo-se no dever de ser honesto. — Mas estou contente por ele ter ido jantar com o bispo.

— Tenho certeza de que a Sra. Drake também ficará contente.

— Espero que sim — Adam murmurou, lembrando-se dos beijos que dera em Addy poucas horas atrás.

Ele não era um libertino, mas sabia quando uma mulher respondia às suas carícias. E Addy o desejava com intensa paixão.

— Perdoe-me a impertinência, sir, mas a Sra. Drake é encantadora. Todos os criados são devotados a ela.

Naquele instante chegou até eles o som de um gongo.

— O jantar vai ser servido. Não quero deixar a Sra. Drake esperando.

Mais uma vez Dobson escovou o paletó do patrão até certificar-se de que não havia nenhuma renegada lanugem estragando a perfeição do traje.

— Pronto, sir.

— Como estou?

— Elegantíssimo — Dobson afirmou com um brilho de admiração no olhar.

— Obrigado.

Sorrindo do absurdo enleio do criado, Adam saiu do quarto e desceu a escada alegremente. No hall encontrou a Sra. Hale que saía apressada da biblioteca.

— Ah, Sra. Hale, a Sra. Drake ainda não desceu?

Com um sorriso que andava desaparecido dos seus lábios desde a chegada do reverendo, a governanta respondeu:

— Sim, ela o espera no salão, sir.

— Obrigado.

Sentindo-se nervoso, Adam apressou o passo e entrou no salão. Ao olhar para a esposa, de pé, do lado da lareira, prendeu a respiração.

Como estava acostumado a vê-la usando vestidos simples e de cores sóbrias, maravilhou-se diante daquele traje deslumbrante que ela usava, confeccionado em cetim verde-musgo. O tecido reluzia à luz do fogo; sua cor e o brilho realçavam a pele alva e os cachos negros de Addy, ao passo que o modelo do vestido dava uma torturante idéia das curvas daquele corpo.

Ali estava uma mulher ousada e incrivelmente sedutora.

— Boa noite, Adam — a esposa cumprimentou-o com um sorriso meio tímido.

— Addy! — Ele foi ao encontro dela sem esconder o quanto estava encantado. — Que lindo vestido!

Diante dessa reação, Addy respirou aliviada. Tivera receio de que o marido não aprovasse o traje escolhido por ela.

Adam, que percebera a apreensão dela, pensou que, se fosse possível, daria um chute em si mesmo. Como fora arrogante ao escolher os vestidos que ela devia usar, ou então exigir que ela usasse roupas que tivessem a aprovação dele.

— Você... gostou? Não é muito chamativo?

— Querida, nunca a vi tão linda — Adam declarou com sinceridade.

— Obrigada. — O receio desapareceu dos olhos negros, cedendo lugar a um leve brilho provocador. — Devo confessar que tomei a liberdade de comprar diversos chapéus e outros vestidos além deste.

— Ah! Imagino que você também tenha comprado sapatos e luvas combinando com os trajes.

— Claro. Quanto a leques, limitei-me a cinco apenas.

— Estou vendo que terei de ceder espaço no meu quarto de vestir para que você guarde suas inúmeras compras.

— Obrigada, não será necessário — ela agradeceu, com um alegre sorriso. — Conseguirei acomodar tudo no meu guarda-roupa.

Chegando mais perto dela, Adam passou a mão em um cacho dos cabelos negros.

— É muito bom vê-la feliz. E admito que seu gosto para roupas é imensamente superior ao meu.

Addy corou.

— Que tolice está dizendo.

— É a pura verdade. Fez muito bem de renovar seu guarda-roupa. — Notando o acanhamento dela, Adam mudou de assunto. — Fale-me sobre o retrato de nosso hóspede.

A expressão dela iluminou-se imediatamente.

— Está ficando muito bom, embora o reverendo reclame por ter de ficar sentado e imóvel durante muito tempo. A pobre cozinheira tem de se levantar uma hora mais cedo para garantir um bom suprimento de tortinhas de limão.

— Você está precisando de mais algum material de pintura?

— Não. Tenho material de sobra.

— É bom saber disso.

— O ateliê é perfeito. Nunca tive um lugar como aquele para trabalhar. Estou me sentindo mimada demais — ela confessou quase timidamente.

Num gesto impulsivo, Adam colocou a mão sob o queixo da esposa e ergueu-o para que ela o olhasse dentro dos olhos.

— Mimada, não. Merecedora.

Os lábios tentadores de Addy se entreabriram ao ouvir aquelas palavras gentis. Estando tão perto deles, Adam não resistiu ao convite tácito que eles continham. Mas antes de curvar-se

para beijá-los, o som reverberante do gongo, que tocava pela segunda vez, obrigou-o a afastar-se.

— Droga. Suponho que temos de ir para a sala-de-jantar. — Tem razão. A cozinheira ficará desapontada se deixarmos a comida esfriar — Addy observou.

— Vamos. — Adam ofereceu-lhe o braço e deu um suspiro resignado. — Não podemos criar um motim na cozinha.

Eles entraram na elegante sala com paredes cor-de-laranja e frisos dourados e sentaram-se à grande mesa de mogno decorada com lindo arranjo de flores. Sobre um aparador estavam dispostos os pratos de fina porcelana Wedgwood e as travessas de prata-de-lei, colecionados pela família durante muitas gerações. Eles começaram a ser servidos.

Tudo estava perfeito, a comida deliciosa, a conversa agradável e inteligente, mas o pensamento de Adam não se afastava da linda mulher sentada à outra extremidade da mesa. Estava ansioso para terminar logo a refeição e levar a esposa para seus aposentos.

Na verdade, era um purgatório ter de se controlar para não ir até ela e carregá-la nos ombros até seu quarto.

Um prato seguiu-se ao outro e Adam mal sentiu o gosto de cada um deles. Só à hora da sobremesa olhou surpreso para delicado pudim que o mordomo colocara à sua frente.

— Pudim de amêndoas? Foi você quem fez? — indagou a Addy.

— Lembrei-me de você ter dito que era o seu preferido quando mais jovem — ela respondeu, envaidecida.

O coração de Adam se aqueceu diante do evidente esforço que a esposa estava fazendo para agradá-lo. Sinal de mudança no relacionamento deles.

— Realmente, era e ainda é o meu preferido. Minha mãe costumava levar ao meu quarto, às escondidas, um pedaço de pudim sempre que meu pai me punha de castigo.

Addy riu ao ouvir essa confissão.

— Não acredito que você tenha ficado de castigo muitas vezes.

— Não acredita? Saiba que perdi a conta das vezes em que recebi ordens de ficar trancado no quarto. Meu pai tinha um amplo conceito do que vinha a ser mau comportamento — respondeu Adam lembrando-se da imagem carrancuda de Franklin Drake.

Mas naquela noite não tinha o menor desejo de pensar no pai, o que invariavelmente o fazia sofrer.

— Ele devia ser muito severo.

— Creio que nunca o vi sorrindo.

— Nunca?

— Nem mesmo quando o surpreendi dando-lhe de presente pelo aniversário um quadro que eu pintei. Eu tinha cinco anos apenas,

—Oh! Ele pode não ter demonstrado, mas certamente gostou do presente — Addy contrapôs.

— É o que você pensa. — A expressão de Adam tornou-se — Fiquei trancado no meu quarto durante uma semana por ter manchado de tinta meu casaco novo.

— Que horror! — Addy exclamou, penalizada.

Percebendo que havia falado além da conta, Adam encolheu os ombros.

— Meu pai acreditava que dar carinho a uma criança ou ser indulgente com ela estragava-lhe o caráter.

— Que idéia mais absurda!

— Suponho que, à sua maneira, ele tentava ser um bom pai.

— Oh, não — Addy discordou. — Ele seria bom pai se passasse menos tempo castigando

você e mais tempo tentando demonstrar que tinha um filho maravilhoso.

A expressão puramente maternal de Addy sensibilizou o marido. Céus, nunca havia pensado nela como mãe. É claro que ele esperava ter filhos algum dia. Mas nunca imaginara Addy grávida... ou com um bebê nos braços. Uma emoção indefinível apossou-se dele.

Subitamente, compreendeu que desejava ter muitos filhos com a mulher maravilhosa que era sua esposa.

— Como você trataria seu filho ou seus filhos? Acha que seria boa mãe? — ele perguntou suavemente.

Addy corou e a colher que segurava caiu de sua mão.

— Boa mãe... eu? Bem... acho que seria muito amorosa. Mas... na verdade, eu nunca me imaginei nesse papel.

— Mas você deseja ter filhos, não? — Adam indagou com a testa levemente franzida.

— Claro.

A ruga na testa dele se desfez e ele sorriu aliviado. Pela primeira vez lhe ocorreu que ficaria extremamente desapontado se ela declarasse que não pretendia ter um filho dele.

— E estranho que nestes meses de casados nunca tenhamos conversado sobre este assunto.

— Suponho que a maioria dos casais considera a vinda d filhos como coisa certa e muito natural — Addy respondeu com algum desconforto por estar falando sobre um assunto tão íntimo.

— Eu adoraria vê-la com um filho nosso no colo.

Desta vez foi o guardanapo de Addy que escorregou para o chão.

— Eu... Eu não consigo me imaginar como mãe.

Adam riu. Estava se deliciando com a timidez e o acanhamento dela. Ela ficava ainda mais encantadora com as faces afogueadas e tomada de súbito nervosismo. Seu comportamento revelava que não era indiferente ao modo como os bebês eram gerados.

— Pelo menos você foi uma criança feliz — disse ele, esperando diminuir o constrangimento dela.

Em vez de sorrir, como ele imaginara, a expressão dela tornou-se sombria.

— Minha infância, na verdade, foi mais caótica do que feliz.

Adam espantou-se com a declaração. Addy sempre demonstrara grande apego à família. Ele até chegara a ter medo de que ela não viveria feliz estando separada dos pais.

— Mas seus pais a amam — ele insistiu.

— À maneira descuidada deles. Na maioria das vezes eles se esqueciam de que tinham filhos. Podíamos desaparecer durante dias e eles nem notavam nossa ausência.

— Quando você era solteira, sempre me pareceu tão contente — Adam lembrou, um tanto intrigado.

— Oh, eu não era infeliz — ela assegurou. — Tinha amor à vida, muita liberdade e sempre fui encorajada a perseguir meus sonhos e interesses. Entretanto, não nego que havia ocasiões em que eu desejava um ambiente mais estável.

— Talvez nós dois, juntos, possamos descobrir o equilíbrio entre o caos e a perfeição. — Adam ficou de pé. Por Deus, não agüentava esperar mais. Estendeu a mão para Addy. — Você já terminou, não?

— Já.

Ambos saíram para o corredor e Addy comentou com um sorriso travesso:

— A casa fica muito quieta sem o reverendo Humbly.

— Realmente. Quem poderia imaginar que um vigário seria capaz de causar tanta diferença numa casa?

— A visita dele me fez um grande bem. Ele é uma pessoa que transmite paz e alegria. — Addy olhou para o marido, hesitante. — Isto é, não sei se você pensa como eu.

— Concordo com você. Humbly é encantador, boa companhia e muito mais sábio do que aparenta. Com seu jeito simples e sereno, ele nos faz considerar uma situação de um ângulo que não havíamos notado anteriormente.

— Você também percebeu isso? — Addy inquiriu, admirada.

— Se quer saber a minha opinião, acho que o nosso amigo vigário tem umas idéias impróprias.

— Mas sempre que as sugere é com a melhor das intenções. E o resultado é, invariavelmente, positivo.

— Deus queira que sim. Se ele usar seu talento para fins escusos, Londres não será uma cidade segura — Adam brincou, entrando com a esposa no salão. — E vamos esquecer nosso hóspede. Espero que o bispo o prenda no palácio durante mais algumas horas.

— Pensei que você gostasse da companhia dele.

— Gosto muito. — Ele prendeu Addy no círculo de seus braços e aspirou o perfume de lilases. — Mas gosto muito mais de passar a noite com você. Só nós dois.

Os lábios dela se entreabriram.

— Oh, Adam.

— Especialmente quando ela está linda como agora, parecendo uma cigana — ele completou.

— Não sou linda — ela negou baixando os olhos.

Adam ficou atônito com aquela falta de confiança em si mesma. Como era possível ela não ter consciência da própria beleza? Qualquer homem em Londres estaria a seus pés se ela resolvesse presenteá-los com um dos seus sedutores sorrisos

Tinha sido esse um dos motivos que ele decidira mantê-la fechada em casa, uma voz inoportuna sussurrou-lhe no fundo da mente.

Mais do que depressa, baniu o insidioso pensamento.

Isso tinha sido antes. Esta noite marcaria um novo começo.

Era a oportunidade que se apresentava para ele provar à esposa que a amava. Que confiava nela.

— Sim, você é linda. — Adam segurou a mão dela e colocou-a sobre seu peito. — Sinta como meu coração bate descompassado, basta eu estar perto de você ou simplesmente olhá-la para admirar sua beleza.

— Eu... — Ela umedeceu os lábios, nervosa.

A agitação dela deixou-o apreensivo. Será que estava indo depressa demais? Será que ela ainda não estava preparada para entregar-se à paixão que visivelmente a consumia e a deixava toda trêmula?

Ele viu-se obrigado a cerrar os dentes para conter o próprio desejo que ameaçava explodir. Havia jurado a si mesmo que iria esperar o momento certo. O momento em que ela se entregasse a ele. Sem reservas. Totalmente.

Manteria o juramento, nem que o desejo o matasse. E, presentemente, isso parecia uma distinta possibilidade.

— O que é, Addy? — ele perguntou, esforçando-se para sua voz soar calma.

— Eu não sei o que fazer — ela falou, por fim, encabulada.

— O que você quer dizer com isso?

— Não sei como lhe proporcionar... prazer.

Um alívio vertiginoso deixou-o estonteado. Addy não sentia medo, muito menos repulsa por seu toque, ele pensou, exultante.

Estava preocupada com os anseios dele; receava não lhe proporcionar prazer.

Ele segurou o rosto dela entre as mãos ligeiramente trêmulas por causa da força de suas emoções.

— Querida, é muito simples. Diga que me deseja. — A voz grave tornara-se rouca.

— Eu o desejo — ela murmurou.

— Você quer meus beijos?

— Sim. Quero.

Sem perda de tempo, ele contornou os lábios cheios e úmidos com a ponta da língua, provocou-os com beijos leves e, por fim, apossou-se deles, num beijo ardente.

— Você quer que eu a acaricie? — ele questionou num murmúrio, tendo feito uma pausa.

— Quero... muito — ela suspirou.

Continuando com os beijos, ele acariciou-lhe o rosto, o pescoço, os braços, e correu os dedos ao longo da linha provocante do vestido. Seu pensamento agora era se devia carregá-la para o quarto ou se a levaria para o sofá mais próximo.

Todo seu corpo ardia de desejo. Não podia esperar.

O sofá.

Definitivamente, o sofá.

— Addy, eu... — Adam balbuciou em tom rouco.

Mal as palavras foram pronunciadas, a porta do salão abriu-se.

— Surpresa! Surpresa! — uma voz aguda vibrou no ar.

Capítulo XI

Addy teve a sensação de haver mergulhado de cabeça em um lago gelado. Segundos atrás ardia de desejo, vibrava com as extraordinárias carícias de Adam e, de repente, olhava com horror para a porta aberta.

Horror que não diminuiu ao reconhecer a bela mulher de cabelos negros e olhos brilhantes, cor-de-esmeralda. E também o cavalheiro magro e elegante, de cabelos grisalhos.

Se já era desalentador ver interrompida aquela noite especial, vê-la interrompida pelos pais extravagantes e imprevisíveis era o cúmulo da falta de sorte.

Addy piscou algumas vezes na esperança de que tudo não passasse de um pesadelo. Mas os dois ali estavam, bem reais.

— Oh, meu Deus — ela murmurou. — Mamãe. Papai.

Não tendo percebido que havia interrompido uma cena romântica e parecendo não ter ouvido o cumprimento nada caloroso da filha, lady Morrow deu um sorriso afetado.

— Addy, querida, nós os surpreendemos?

— Eu diria que a chegada intempestiva de vocês causou-nos mais do que uma surpresa — tornou Addy de cara fechada, com pena do marido, silencioso do seu lado.

Lady Morrow deu uma risada cristalina.

— Quando seu pai e eu decidimos vir a Londres, eu disse a ele que faríamos uma bela surpresa à nossa querida Addy, não é mesmo, meu bem?

— Sim. Foi o que você disse, entre muitas outras coisas. — Lorde Morrow bocejou, entediado. — Aliás, você não parou de falar desde que nos sentamos na carruagem.

— Francamente, Morrow. — Lady Morrow lançou um olhar dardejante ao marido.

Sabendo que uma conversa entre os pais facilmente tornava-se uma briga acalorada, Addy tratou de intervir.

— Mamãe, qual a razão desta visita a Londres?

A mulher voltou a atenção para a filha.

— Viemos vê-la, minha querida. Ah, sentimos tanta saudade de nossa amada filha. Já faz tanto tempo que você está casada. Naturalmente, esperamos que você e Adam nos convidassem para visitá-los; como não chegou convite nenhum, achei que você tinha esquecido os pobres pais. Então decidi vir a Londres com seu pai para saber se você está bem e feliz. Nosso maior interesse é a sua felicidade.

Esse discurso poderia até impressionar Addy, caso não percebesse que a mãe estava mentindo. Embora soubesse que os pais gostavam dos filhos, sabia também que eles nunca se davam ao trabalho de descobrir se eles estavam bem e felizes. Para eles, um filho que estivesse longe dos olhos estava também longe do coração.

Não, qualquer que tivesse sido o motivo que os trouxera a Londres nada tinha a ver com a preocupação deles com a filha.

— Escrevi-lhe diversas cartas, mamãe, assegurando-lhe que tudo estava bem comigo e Adam — Addy assinalou secamente.

Lady Morrow abanou uma das mãos. Apesar de seus quarenta e cinco anos, era uma mulher bela, provocante e com um corpo de fazer inveja a jovens com metade de sua idade. Não era de admirar que os homens, jovens ou maduros, procuravam merecer-lhe a atenção.

— Receber uma carta não é o mesmo que vê-la, minha querida. Toda mãe pensa e sente como eu.

— Talvez a maioria das mães — Addy murmurou sem conseguir controlar-se.

— Addy! — lady Morrow arregalou os olhos, parecendo chocada. — Certamente você está feliz com nossa visita, não está?

— Bem... eu... — Addy gaguejou.

Adam adiantou-se antes que ela pudesse dizer mais alguma coisa.

— Addy e eu estamos muito contentes em recebê-los em nossa casa.

— Obrigada, Adam — lady Morrow agradeceu com entusiasmo e dirigindo à filha um olhar de repreensão. — Seria muito desagradável sentirmos que não somos bem-vindos.

Addy irritou-se com o tom sarcástico da mãe.

— É claro que vocês são bem-vindos — ela forçou-se a dizer.

— Vocês simplesmente nos pegaram desprevenidos. Eu não os esperava.

— Uma boa maneira de dizer que ficou horrorizada — lorde Morrow falou em tom provocativo, rindo. Ele voltou-se para a esposa. — Eu lhe disse, querida, que não devíamos trazer tanta bagagem.

— Tolice. — Lady Morrow torceu o nariz e resmungou alto:

— Somos da família.

— O pior tipo de hóspede — concluiu o marido, como se tivesse captado os pensamentos da filha. — Não fica bem fechar a porta na cara de pessoas da família, hein, Drake?

— Suponho que não — Adam respondeu balançando levemente a cabeça. — Addy, não convém tocar, chamando a Sra. Hale?

Relutante, Addy puxou o cordão de veludo da campainha.

Ao mesmo tempo, observou a mãe que começara a andar pelo suntuoso salão, inspecionando-o detalhadamente, seu olhar penetrante demorando-se em cada uma das valiosas telas que adornavam as paredes.

— Oh, não são mesmo lindas? Sempre desejei ter uma casa em Londres. — De repente ela se deteve diante de uma paisagem pintada a óleo. — Oh, é original?

— É. Todas as telas são originais. Meu pai era um grande colecionador — Adam respondeu.

Lady Morrow foi até a janela-de-sacada.

— Que linda vista. Disseram-me que um dos seus vizinhos é um duque.

Adam sorriu e Addy respirou aliviada. Pelo menos o marido não estava furioso com a intromissão rude dos sogros.

Isto é, ainda não, ela corrigiu o pensamento.

Seria esperar demais que lady e lorde Morrow não criassem grande confusão na casa do genro durante sua visita.

— É verdade. Temos amizade com Sua Alteza, mas preferimos não alardear nossa importância — tornou Adam em tom suspeitosamente amável. — Infelizmente o duque é bem velho e seu herdeiro detesta Londres. Em breve teremos como vizinhos apenas um conde e dois viscondes.

Não percebendo o humor por trás das palavras do genro, lady Morrow suspirou.

— Que lástima.

— Sem dúvida.

Subitamente reanimada, lady Morrow voltou a andar pelo salão.

— Mas, ninguém pode negar que esta casa é bem localizada. O bairro é elegantíssimo. Imagino que vocês tenham hóspedes com freqüência.

Um sinal de alarme disparou no cérebro de Addy. Ficou lívida só de pensar que a mãe poderia ter a idéia de receber amigos na casa do genro.

E esses amigos eram poetas bêbados, radicais briguentos belos homens que serviam de modelo para os quadros que ela pintava, usando nada mais que folhas de figo.

Deus do céu! Adam expulsaria todos eles de sua casa sem hesitar. E ela lhe daria razão.

— Na verdade, levamos uma vida tranqüila, mamãe. Não recebemos hóspedes e raramente vamos a festas — Addy falou em tom severo.

— Vida tranqüila? — Lady Morrow mostrou-se verdadeiramente perplexa. — Mas por quê? Vocês podem receber toda a sociedade em grande estilo.

— Não quero ter toda a sociedade londrina na minha casa — Addy retrucou.

— Que absurdo. Se eu morasse numa casa como esta e neste lugar, seria a anfitriã mais festejada de Londres.

Addy estremeceu ao ouvir a mãe. Mas foi lorde Morrow quem repreendeu a esposa.

— Minha querida, você não tem uma casa como esta, nem mora em Londres. E a dona desta casa é Addy. Se ela e o marido preferem viver tranqüilamente, a escolha é deles. Você não tem nada a ver com isso.

Os olhos verde-esmeralda faiscaram.

— Nossa filha, sem dúvida, é tímida e tem pouca experiência social. Por isso tem receio de cometer algum deslize — lady Morrow revidou. — A sociedade é muito inconstante. Mas, com a minha orientação, tenho certeza de que Addy descobrira como é simples tornar-se a anfitriã mais elogiada de Londres: o assunto das conversas da cidade.

Deus do céu, não poderia haver coisa pior do que ser o assunto das conversas da cidade, Addy pensou.

— Mamãe, por favor...

A súplica de Addy foi interrompida pela governanta que, entrando no salão, olhou surpresa para os hóspedes inesperados. Adam, mais uma vez, assumiu o comando da situação.

— Ah, Sra. Hale, poderia mostrar a lorde e lady Morrow o quarto amarelo?

— Perfeitamente, sir. — A governanta voltou-se para o casal recém-chegado. — Por favor, queiram me acompanhar.

— Meus queridos, nós os veremos pela manhã — disse lady Morrow jogando um beijo para a filha.

Lorde Morrow esboçou um meio-sorriso ao se despedir.

— Boa noite, Drake. E você, Addy, mantenha a cabeça erguida. Vou me empenhar em manter sua mãe sob controle para não deixar todos nós malucos.

Adam e Addy ouviram lady Morrow, que já estava no hall, zangar-se com o marido.

Por fim, tudo ficou em silêncio. Addy deixou-se cair no sofá mais próximo. Nunca, nem em seus pensamentos mais loucos, poderia imaginar que os pais viriam a Londres visitá-los. Pelo menos, não sem terem sido formalmente convidados.

Ora, estava sendo ridícula, censurou-se severamente.

Desde quando lady e lorde Morrow davam atenção a formalidades?

Eles não eram maus. Pareciam crianças mal-acostumadas que queriam ver todos os seus caprichos satisfeitos. Nunca paravam para refletir se suas atitudes poderiam ser inconvenientes ou se causariam constrangimento a outras pessoas. E certamente jamais achavam que deviam controlar seus impulsos, faziam o que lhes causava prazer, o resto não importava.

Céus, o que ela devia fazer durante a estada dos pais em sua casa?

A voz de Adam pôs fim às suas divagações.

— Bem, este incidente foi um modo eficaz de pôr fim a uma noite romântica.

— Sinto muito — Addy murmurou, desalentada.

— Não se aborreça, querida — ele pegou as mãos dela entre as suas e sorriu. — Haverá outras noites românticas. Pelo menos, é o que espero.

Embora estivesse agradecida ao marido pela tentativa de melhorar seu estado de espírito, o coração dela estava muito pesado. O pobre Adam não tinha noção do poder destruidor da sogra e do sogro naquela casa tão tranqüila.

Se tivesse, fugiria aterrorizado.

— Adam, além de aborrecida, estou apreensiva com esta visita não anunciada de meus pais — ela falou em voz baixa.

Adam apertou as mãos dela para infundir-lhe confiança.

— A culpa foi nossa por não nos lembrarmos de convidá-los mais cedo. Francamente, nunca me ocorreu que eles estivessem preocupados com seu bem-estar.

— Não acredito — Addy falou de um modo nada gentil. — Eles nunca se preocuparam com meu bem-estar quando eu era solteira. Por que se preocupariam agora que estou casada?

— Addy, eles viajaram uma boa distância para vê-la.

— Me ver? Ah! — Ela encarou o marido. Já deduzira qual a razão da visita da mãe. — Minha mãe sempre quis ter uma casa em Londres. Sem dúvida, esteve contando os dias para nos "dar uma folga", por assim dizer, e então apareceu, achando que tem direito de se aproveitar da casa do genro.

— Nossa casa — Adam corrigiu-a.

Essa gentil observação só aumentou a tristeza de Addy. Durante a semana o marido tinha feito tudo para agradá-la. Eles estavam cada vez mais próximos um do outro. Ela apreciava cada vez mais a companhia dele, sentia o coração pulsar mais forte quando o via entrando em casa ou em um cômodo. Acordava feliz, ansiosa para sair do quarto, descer a escada para tomar o café-da-manhã com ele.

Seu casamento, de repente, parecia real. Seus sentimentos por Adam... Bem, para ser honesta, ainda não era capaz de definir as estranhas emoções que se apoderavam dela ao pensar no marido.

Era mais seguro dizer simplesmente que estava apreciando muitíssimo a paz que havia encontrado.

E agora essa paz estava ameaçada. Isso era injusto.

— É terrível — queixou-se.

— Addy. — O marido segurou o queixo dela e ergueu-o. Por um instante analisou as feições contraídas. — O que foi? O que a perturba?

De nada adiantava tentar esconder sua aflição. Até mesmo uma pessoa obtusa perceberia seu tumulto interior. E Adam Drake nada tinha de obtuso.

— Amo meus pais, porém, nós dois sabemos, Adam, que eles destruirão a paz e a ordem desta casa, amanhã mesmo, antes do almoço.

A expressão de Adam endureceu-se diante da indiscutível verdade dessas palavras.

— Não vou fingir que estou feliz com nossos visitantes. Na verdade, eles não podiam aparecer num momento mais impróprio. Mas não podemos colocá-los na rua.

— Você será bem capaz de expulsá-los daqui quando seu lindo salão for invadido por todos os poetas e artistas radicais de Londres — ela advertiu o marido. — Ah, e haverá também uma inevitável fila de admiradores de minha mãe.

Adam fez um gesto teatral com as mãos e os ombros.

— Céus, espero que sua mãe não decida pintá-los nus. Receio que o pobre Humbly não suporte o choque.

— Adam, você está achando tudo isto engraçado? — Addy inquiriu, olhando desconfiada para o marido.

Os dedos dele passaram suavemente pelo rosto da esposa

— Você preferiria que eu ficasse furioso? — ele questionou — Não mudaria nada.

Addy suspirou.

— Não. Suponho que não.

— Sobreviveremos. Não se aborreça.

— Nós podemos sobreviver. Quanto à sua reputação, não posso ter certeza...

— Deixe que eu cuide da minha reputação.

— Mas você sempre disse...

— Nos primeiros dias de nosso casamento eu disse muitas coisas. Reconheço que fui tolo. Mas isso é passado e deve ser esquecido.

— Tem razão.

— Ótimo. Prefiro beijá-la a discutir com você. Tomada de súbito enlevo, uma espécie de

vertigem, um calor, Addy entreabriu os lábios.

Naquela noite, quando se vestia para o jantar, decidira provar ao marido que também podia mudar. Iria responder aos beijos dele com ardor. Iria provar que não era uma criança caprichosa e birrenta, mas uma mulher capaz de lhe proporcionar prazer.

Horas atrás, ao vê-lo entrando no salão, tivera certeza de que estava pronta para entregar-se a ele. Durante a semana o marido a havia estimulado com suas carícias fugazes, provocando nela uma estranha excitação que lhe assombrara os dias e a fizera virar na cama, desassossegada, à noite.

Da mesma forma que Adam, havia esperado aquele jantar e aquela noite especial com a maior ansiedade.

Agora sentia profunda frustração.

Tudo por causa de seus pais.

— Você disse que preferia me beijar... — ela encorajou o marido.

— Disse. E vou beijá-la. Muito. Quero passar a noite beijando-a.

—Ah, vejo que sim.

Adam deu uma risadinha marota.

— Prefiro que você sinta os beijos.

— Humm...

Naquele instante a voz familiar do reverendo Humbly ecoou no salão.

— Céus, estou atrapalhando?

Uma nuvem negra pairava sobre a cabeça de Addy.

Aqueles três dias desde a chegada dos pais tinham sido carregados de tensão e desassossego.

Lorde Morrow se entregara aos prazeres estonteantes que uma cidade como Londres tinha para oferecer. Lady Morrow mostrava-se cada vez mais inquieta, queixando-se da monotonia reinante na casa e da falta de diversão.

Adam, sabiamente, voltara à rotina de devotar-se ao trabalho no Departamento de Guerra, onde passava o dia e parte da noite, voltando tarde para casa. Addy vivia tensa, esperando que um escândalo estourasse a qualquer momento.

E, considerando-se o desassossego e frustração da mãe, haveria escândalo, sem dúvida.

Naquela tarde, Addy tinha ido um pouco mais cedo para o ateliê com o reverendo Humbly. Precisava ocupar-se para distrair-se e aliviar a crescente tensão nervosa. As horas em que trabalhava no retrato eram para ela uma terapia.

Porém, mal começara a dar umas pinceladas, a mãe irrompera no ateliê e criticara o trabalho da filha.

— O retrato não está nada bom. Falta alguma coisa. Talvez um anjo no canto.

— Não, mamãe.

— Bem, pelo menos ponha um pouco mais de cor no fundo O retrato está sombrio. Triste.

Addy apertou tanto o pincel que não o quebrou por milagre

— Nem triste, nem sombrio — discordou. — Tem dignidade Nobreza.

— Tolice. Está simplesmente monótono. Banal.

— Mamãe! — Addy dirigiu à mãe um olhar de advertência

— Oh, está bem — lady Morrow retrucou, irritada. — o retrato é seu. Se o sr. Humbly não se importa, quem sou eu para pôr defeito? — Ela empertigou-se. — Acho bom sair daqui e procurar um pouco de divertimento para animar esta casa lúgubre.

Addy sentiu um arrepio. A procura de divertimento de lady Morrow era sempre perigosa.

— Olhe lá, mamãe, divertimento moderado.

Lady Morrow suspirou.

— Francamente, minha querida, você tornou-se maçante depois que se casou.

— Não, mamãe, está enganada. Meu modo de pensar e de agir não mudou com o casamento — Addy corrigiu a mãe, relembrando cenas na casa dos pais.

Desde seu casamento tentara ver o passado colorido com tons róseos. O fato de estar ressentida com Adam confundira-lhe a mente. Só nas últimas semanas começara a entender que a vida com os Morrow tinha sido tudo, menos perfeita.

— Enganada? Eu?

— Foi o que eu disse. Sempre odiei ser envolvida em escândalos. Só não reclamava, quando era mais nova, por não ter voz ativa. De que adiantaria queixar-me? Vocês jamais me ouviram ou me deram atenção. Mas agora estou na minha casa e aqui mando eu.

Lady Morrow espantou-se com as palavras duras da filha.

— O que está querendo dizer?

Addy estreitou os olhos.

— Quero dizer que nenhum poeta bêbado, nem dançarinas de teatro, tampouco agitadores políticos, ainda com o cheiro da prisão de Newgate, têm permissão de entrar nesta casa. Ah, mamãe, nem pense em receber no meu salão seus belos modelos para pintá-los nus.

— Então você quer que eu me distraia recebendo matronas pernósticas e maçantes?

Nem um pouco arrependida por estar sendo tão severa com a mãe, Addy encolheu os ombros.

— Há inúmeros museus na cidade. Se quiser, também poderá ouvir palestras. Distração é o que não falta em Londres.

— Que horror! — Lady Morrow colocou a mão sobre o lindo seio cujas curvas eram visíveis pelo decote baixo do vestido vermelho. — Voltarei a Surrey quanto antes.

Decidida a não ser manipulada pela mãe, Addy presenteou-a com um sorriso calmo.

— Quer que eu mande buscar sua carruagem?

Houve um instante de incômodo silêncio antes de lady Morrow inclinar a cabeça para trás e rir com vibrante alegria.

— Muito bem. Matronas decrépitas e maçantes... Se é o que você quer, assim será. Até mais tarde, querida.

Com um aceno casual da mão, lady Morrow saiu do ateliê, deixando Addy apreensiva.

A mãe só ficaria contente reunindo-se com respeitáveis matronas quando criasse asas e recebesse uma auréola.

Apesar da promessa, lady Morrow iria fazer exatamente o que desejava, ignorando os apelos da filha. Não que ela quisesse, deliberadamente, afrontar Addy ou causar-lhe problemas. Ela simplesmente não conseguia conter-se. Tinha um temperamento irrequieto, era livre e irreverente por natureza.

"Senhor, dê-me paciência", Addy pediu, fechando os olhos.

— Você disse alguma coisa, Addy? — o reverendo indagou Addy abriu os olhos e

suspirou, resignada.

— Eu estava pedindo uma ajudazinha aos céus.

— As coisas estão mal?

— Meus pais não primam por um comportamento respeitável nem por maneiras distintas.

— Não. — O reverendo olhou para Addy de modo especulativo. — Mas eles, sem dúvida, trarão um pouco de entusiasmo a esta casa, você não acha?

Addy estremeceu.

— É disso, justamente, que eu tenho medo.

Capítulo XII

Addy reconheceu que estava sendo covarde. Era seu dever, como dona da casa, fazer companhia aos hóspedes, proporcionar-lhes conforto, entretenimento e programar visitas a vários pontos turísticos de Londres.

Em vez disso, dera ordens para que lhe servissem o desjejum em seus aposentos, depois se arrumara sem pressa. Escolhera para usar naquela manhã um vestido cor-de-damasco e amarrara os cabelos no alto da cabeça, deixando os cachos soltos.

Mesmo pronta, não tinha a menor vontade de sair do quarto.

Fazia mais de uma semana que os pais estavam na casa e ela se cansara das discussões diárias com a mãe. Conviver com lady Morrow era pior do que ter sob o mesmo teto uma criança sem modos e voluntariosa. As queixas por causa da monotonia eram intermináveis e lady Morrow tivera acessos de raiva porque Addy se recusara a oferecer um grande baile. Addy perdera a conta das vezes em que ouvira a mãe dizer que morreria de tédio se tivesse de ficar mais um dia naquela casa.

Quanto a lorde Morrow... Bem, Addy procurou não pensar no pai nem se preocupar com ele quando desaparecia, às vezes dias seguidos. Entretanto, era doloroso saber que ele estava gastando uma fortuna em bordéis e mesas de jogo.

No momento, era melhor e mais fácil ignorar os pais irresponsáveis. Olhando pela janela para o jardim de rosas, logo abaixo, suspirou.

Será que os dois nunca iriam embora?

E o reverendo Humbly, não pretendia retornar a Surrey?

Quando ela poderia ficar a sós com o marido?

Um sorriso irônico marcou seus lábios.

Até bem pouco tempo ela fazia o possível para ficar distante de Adam. Se estivesse naquela época, receberia o reverendo, os pais, ou qualquer outra pessoa, para usá-los como barreira entre ela e o marido. Agora queria que todos desaparecessem para que voltasse a reinar na casa a atmosfera tranqüila, previsível e ordeira de sempre.

Queria passar as noites amando Adam, e não tentando acalmar a mãe ou pedindo desculpas ao pobre reverendo Humbly.

Uma forte batida na porta fez com que ela se afastasse da janela e atravessasse o quarto. Por mais que quisesse ignorar o chamado, compreendeu que não podia ficar trancada no quarto para sempre. Mais cedo ou mais tarde teria de descer para enfrentar as queixas e censuras que

inevitavelmente viriam.

Certa de que era a mãe quem estava no corredor, abriu a porta e surpreendeu-se ao ver à sua frente uma jovem criada.

— Por favor, Sra. Drake, deve descer imediatamente — pediu a mocinha, nervosa.

A expressão de Addy mudou de surpresa para apreensiva. A aflição no rosto da jovem criada indicava que alguma coisa grave estava acontecendo.

— Deus do céu, o que houve? — ela perguntou, mal resistindo à tentação de fechar a porta, os olhos e também tapar os ouvidos para não saber qual era o problema desta vez.

— Eu... Bem... é no salão. Por favor... deve ir depressa — a criada gaguejou. Fez uma rápida mesura e afastou-se quase correndo, em direção à escada dos fundos.

— Será que não posso ter paz? — Addy resmungou, deixando o conforto do seu quarto.

O que iria descobrir no seu salão, pensou, nervosa, enquanto descia os degraus. Feras enlouquecidas haviam atacado a casa? Algum apaixonado tentava se matar? Um homem furioso queria meter uma bala na cabeça de lorde Morrow?

O som de vozes alteradas chegou até ela quando ainda estava longe do salão. Apressou o passo e começou a rezar pedindo forças a Deus.

Assim que entrou no salão, não pôde compreender o que havia causado tanto pânico. A mãe estava calma, de pé, do lado da lareira e sorria. Parecia não haver mais ninguém no cômodo enorme. Então uma série de grunhidos, roncos, arquejos e gemidos fizeram com que seu olhar se voltasse para um canto onde dois homens bem-vestidos lutavam no chão, um tentando estrangular o outro.

Ela viu com horror que o homem que estava por baixo virou-se de repente e ficou por cima do rival. Com o movimento brusco, ele esbarrou numa mesinha delicada, fazendo-a balançar. O precioso vaso de porcelana chinesa que havia sobre ela só não foi para o chão porque Addy correu e segurou-o a tempo de evitar o desastre.

Ela voltou-se para a mãe com um olhar dardejante.

— O que está acontecendo aqui?

Relutante, lady Morrow voltou a atenção para a filha e cumprimentou-a com um sorriso radioso.

— Ah, bom dia, Addy!

Addy apontou, furiosa, para os dois homens engalfinhados, no chão.

— Quem são eles?

— Bom, o que está por baixo, no momento, é o sr. Dalmond e o de cima é lorde Powell.

O sorriso e a expressão divertida da mãe só aumentaram a raiva de Addy.

— Por que eles estão rolando no chão como dois idiotas?

Lady Morrow deu um sorriso afetado.

— Creio que eles estão brigando porque o vencedor será o escolhido para posar como Hércules no quadro que vou começar a pintar.

— Eu já a avisei, mamãe! Nada de pintura na minha casa! — Addy zangou-se.

— Você me proibiu de tudo. Não posso me divertir, seu pai me abandonou e anda por aí em busca de prazeres — lady Morrow defendeu-se. — Você não espera que eu fique deitada o dia inteiro, sem ter o que fazer. Portanto, decidi trabalhar um pouco.

Addy fechou as mãos para não avançar na mãe e sacudi-la.

— Pois eu não quero seus cavalheiros galantes lutando no meu salão.

Lady Morrow olhou para os dois homens vermelhos, amarfanhados e desgrenhados.

Ambos pareciam mais moleques de rua do que cavalheiros elegantes da sociedade. Alheio à presença das duas, eles continuavam lutando.

— Eu os acho encantadores.

— Mamãe! — Addy falou por entre os dentes.

— O que você quer que eu faça?

— Ordene que eles parem.

— Minha querida, mulher nenhuma com algum juízo entra na briga de dois homens.

— Droga — Addy resmungou. Cabia a ela acabar com a luta daqueles idiotas. Foi até os dois e chutou a perna de um deles.

— Já chega. Parem com essa tolice!

Os homens não lhe deram a menor atenção e continuaram lutando.

— Addy, talvez...

A frase de lady Morrow não foi concluída porque uma voz possante ecoou pelo salão.

— O que está havendo aqui?

Addy respirou aliviada ao ver o marido caminhando depressa na sua direção.

— Adam.

Mal olhando para ela, Adam abaixou-se e agarrou os dois lutadores pelo pescoço. Graças à sua tremenda força, ergueu-os e bateu a cabeça de um na do outro. Os homens deram um grito de dor, enquanto Adam, com expressão desdenhosa, jogou-os na direção da porta. Ambos cambalearam e voltaram-se para seu agressor, furiosos. Bastou, porém, um rápido olhar para empalidecerem de medo, pois Adam os encarava com feroz e gélida expressão de desagrado.

— Fora — ele ordenou, indicando a porta. — Já.

— Está bem — balbuciou o idiota número um, afastando-se em busca de segurança.

— Certamente. Desculpe-me — ecoou o idiota número dois batendo depressa em retirada.

Em segundos a paz restabeleceu-se na casa e Adam voltou-se para a sogra com um brilho perigoso no olhar.

— Suponho que a responsável pelo espetáculo tenha sido você.

Pálida, mas perfeitamente controlada, lady Morrow, como sempre, se recusou a assumir sua responsabilidade no que o genro tinha presenciado.

— Não use esse tom comigo, Adam Drake. Eu não fiz nada.

— Você convidou aqueles idiotas para virem até aqui, mamãe — Addy declarou, tensa.

— Convidei, mas nunca me passou pela cabeça que eles iriam tornar-se tão violentos.

—Alguma coisa provocou-os — Addy insistiu.

Lady Morrow fez um ar de pouco caso e abanou uma das mãos.

— Quem pode prever a reação de dois jovens de sangue quente? Eles estão sempre ansiosos para provar a masculinidade.

— Eu diria que tudo o que eles provaram foi sua estupidez — a filha retrucou.

— Eu achei a luta deles muito divertida — lady Morrow persistiu.

— Não quero mais saber de hóspedes — Adam declarou em tom cortante, o que fez Addy sentir um calafrio percorrendo-lhe a espinha.

Entendia o marido. Que homem não ficaria horrorizado ao chegar em casa e presenciar a cena que ele presenciara instantes atrás? Ainda mais em se tratando de um homem com

reputação ilibada.

— Como? Eu... — a sogra tentou falar, ofendida.

Addy interrompeu-a depressa, tentando evitar uma cena dramática.

— Você ouviu Adam, mamãe.

Lady Morrow franziu os lábios, amuada. — Nunca imaginei que nossa visita a Londres fosse tão aborrecida.

— Não entendo seu desapontamento, mamãe. Segundo suas próprias palavras, a razão da sua visita era saber se eu estava bem — Addy assinalou.

A lógica do argumento deixou lady Morrow um tanto constrangida. Lembrou-se de que, de fato, na noite de sua chegada fizera questão de demonstrar ser uma mãe devotada e carinhosa. Portanto, jamais admitiria que sua intenção tinha sido usar a filha como um meio muito cômodo de passar algum tempo em Londres divertindo-se.

— Seu pai e eu fizemos esta viagem para visitá-la, sim — ela falou, finalmente. — Nunca pensei que fosse me tornar uma prisioneira na casa de minha própria filha.

— Lamento que a senhora tenha ido contra as regras desta casa, lady Morrow — Adam interveio. Sua expressão era a de quem não lamentava coisa nenhuma. — Saiba minha sogra que jamais permitirei que alguém aborreça Addy.

Addy olhou admirada para o marido. Estaria ele realmente preocupado com ela? Um agradável calor encheu-lhe o peito.

Nem um pouco impressionada com as palavras do genro, lady Morrow torceu o nariz. Adam deu uns passos na direção dela de modo ameaçador.

— Lady Morrow, contente-se em ficar nesta casa simples mente para apreciar a companhia de sua filha, ou então, volte para Surrey com seu marido.

A sogra arregalou os olhos.

— Francamente, Adam...

Ela não acabou de falar porque um lacaio entrou no salão.

— Com licença, sir — disse ele, inclinando a cabeça.

— Adam olhou para o jovem criado.

— Sim?

— Lamento, mas chegou um recado para o senhor. É do seu clube.

— Meu clube?

— Exatamente, sir. — O rapazinho engoliu em seco, como se tivesse um nó na garganta. — Lorde Morrow está fazendo um escândalo no clube, a diretoria pede para o senhor ir buscá-lo.

— Meu Deus — Adam murmurou.

— Oh, não! — Addy levou a mão ao peito e fechou os olhos. Sua vontade era desaparecer.

— Vou ao clube imediatamente — Adam avisou o lacaio.

— Está bem, sir.

Acabando de falar, o rapazinho se retirou apressado do salão, evidentemente aliviado por ter transmitido a desagradável mensagem.

Adam beijou a testa da esposa.

— Espero não me demorar.

— Adam, sinto muito... por isso...

— Você não tem do que se desculpar, minha querida. — Ele sorriu para ela. — A falta é de seu pai.

Vendo o marido afastar-se, Addy sentiu um peso no peito. Era como se o coração fosse feito de chumbo. O que menos queria era causar tamanho aborrecimento para Adam.

Naquela noite toda Londres estaria comentando sobre a ridícula cena de luta livre no elegante salão da casa de Adam Drake e sobre o comportamento escandaloso do sogro dele, no seleto clube da St. James's.

Ela e Adam seriam objeto de riso por toda a cidade. Um estremecimento percorreu-lhe o corpo ao lembrar-se de que Adam detestava a menor alusão a escândalo.

Deus do céu, como ele ficaria humilhado.

— Pelo menos não fui eu quem provocou um escândalo — disse lady Morrow quebrando o silêncio.

Addy fuzilou a mãe com o olhar.

— Oh, fique quieta, mamãe.

Horas depois, Addy estava na sala de leitura de seus aposentos, andando nervosamente de um lado para outro.

O pai tinha voltado para casa já fazia muito tempo, mas de Adam, nem sinal. Seu misterioso desaparecimento a estava deixando com medo e muito preocupada.

E se ele estivesse zangado e decidisse não voltar para casa?

Será que ele tinha ido para sua propriedade, no campo, sem ao menos avisá-la?

Ou teria ele ido para a casa de um amigo?

Ou, pior ainda, será que teria ido procurar a Sra. Wilton em busca do conforto que ela estava pronta e ansiosa para oferecer?

Com o passar das horas as suposições de Addy tornavam-se progressivamente mais sombrias e mais absurdas.

No fim da tarde sua imaginação fértil já criara a cena em que o marido estava com seu advogado discutindo o meio mais rápido de conseguir o divórcio.

Que outra maneira poderia haver para ele livrar-se terminantemente dela e de sua família maluca?

Estava naquela consumição quando a porta da sala abriu-se devagar, revelando a figura gorducha do reverendo.

— Está se escondendo, minha filha? — ele indagou com um meio-sorriso.

Addy deu um suspiro de desalento.

— Gostaria de poder esconder-me. Infelizmente não encontrei um buraco tão grande no qual eu possa entrar.

— A situação é tão grave assim?

Addy cruzou os braços e lutou para conter as lágrimas.

— Pior do que o senhor possa imaginar. Nesta manhã minha mãe recebeu dois rapazes e incitou-os a lutar. Os dois idiotas se atracaram e rolaram no salão. Adam chegou e expulsou-os de casa. Para piorar, ele recebeu uma mensagem da diretoria do seu clube pedindo-lhe para ir buscar o sogro que estava fazendo um escândalo...

— Oh, minha filha!

— Pobre Adam — Addy prosseguiu, tristonha. — Provavelmente ele quer ver todos os Morrow no inferno. Inclusive eu.

— Isso, nunca, Addy.

— Como não? — ela esforçou-se para manter a voz firme. — Desde que chegaram, meus

pais não fizeram outra coisa senão nos causar aborrecimentos.

— É o jeito deles. Eles não vêem nada errado no modo como se comportam.

Addy fechou os olhos e procurou acalmar-se. O que menos queria era estar fazendo um julgamento injusto. Na verdade, os pais não tinham feito nada que não estivessem acostumados a fazer na própria casa. A intenção deles também não tinha sido espalhar a discórdia entre a filha e o genro, muito menos causar o divórcio de ambos.

— Suponho que o senhor tenha razão — ela cedeu, relutante.

— Minha filha, não muito tempo atrás você queria ver sua casa mais alegre; uma casa como aquela onde morou na infância e adolescência — o reverendo lembrou-a.

— Eu devia estar louca para ter um desejo desses — Addy concluiu com um leve estremecimento.

—Louca, não. Sentir o que você sentiu é natural. Uma reação meramente humana.

Addy olhou para o reverendo, confusa.

— O que está querendo dizer?

Segurando na mão dela, o vigário levou-a até o sofá, onde ambos se sentaram.

— Você sabia que eu tive uma infância muito pobre? Na verdade, nós vivíamos quase sempre com sérias dificuldades financeiras.

A confusão de Addy aumentou. Não podia imaginar o que seus problemas atuais tinham a ver com as histórias da infância do reverendo.

— Devem ter sido tempos difíceis. Lamento.

— Oh, eu não me importava muito com a pobreza. Mas admito que eu não gostava de ser injuriado ou menosprezado por outras crianças.

— As crianças muitas vezes são cruéis.

— É verdade. Lembro-me de que uma das coisas que me faziam sofrer era sair com meus colegas para um passeio a cavalo ou para apostar uma corrida. Hamlet, meu cavalo, era velho, gordo, lento e eu sempre ficava para trás. Com o tempo, comecei a odiar o pobre animal e pedi a meu pai que me desse uma montaria melhor para eu poder competir com os outros garotos sem passar por tanta humilhação.

— Ele lhe deu o tão sonhado cavalo? — Addy perguntou. Olhou para o vigário, suspeitando de que ele, com aquela história, queria repreendê-la.

— Não. Meu pai disse-me que Hamlet tinha sido útil por muitos anos e não devia ser posto de lado como coisa imprestável porque já estava velho.

— Seu pai deve ter sido um homem bom.

— Bom e sábio. Mas na época eu não pensava assim e continuei a aborrecê-lo, pedindo um cavalo novo — o reverendo confessou timidamente. — Então o conde, dono de uma propriedade naquela localidade, ouviu minhas queixas e deu-me de presente um lindo garanhão negro. Fiquei exultante.

— Ah, que sorte! Imagino que com esse cavalo o senhor tenha vencido muitas corridas.

— Não.

— Não?! Por que não?

— Trovão era um animal indômito, com o péssimo hábito de me jogar fora da sela. Além disso, gostava de morder quem chegasse perto dele.

— Oh! — Addy não conseguiu deixar de rir.

— Uma semana depois meu pai devolveu o cavalo ao conde.

— O senhor voltou a montar o pobre Hamlet?

— Infelizmente não pude fazer isso. Meu pai já havia dado o velho cavalo a uma família que precisava desesperadamente de um animal para ajudá-los na lavoura.

— O senhor ficou sem cavalo nenhum?

— Foi o que aconteceu. Mas aprendi uma lição valiosa.

Addy compreendeu que o vigário tinha realmente um propósito ao contar sua história. Esse propósito era acalmar seus temores e apreensões.

— Que lição foi essa?

— Aprendi que nem sempre damos o devido valor ao que possuímos. Só quando perdemos algo vemos a falta que aquilo nos faz. Muitas vezes não agradecemos a Deus as bênçãos que temos ou nem consideramos como bênçãos certas coisas e certos dons que recebemos gratuitamente. Saber agradecer e valorizar o que nos é dado é sinal de sabedoria.

Addy reconheceu que o reverendo tinha razão.

Ele sempre tinha razão.

E o que ele acabara de dizer era uma lição também para ela. Naqueles meses de casada apenas aceitara com resignação seu novo estilo de vida. Não havia apreciado a calma dignidade de Adam nem dado valor à sólida segurança que ele lhe proporcionava. Em vez disso, remoera sua mágoa, sentira-se injustiçada e infeliz.

Não que aprovasse a absurda lista de atitudes que Adam lhe apresentara logo que se casaram, exigindo que ela, como sua esposa, seguisse. Da mesma forma, se ressentia por ele não deixá-la tomar decisões. Ele queria resolver tudo por ela como se não tivesse confiança nela ou não a julgasse capaz de fazer alguma coisa certa. Entretanto, Adam não era o bicho-papão que ela criara em sua mente. E ele lhe oferecera a segurança e proteção que infelizmente nunca havia tido na casa dos pais.

Ultimamente ele lhe havia oferecido muito mais do que isso. Ela chegara a experimentar o que era viver no Paraíso.

E então os pais arruinaram tudo.

Addy olhou para o vigário com uma sombra de tristeza no rosto.

— Eu devia dar valor à paz e à segurança que sempre tive com Adam, não é mesmo?

— Exatamente.

— Nunca imaginei que eu fosse dizer isso, mas eu gostaria de voltar àqueles dias tranqüilos do início do casamento. Pelo menos eu não vivia tensa e com os nervos à flor da pele.

— Muito em breve dias melhores virão para você e Adam. Tenho certeza disso.

Addy gostaria de sentir-se tão confiante quanto o vigário. Não conseguia imaginar como seria seu futuro.

— Queira Deus que sim.

— Deus quer. Afirmo também que você passará a dar maior valor ao que possui.

— Certamente.

O som do gongo chegou até eles, pondo fim à conversa. Com o entusiasmo de uma pessoa que apreciava verdadeiramente a boa mesa, o reverendo ficou logo de pé.

— Ah, o jantar vai ser servido. — Ele olhou surpreso para Addy que continuava sentada. — Você não vem?

Por sua vontade, Addy continuaria na sala de leitura para evitar encontrar-se com os pais. Mas lembrou-se de que, como anfitriã, devia resistir à tentação e descer para jantar com os hóspedes.

— Não tenho escolha. Seria indelicado de minha parte deixar o senhor enfrentar meus pais sozinho — ela replicou, levantando-se.

O reverendo ofereceu-lhe o braço e consolou-a:

— Seus pais logo irão embora.

Addy balançou a cabeça, resignada. Seu marido saíra de casa. Parecia haver uma centena de nós no seu estômago. Seus criados começavam a olhar para ela com expressão de piedade.

— Logo, reverendo? — Ela virou os olhos para cima, como se pedisse forças a Deus. — Já não era sem tempo.

Capítulo XIII

A casa estava ditosamente silenciosa quando Adam, muito tranqüilo, foi para seus aposentos. Uma diferença gritante do caos que ele deixara para trás quando tivera de ir ao clube, no final daquela manhã, ele pensou. Detestara deixar Addy com a frívola lady Morrow, mas não tivera escolha, sabendo que lorde Morrow estava causando um tumulto no seu clube.

Levara cerca de uma hora para cuidar do sogro e deixá-lo sóbrio o bastante para tirá-lo do clube e colocá-lo na sua carruagem. O ridículo tolo trancara-se no guarda-casacos e recusara-se a sair, alegando que tinha sido insultado pela direção do clube, pois proibira o barman a servir-lhe mais brandy.

Mal colocara lorde Morrow na carruagem, Adam fora abordado por lorde Hoffman, assessor do primeiro-ministro. Hoffman informara-o que lorde Liverpool precisava vê-lo com urgência. No Departamento de Guerra estava havendo séria discussão sobre os últimos relatórios e mensagens recebidos, e a presença dele era necessária. O primeiro impulso de Adam fora mandar Hoffman para o inferno. Já tivera sua cota de aborrecimentos com os sogros. E, claro, Addy estava a ponto de sofrer um colapso nervoso.

Precisavam demais dele em casa.

Infelizmente, não podia virar as costas para o Departamento de Guerra. Tinha seus deveres para com o governo.

Desde que se tornara consultor bélico, prometera fazer todo o possível pelo bem dos soldados que lutavam fora do país, pela grandeza do Império Britânico. Esse compromisso representava um fardo pesado, pois o tornava responsável pela vida e morte de centenas de combatentes. Portanto, não podia, simplesmente, deixar de lado suas obrigações por causa de interesses pessoais.

Por fim, ele ordenara a seu cocheiro que levasse lorde Morrow para casa e fora para o Departamento na carruagem de lorde Hoffman. Uma vez lá, despendera mais tempo usando de diplomacia para acalmar os ânimos do que, propriamente, traçando estratégias de combate. O importante foi que conseguira resolver os problemas sem ferir suscetibilidades.

Com tudo isso, tivera um péssimo dia e sua única vontade era ir para a cama e esquecer tanto os sogros como a animosidade entre os políticos.

Ele despediu o criado pessoal e trocou de roupa sozinho. Vestiu um robe de brocado, serviu-se de um copo de brandy e sentou-se na bergère. Precisava relaxar, caso contrário não conseguiria dormir; tinha os nervos endurecidos como se atados em nós.

Terminava de tomar o brandy quando ouviu uma leve batida na porta de comunicação entre seu quarto e o de Addy.

— Entre — disse.

Como esperava, a esposa abriu a porta devagar e fechou-a. Estava sedutora, provocante,

usando um roupão de cetim azul-escuro. Mas o que o impressionou foi a aflição impressa naquele rosto delicado. Ele levantou-se e foi para junto dela.

— Addy, você está com algum problema? Há alguma coisa errada?

— Não. Só preciso falar com você.

Ele respirou aliviado. Depois de um dia tão conturbado não suportaria saber de outro desastre.

— Você não devia estar acordada a esta hora. Já é tarde.

Ele beijou o rosto dela e falou com um sorriso provocativo: — Se continuar a dormir tarde, acabará com olheiras.

A expressão dela continuou tensa.

— Onde você esteve?

Imediatamente Adam compreendeu que ela havia estado preocupada com a ausência dele. Sentiu ódio de lorde Morrow. Tinha pedido ao sogro para avisar Addy que ele fora chamado com urgência ao Departamento de Guerra. Reconheceu que o culpado era ele. Obviamente uma tarefa, mesmo simples como aquela, estava além da capacidade de um bêbado tolo.

— Pensei que você tivesse sido avisada. Lorde Hoffman foi ao clube chamar-me e tive de ir ao Departamento. Lorde Liverpool precisava de mim com urgência. Os ministros não chegavam a um acordo quanto ao movimento de nossas tropas de cobertura dos flancos.

— Ah... — Addy respirou com evidente alívio.

— Lamento tê-la deixado preocupada.

— Eu pensei... — A voz de Addy tornou-se embargada e ela baixou a cabeça, não conseguindo terminar a frase.

Adam ergueu delicadamente o rosto dela.

— Pensou o quê? Diga, Addy — ele insistiu. Não queria saber de segredos entre eles.

— Pensei que você tivesse ido embora... saído de Londres. Adam não escondeu seu espanto diante de palavras tão absurdas.

— Por que eu iria embora? Que motivo eu poderia ter para sair de Londres? Aconteceu alguma coisa que eu não saiba?

— Você sabe o que aconteceu. Aqueles homens malucos lutando no salão... E meu pai fazendo um escândalo no clube.

— Reconheço que foi um dia difícil.

— Sem dúvida.

— Mais difícil para você do que para mim — ele observou suavemente.

Sentia raiva dos sogros irresponsáveis por fazerem a filha sofrer.

— Como pode dizer uma coisa dessas? E a sua reputação? Você é um homem importante e tem um nome a zelar. Já imaginou o que vai acontecer por causa de meus pais?

Adam se recusara a pensar nas conseqüências do comportamento afrontoso dos sogros. De nada adiantava sofrer com o que não podia ser mudado. Além disso, estava mais preocupado com a crescente aflição da esposa.

— Talvez minha reputação fique um pouquinho arranhada. Mas isso não me preocupa. Eu me importo, sim, com você. E vejo que está sofrendo muito.

— Sim, estive atormentada o dia todo. Aliás, desde a chegada de meus pais tenho vivido sob tensão.

Adam compreendeu que os levianos Morrow não eram inteiramente responsáveis pela angústia e pelo estresse de Addy. A culpa cabia também a ele; suas rígidas lições de boas

maneiras, respeitabilidade e decência, representaram mais um peso nos ombros da esposa.

Do fundo do coração condenou sua estúpida arrogância. Senhor, ele devia receber uma martelada na cabeça.

— Addy, não vou permitir que você sofra, minha querida. Não quero vê-la tensa, nem aflita. Demorou muitos dias para eu eliminar do seu rosto aquela constante expressão de infelicidade. Não quero vê-la de volta.

— Por mais que eu queira, não posso deixar de me preocupar. Não é possível adivinhar qual será a próxima loucura de meus Pais — ela falou, desalentada.

— Pois não se preocupe mais. Prometo tomar providências para que eles não a aborreçam de novo.

Adam constatou, surpreso, que sua promessa não tranqüilizou a esposa. Ela sacudiu a cabeça e continuou com a expressa de tristeza.

— Nem mesmo você conseguirá controlar meus pais, Adam Eles não deixam de causar escândalos. Faz parte da natureza deles.

Era verdade, ele tinha de admitir. Lorde e lady Morrow estavam sempre à procura de divertimento, da mesma maneira que um bêbado procurava a garrafa. Não haveria ameaças nem súplicas capazes de impedir suas loucuras.

Mas ele não era homem de desistir. Iria empregar medidas drásticas para pôr um fim à presença aborrecida deles na vida de Addy.

— Confie em mim, querida. Saberei resolver a situação — ele afirmou.

— Queira Deus que sim. Receei que você estivesse furioso comigo.

— Fiquei furioso com lorde e lady Morrow — ele confessou —, não com você. Eu sei que fez o possível para impedir as excentricidades de seus pais. Uma tarefa que não invejo.

Addy contraiu o rosto, tristonha.

— Ninguém invejaria.

— É verdade. — Adam sorriu e passou a mão entre as sobrancelhas de Addy para desfazer a ruga que ali se formara.

— Já chega dessa expressão de aborrecimento ou desagrado entristecendo-lhe o rosto. Quero ver um sorriso nesses lábios.

— Você não pretende procurar um advogado para pôr um fim ao nosso casamento?

Ao ouvir isso, Adam ficou semi paralisado. Deus do céu, Addy não acreditava que ele a amava. Ele preferiria perder um braço a vê-la sair de sua vida!

Evidentemente, ela precisava ter absoluta certeza de que o amor dele por ela era intenso e profundo. Ele cercou o lindo rosto com as mãos.

— Pelo contrário, Addy. Nosso casamento está apenas começando.

— Apenas começando?

— Perdemos muito tempo sem nos entender — disse ele, lembrando-se da barreira que havia entre eles até pouco tempo.

— Nós não queríamos deixar o orgulho de lado e admitir que só a nossa união e nosso entendimento nos tornariam felizes.

Addy mostrou-se mais relaxada.

— Em matéria de orgulho, você tinha a parte do leão.

Adam ergueu uma sobrancelha.

— A sua parte não era pequena, minha querida.

— Não era pequena?

— Isso mesmo. — Sem conseguir conter-se, ele baixou a cabeça e deu um beijo na

esposa. — Uma parte bem grande.

Perturbada pelo beijo, ela murmurou:

— Tolice.

— Addy, já é tarde — ele murmurou, embriagado pelo perfume de lilases.

— Você já disse isso — ela respondeu, parecendo não ter entendido o que ele estava sugerindo.

— Não acha que é melhor voltar para seu quarto? — Ele apertou-a mais nos braços.

— Você quer que eu volte?

Adam cerrou os dentes, mal contendo seu desejo.

— Você sabe o que eu quero.

— Na verdade, não sei. O que você quer?

— Quero ter você comigo. Bem junto de mim.

— Assim? — Ela passou os braços ao redor do pescoço dele, ficando seus corpos colados.

— Addy, sabe o que está fazendo?

O robe estava entreaberto e ela beijou o peito do marido.

— Acha que lhe dou prazer?

Ele sentiu os joelhos fraquejarem tal o prazer que explodiu dentro dele.

— Sim. E como — falou num murmúrio. Quase não tinha voz.

Ela ergueu a cabeça e presenteou-o com um sorriso sedutor.

— O que mais você quer?

Um desejo ardente circulou pelo corpo dele com a força de um dique se rompendo. Não podia mais esperar. Com um movimento rápido, ergueu Addy nos braços e levou-a para o leito com baldaquino.

Ele lhe dera oportunidade de sair dali e ir para o quarto dela. Ela hesitara.

Agora iria descobrir, realmente, o que significava ser esposa de Adam Stonewell Drake.

Addy acordou com deliciosa sensação de bem-estar.

Por alguns minutos ficou de olhos fechados simplesmente gozando aquela felicidade que tomava conta dela.

Era estranho.

O dia anterior tinha sido desastroso por causa do comportamento de seus pais. Ela havia passado desde a manhã até tarde da noite experimentando um emaranhado de emoções. Estivera inquieta, humilhada e apreensiva, com um medo terrível de que o marido ficasse muito zangado com ela. Afinal, eram os pais dela que estavam manchando a reputação dele.

Depois do jantar Addy fora para seus aposentos e aguardara ansiosa, andando de um lado para outro, a volta de Adam. Por fim, já era bem tarde, ouvira-o falando com o criado pessoal. Em seguida o silêncio.

Certa de que ele se preparava para dormir, aguardara uns longos minutos para não perturbá-lo. Então, tendo reunido sua débil coragem, abrira a porta de comunicação com seu quarto e o do marido...

As lembranças do que acontecera depois fizeram seu coração dar um salto e deixaram-na vermelha.

Aquela tinha sido uma noite de sonho e fantasia. Uma noite mágica.

Subitamente, nada mais lhe pareceu ter importância. Nem os pais com seu comportamento ridículo ou a suspeita de que Adam poderia desejar uma mulher mais experiente. Mais maravilhoso ainda tinha sido o fato de entregar-se completamente ao marido, sem inibição, receios ou falsos pudores.

A noite de amor a deixara cheia de contentamento, satisfeita como um gatinho diante de um pires com leite.

E acordara imensamente feliz, fresca, nova, renascida, repleta de uma felicidade que jamais experimentara antes.

Com um sorriso prazeroso, sentou-se na cama e olhou para o travesseiro do seu lado. Embora o lugar onde Adam se deitara estivesse vazio, ela podia ver o sinal onde ele repousara a cabeça e ainda sentia o agradável aroma de sândalo do seu sabonete.

Com um gostoso estremecimento, passou a mão pela concavidade deixada no travesseiro e fechou os olhos relembrando as delícias de horas atrás. Seus pensamentos foram interrompidos pelo ruído da porta se abrindo. Adam entrou no quarto carregando uma grande bandeja.

Estava incrivelmente belo usando casaco azul-escuro e calças pretas. O coração de Addy inchou de alegria quando o marido sorriu para ela e aproximou-se da cama.

— Bom dia, minha querida.

Ela achou que iria sentir-se pelo menos encabulada por causa de haver respondido às carícias de Adam com tanto ardor e por mostrar-se tão desinibida. Porém, surpreendeu-se. O que experimentou foi um enlevo quando Adam sentou-se na cama e colocou a bandeja sobre o edredom que lhe cobria as pernas.

— Café-da-manhã na cama — ela murmurou olhando para as delícias que estavam nos diversos pratos. — Com tantos mimos vou ficar mal-acostumada.

— Não me ocorreu um modo melhor de acordá-la nesta manhã.

Um agradável calor, acompanhado de deliciosa vibração, percorreu o corpo de Addy.

— Adam...

Sorridente, ele pegou um prato para começar a servir a esposa.

— O que você quer? Ovos? Morangos? Presunto? Croissants?

— Sim, quero.

Adam ergueu uma sobrancelha.

— Quer, o quê?

— Tudo. Estou faminta.

Os olhos cinzentos ganharam um brilho malicioso.

— Posso saber por quê?

O convite naquele olhar provocou um súbito anseio em Addy. Ela teve de resistir ao impulso de afastar a bandeja e atirar-se nos braços do marido. Então foi assaltada por um pensamento indesejável.

— Oh!

— O que foi?

— Meus pais. Esqueci-me deles completamente. Eles devem estar à nossa espera para o desjejum.

— Coma e tome seu café sossegada. Eles não estão nos esperando.

— Você falou com eles?

— Falei.

Pelo modo reservado do marido, Addy teve certeza de que ele tentava esconder alguma coisa.

— O que aconteceu?

— Vamos tomar nosso desjejum sossegados. Depois falamos sobre seus pais.

Addy contraiu-se, esperando pelo pior. Em se tratando de lady e lorde Morrow, tudo era possível.

— Conte-me, Adam — ela pediu. — Não vou conseguir comer, estando tão ansiosa.

— Eu disse a eles que deviam arrumar a bagagem e partir — ele falou, não muito à vontade.

Certa de que o marido iria mencionar um novo desastre, Addy mal acreditou no que acabara de ouvir.

— O quê?

Interpretando a confusão dela como raiva, Adam suspirou.

— Sinto muito, Addy. Reconheço que fui arrogante e autoritário. Eu devia ter conversado com você antes de pedir a seus pais que deixassem esta casa. Mas, francamente, não pude esperar nem mais um dia.

— Não o culpo, Adam — ela apressou-se em dizer. — É de admirar que você tenha suportado a presença deles por tanto tempo.

— Quando pedi para eles partirem, não pensei em mim, mas em você.

— Por que fez isso? — ela indagou, observando atentamente as feições do marido que agora amava tanto.

— Mesmo a pessoa mais insensível podia ver que você estava extremamente infeliz por causa deles.

Addy sorriu. Era maravilhosa e confortadora aquela sensação de saber que alguém se importava com sua felicidade.

— Meus pais tentam a paciência de qualquer um.

— Posso tolerar uma demonstração de luta livre na minha casa e até ser chamado para tirar o sogro bêbado de um clube elegante como o meu, mas não permitirei que a façam sofrer como seus pais estavam fazendo — Adam declarou em tom severo, cerrando os punhos.

O coração de Addy encheu-se de ternura.

— Qual foi a reação de meus pais quando você lhes disse que deviam partir?

Os olhos cinzentos ganharam um brilho travesso.

— Sua mãe gritou que não podia deixar a filha amada. Seu pai resmungou uma série de expressões nada lisonjeiras sobre pessoas afetadas, formais e aborrecidas.

Mesmo tendo vontade de rir, Addy estremeceu. Podia imaginar perfeitamente o espetáculo apresentado pelos pais. Ninguém superava o casal Morrow em matéria de cenas trágicas.

— Lamento que você tenha sido obrigado a suportar tudo isso.

— Não deve lamentar. Tive o prazer de aproveitar a oportunidade para dizer a seus pais que são egoístas. Eles alegam que amam a filha, mas se amassem não a fariam sofrer. Disse também que eles não deviam voltar a esta casa enquanto não fossem capazes de tratar você com o respeito que você merece.

O olhar de Addy encheu-se de admiração pelo marido.

— Deus do céu, minha mãe deve ter perdido os sentidos.

— Ela bem que tentou um leve desmaio. Mas quando não me comovi ao vê-la caída no chão, levantou-se desajeitadamente e começou a me acusar. Disse, entre outras coisas, que nunca devia ter permitido que a filha se casasse com um patife insensível como eu — Adam mencionou em tom mordaz.

— Eu gostaria de presenciar a cena.

— Você ficou mais segura aqui. Quando sua mãe percebeu que eu não iria voltar atrás, começou a atirar estatuetas e outros enfeites pela sala. Por sorte ninguém se machucou.

— Oh, não! Espero que ela não tenha quebrado as porcelanas de Dresden! — Addy exclamou sentindo um calafrio.

— Não. Foram peças de pouco valor.

— Ainda bem. — Addy respirou aliviada. Teria de se indispor com a mãe caso ela tivesse destruído uma coleção de peças de valor inestimável, num ataque de raiva.

— Vamos esquecer seus pais — disse Adam e colocou um morango na boca da esposa. — Em vez disso, podemos decidir o que faremos hoje.

— O que você quer fazer?

— Você sabe o que eu quero — o marido respondeu com um olhar carregado de malícia.

— Francamente, Adam! — ela protestou, embora estivesse sentindo grande excitação.

O marido de repente mostrava-se insaciável e ela descobrira que não se importava nem um pouco com isso.

— Na verdade, eu estava pensando que podíamos fazer um passeio.

A idéia surpreendeu Addy, pois, olhando na direção da janela, viu que começara a chover e o céu estava escuro.

— Um passeio com este tempo?

— De repente me deu vontade de vê-la andando na chuva, descalça. Ou será que a recatada Sra. Drake é uma esnobe, se julga muito superior, e faz pouco de um divertimento agradável como esse?

— Você sabe que a Sra. Drake não é esnobe nem se julga superior a ninguém.

Inclinando-se para frente, Adam deu um beijo arrebatado na esposa.

— Graças a Deus — murmurou contra os lábios dela.

Capítulo XIV

Naquela tarde a Sra. Mason mandou entregar o vestido de baile na residência da Sra. Drake.

Ao abrir a caixa, Addy ficou maravilhada com o trabalho realizado pela modista e suas ajudantes. A blusa do vestido de cetim cor-de-bronze era toda bordada com pérolas. O amplo decote deixava à mostra parte dos ombros e as mangas eram pequenas e fofas. Uma faixa de cetim em tom mais escuro do que o do vestido circundava a cintura alta.

Mas foi só à noite, quando estava pronta para ir ao baile, que Addy pôde ver como o modelo e a cor do vestido valorizavam seu corpo e evidenciavam a alvura de sua pele. O magnífico colar de diamantes que Adam lhe dera chamava ainda mais a atenção para suas formas perfeitas e sua beleza incomparável.

Por um momento, Addy analisou, ansiosa, a imagem refletida no espelho. Não havia nada indecente naquele traje, concluiu. E estava certa de que no baile haveria muitas senhoras usando decotes mais ousados do que o seu. Apenas suas curvas, admitiu, eram bem generosas, o que a

fazia sentir-se tão exposta.

E se ela estava um tanto apreensiva, era porque se acostumara a usar os vestidos comprados por Adam, mais apropriados para uma governanta do que para uma jovem senhora da sociedade, lembrou.

Ajeitou um cacho dos cabelos, caído do lado do rosto, e voltou-se para sua criada pessoal.

— Oh, a senhora está linda! — a moça exclamou.

Addy levou a mão ao pescoço.

— Você acha o decote muito baixo?

— De jeito nenhum — a criada respondeu. — A maioria das senhoras usa decotes muito mais exagerados do que esse.

— Mesmo assim...

— Não se preocupe. O vestido é lindíssimo e nem um pouco escandaloso — a moça assegurou.

— Espero que Adam tenha a mesma opinião.

— Você espera que eu tenha a mesma opinião sobre o quê, minha querida? — Adam perguntou, aparecendo à porta de comunicação com os dois quartos.

Surpresa, Addy virou-se depressa para o marido. Quase ficou sem ar ao vê-lo tão bonito e elegante em traje formal. O casaco com corte perfeito e as calças justas, ambas as peças pretas, evidenciavam o corpo atlético. Até os olhos cinzentos tinham um brilho mais intenso.

Adam Drake era, inegavelmente, um belo homem. E todo seu, Addy pensou com orgulho.

Percebendo que o casal queria ficar a sós, a criada fez uma rápida mesura e saiu do quarto.

— Boa noite, Adam — Addy cumprimentou-o, ciente de que ele a examinava da cabeça aos pés.

— Outro vestido novo?

Apesar de o tom dele ter sido gentil, Addy colocou-se na defensiva. Não aceitaria que o marido desaprovasse sua escolha.

Eles podiam ter melhorado o relacionamento naquelas semanas, mas havia ainda uma parte dela vulnerável que precisava saber se merecia ou não toda a confiança do marido. Precisava ter certeza de que ele iria deixá-la ser ela mesma e não uma pálida imagem do que ele considerava uma esposa perfeita

— Sim. Chegou esta tarde.

O olhar dele se deteve no decote.

— É muito... agradável.

— Agradável? Isso quer dizer que não o aprovou?

Notando a tensão na voz dela, ele deu um sorriso forçado.

— Addy, por minha vontade eu só a deixaria sair de casa coberta da cabeça aos pés. Todo marido quer a beleza da esposa só para si.

Ela ergueu a cabeça, decidida. Não suportava mais roupas severas, recatadas, disse a si mesma, esquecendo suas dúvidas sobre a decência do vestido novo que usava.

— Não irei ao baile coberta da cabeça aos pés.

Adam balançou a cabeça devagar.

— É claro que não. Você vai ao baile com seu vestido novo e, sem dúvida, será a mulher mais linda e elegante do salão. Mas me reservo o direito de quebrar o nariz do cavalheiro que eu

surpreender com o olhar cobiçoso fixo em você.

A tensão de Addy desapareceu ao notar na voz do marido o tom levemente provocativo. No fundo ela temia uma severa repreensão, o que lhe roubaria todo o prazer prometido por aquela noite.

Baixando levemente os cílios, ela olhou de modo coquete para o marido.

— Ora, sr. Drake, parece que está com ciúme.

Os olhos cinzentos ganharam imediatamente o brilho do desejo. Adam aproximou-se da esposa o bastante para ela sentir-lhe o calor.

— Estou louco e declaradamente com ciúme, Sra. Drake — ele confessou sem a menor hesitação.

Uma alegria estonteante percorreu o corpo de Addy ao sentir o olhar apaixonado do marido fixo nela.

— Muito bem, você pode quebrar o nariz de qualquer cavalheiro que fique olhando para mim — ela concordou com um sorriso provocativo. — Mas imponho uma condição: nada de mulheres atrevidas pondo as garras em você.

Ele riu e enlaçou-a pela cintura.

— Ora, Sra. Drake, parece que está com ciúme.

Poucas semanas atrás Addy vivia tão ressentida e também receosa demais para revelar ao marido seus pontos vulneráveis. Agora, entretanto, não se importava de admitir sua fraqueza. Ergueu a cabeça e inclinou-a um pouco para trás a fim de olhar dentro dos olhos de Adam.

— Estou louca e declaradamente com ciúme, sr. Drake.

Ele apertou-a junto do peito e sorriu de satisfação.

— Sabe o que me ocorreu?

— Não faço idéia. O que foi?

Baixando a cabeça, ele tocou os lábios dela com os seus, depois lhe beijou as faces e o pescoço.

— Acho que será mais agradável ficarmos tranqüilos em casa. Se formos a esse baile, vamos nos aborrecer num salão lotado e quente, recebendo empurrões.

Addy quase chegou à mesma conclusão, tal a excitação que a estava fazendo vibrar. Bastara Adam tocá-la para sentir-se frouxa nos seus braços e inebriada com o cheiro dele.

Que mulher com um pouco de sensatez não iria preferir permanecer nos seus aposentos com um homem belo, viril e amante experiente, a ficar no meio de uma multidão barulhenta com quem nada tinha em comum?

Entretanto, a crescente excitação, aquela vontade faminta, não a impediu de lembrar-se do pobre hóspede que os esperava pacientemente no andar térreo.

Na semana anterior ela e Adam mostraram-se anfitriões desatenciosos, pois deixaram o reverendo Humbly abandonado inúmeras vezes.

— Devemos pensar no sr. Humbly — ela murmurou sentindo arrepios à medida que o marido lhe beijava o pescoço, a nuca... — Ele vai partir no fim da semana.

Adam continuou a beijá-la com o intuito de fazê-la mudar de idéia. Então, quando Addy estava prestes a se convencer de que o vigário compreenderia a ausência do casal, e resolveria o que fazer nessa noite, o marido suspirou, resignado, e afastou-se dela.

— Ah, pensei que de nós dois eu fosse o mais rígido em matéria de dever e responsabilidade. Pelo que vejo, você está me superando.

Addy deu um sorriso e alisou a saia do vestido.

— Começo a acreditar que o sr. Humbly tem exercido uma influência repreensível

sobre você. Nas últimas semanas você está revelando seu lado imoral.

— E você tem sido muito recatada. Pelo menos na maioria das ocasiões. — Enquanto falava, ele foi passando um dedo ao redor do colo da esposa.

Ela bateu na mão dele com o leque.

— Devemos descer. O sr. Humbly está à nossa espera.

— Está bem — disse ele a contragosto e ofereceu-lhe o braço.

Juntos, saíram do quarto e foram para o salão. A casa estava venturosamente silenciosa sem a presença provocante de lady e lorde Morrow. Embora Addy sentisse por vezes uma pontada de remorso por não ter insistido com Adam para permitir que eles ficassem mais algum tempo na casa, não lamentava a decisão dele.

Era uma delícia acordar pela manhã sem medo de se deparar com algum tipo de desastre. Também podia trabalhar sossegada no retrato do sr. Humbly sem ouvir as queixas e as críticas da mãe. Naturalmente, ela reconhecia que a visita dos pais fora proveitosa.

O vigário a ensinara a agradecer o que possuía e a dar valor às bênçãos recebidas. Era essa a razão de apreciar ainda mais o silêncio e a paz reinantes na casa depois da caótica presença do casal Morrow.

O reverendo ficou de pé ao ver Adam e Addy entrando no salão.

— Que lindo vestido! — exclamou com um olhar de verdadeira admiração.

— Obrigada, sr. Humbly. Deve dizer que o senhor também está elegante.

— Bondade sua. — O vigário olhou sem muito entusiasmo para o próprio traje. — Mas eu não consigo nunca ser elegante. Não levo jeito para essas coisas.

Era verdade que o casaco do reverendo estava amassado e a gravata retorcida, mas seu doce sorriso, a boa índole e a simpatia compensavam a falta de elegância.

— Na minha opinião o senhor está um charme — ela insistiu.

O vigário sorriu e voltou-se para Adam.

— Convém irmos andando antes que sua esposa me deixe convencido.

Como Addy tinha previsto, o salão estava lotado e ela viu-se empurrada com o sr. Humbly para um canto, felizmente do lado oposto ao da orquestra.

Por mais que tentasse demonstrar entusiasmo para animar o vigário, mal conseguia conter os bocejos. Os minutos passavam com enervante lentidão.

Nem mesmo para exibir o lindo vestido novo, sentia-se inclinada a dançar, muito menos a corresponder aos olhares masculinos lançados na sua direção.

Por sua vontade, voltaria para casa e ficaria a sós com marido. Ela abanou a cabeça. Quando iria imaginar que um á' seu grande desejo seria passar uma noite tranqüila, sem nada especial, sozinha com Adam?

Esse, com certeza, não era o sonho de muitas jovens. Mas no momento não podia pensar em nada mais agradável do que ficar aconchegada no colo do marido, na frente da lareira.

Olhando para o reverendo, ficou penalizada ao notar seu rosto afogueado por causa do calor. Ocasionalmente ele assustava-se com o riso agudo de debutantes, ansiosas para chamar a atenção sobre elas, no meio daquela multidão.

Pobre sr. Humbly. Parecia tão infeliz quanto ela.

— O salão está lotado, não? — ela comentou esperando deixá-lo mais à vontade.

Ele inclinou-se para frente porque não conseguira ouvi-la.

— O que você disse?

— O salão está lotado — ela repetiu bem alto, por causa do barulho.

— É verdade — ele concordou, em seguida arregalou os olhos. — Oh, minha filha.

— O que foi?

— A matrona de turbante. Eu a conheço de vista. Cuidado com os pés.

Ele afastou-se com Addy para dar passagem a uma condessa grandalhona que por pouco não pisou no pé de Addy.

— Céus! Para mim, chega — Addy murmurou. Ali nem os pés estavam a salvo. Era hora de se retirar. — Vou ver se encontro Adam para saber se ele quer ir para casa.

Foi visível o alívio no rosto do vigário.

— Ótima idéia, minha filha.

— Espere por nós no hall. Não me demoro. Inspirando fundo, ela abriu caminho entre os convidados e, graças à sua perseverança, conseguiu chegar à porta de acesso o jardim, apesar dos esbarrões.

Olhou para todos os lados e, não vendo sinal de Adam, voltou sua atenção para o grupo de cavalheiros reunidos do outro lado da porta, no terraço. Subitamente alguém segurou com força no seu cotovelo.

Virou-se depressa e viu lorde Barclay olhando para ela com indisfarçável admiração.

— Addy, finalmente! — ele exclamou com um sorriso encantador. — Tentei me aproximar de você a noite inteira. In felizmente seu mais persistente admirador não saiu do seu lado.

Apesar de não estar com paciência de ouvir o frívolo dândi, Addy forçou um sorriso educado.

— Boa noite, lorde Barclay.

— Espero que me conceda uma dança.

— Não posso. Eu ia justamente chamar Adam para irmos embora.

— Já? Não acha muito cedo?

— Cedo ou não, quero ir para casa.

Addy viu a bela feição endurecer-se. Sem dúvida lorde Barclay julgava-se o máximo e esperava que toda mulher se rendesse aos seus encantos, ela pensou.

— Começo a acreditar que você está me evitando.

Por pouco Addy não o informou que teria enorme prazer de não encontrá-lo novamente. Não suportava suas lisonjas e galanteios.

— Tolice. Só estou cansada.

Os lábios dele curvaram-se num sorriso zombeteiro.

— E ansiosa para estar em casa com seu marido?

— Muito ansiosa. — Addy afirmou, encarando lorde Barclay.

Fez-se uma pausa depois da qual lorde Barclay curvou-se.

— Naturalmente. Vi seu marido indo para a sala de jogos. Permita que eu a acompanhe até lá.

Por mais que detestasse a companhia daquele notório libertino, Addy não teve escolha senão aceitar o oferecimento.

— Se você quiser...

Eles iam deixar o salão, mas deram de encontro com inúmeros convidados que estavam saindo do salão de jantar.

— Não conseguiremos passar por aí — lorde Barclay declarou e conduziu Addy para

o hall. — Conheço outro caminho menos movimentado.

— Para onde estamos indo? — Addy indagou, alarmada, vendo lorde Barclay abrir uma porta.

— Vamos encontrar o sr. Drake, naturalmente:

Tarde demais, Addy viu-se na biblioteca deserta e lorde Barclay trancou a porta.

— O que está fazendo?

— Precisamos ter um pouco de privacidade.

— Privacidade? Para quê?

— Nem mesmo você é tão ingênua, querida Addy. — Lorde Barclay deu uma risada maliciosa.

O espanto de Addy transformou-se em raiva. Olhou com repulsa para o atrevido lorde. Se aquilo era um jogo, não podia ser mais sem graça.

— Deve me chamar de Sra. Drake, milorde — ela falou em tom gélido. — Exijo que abra essa porta imediatamente.

— Não vou fazer isso.

— Como?

— Esperei demais para ficar sozinho com você. Nunca vi uma mulher tão esquiva.

— Você deve estar embriagado.

— Embriagado de desejo por você. — Lorde Barclay aproximou-se de Addy, mas ela foi para o meio da biblioteca.

— Se não está bêbado, deve estar louco. Exijo que abra a porta. Quero sair daqui, agora.

Parando na frente dela, Barclay deu um sorriso sarcástico.

— Você não está em condições de exigir nada, Sra. Drake.

— Vou começar a gritar.

— Não vai, não. Pense no escândalo que você causará se nos descobrirem aqui, sozinhos. Nós dois sabemos que seu marido exemplar odeia escândalos.

Ele tinha razão. Que se danasse, Addy pensou, fervendo de raiva. Mas não ia admitir isso para aquele ordinário.

— Direi a todos que você me trouxe à força para cá.

Ele encolheu os ombros.

— Eu direi que foi você quem me atraiu para este lugar. Depois, quando me viu excitado, perdeu a coragem. Veremos em quem todos irão acreditar. Mesmo que acreditem em você, os comentários fervilharão durante semanas.

A mão de Addy coçou de tanta vontade de dar um tapa no rosto bonito daquele depravado.

— Por que está fazendo isto?

O olhar dele fixou-se no decote do vestido dela.

— Como eu disse, você é ingênua. E não tem idéia de que é uma mulher encantadora. Seu marido, com toda certeza, não está cumprindo bem sua tarefa.

— Eu sei que você não está tão desesperado por uma mulher para precisar forçá-la a fazer o que não quer. Diga logo! O que pretende?

Lorde Barclay cruzou os braços e ficou em silêncio por um momento.

— Se quer saber a verdade, a minha intenção, em primeiro lugar, é irritar Adam.

— Por que isso?

— Você não pode imaginar como é horrível viver sempre à sombra de Adam Drake. Em Oxford ele era o preferido de todos os professores. O resto da classe devia seguir seu exemplo. Até nos esportes ele era o que mais sobressaía. Não criava nenhum tipo de problema. Era perfeito.

— Adam é realmente excepcional — Addy falou com orgulho. — Mas ele não tem culpa de ser melhor do que você na escola.

— Oh, não era só na escola que eu era obrigado a ouvir censuras e a receber castigos por não ser como Adam Drake. Meu pai exaltava as qualidades de Adam e atirava na minha cara que, em vez de imitar o colega, eu fazia justamente o contrário. Eu tinha de ouvir meu pai dizer que Adam não jogava, não bebia; não gastava toda sua mesada com dançarinas. Em vez disso, o nobre Adam se sacrificava pelo bem do Departamento de Guerra. Ora, ouvir aquilo era de enjoar o estômago.

— Você tinha inveja dele.

— Talvez. — Barclay deu de ombros. — Bem, eu achei que seria divertido fazer com que o poderoso Drake deixasse as alturas onde vivia para descer ao nível do resto dos mortais. E que modo melhor de destruir a arrogância de um homem do que seduzir sua esposa?

Uma atitude sórdida, Addy pensou, com ódio daquele patife. Que tipo de homem seria capaz de planejar seduzir uma mulher para concretizar uma vingança mesquinha?

— Lamento desapontá-lo, milorde, mas não tenho o menor desejo de ser seduzida.

— Sra. Drake, sou eu quem lamenta por você... — ele falou em voz baixa e irônica.

Um desagradável arrepio percorreu o corpo de Addy. Por mais que tentasse se convencer de que nem mesmo um devasso como lorde Barclay teria coragem de tomar liberdades com ela, sabendo que do outro lado da porta havia uma centena de convidados, ela não podia ignorar a ameaça visível nos olhos azuis.

Ciúme. Inveja.

Amargo ressentimento de um homem fraco contra um homem mais forte e vitorioso. Uma associação perigosa de sentimentos.

— O que está insinuando? — ela perguntou em tom firme. Sem que Addy esperasse, Barclay segurou o queixo dela e apertou-o.

— Se você tivesse cedido aos meus apelos, poderíamos passar estas últimas semanas vivendo momentos de indizível prazer, sem que Adam descobrisse o nosso affair. Como você me rejeitou, agora será punida como uma esposa infiel, uma adúltera, sem ter, pelo menos, experimentado um instante de gozo.

— Você está louco. — Addy torceu o corpo e libertou-se de lorde Barclay. — Adam jamais acreditará que eu o traí.

Barclay riu da veemência daquelas palavras.

— Se você acha que seu marido não irá pensar no pior, é porque não sabe coisa nenhuma a respeito do orgulho de um homem. Especialmente de um homem como Adam Drake. Lembre-se de que ele quase me desafiou para um duelo simplesmente porque me viu conversando com você.

Essas palavras atingiram Addy com a força de um soco.

Como Adam reagiria se a encontrasse ali com aquele belo libertino?

O relacionamento deles havia melhorado bastante nas últimas semanas. Os laços do matrimônio tornaram-se mais sólidos, eles estavam mais unidos e mais íntimos do que nunca. Entretanto, ela trazia bem nítida na lembrança a expressão de raiva do marido ao vê-la conversando com lorde Barclay no baile oferecido pelo casal Harvey.

E a situação presente era muito mais séria. Qual seria a reação dele ao descobrir que ela estivera trancada na biblioteca com Barclay, sabe-se lá por quanto tempo?

Seu coração contraiu-se de temor e angústia.

Não, não suportaria perder o marido.

Não agora que se apaixonara por ele.

Percebendo que o dândi libertino a observava tão seguro de si e parecendo divertir-se, Addy endireitou os ombros e ergueu bem a cabeça. Não permitiria que aquele canalha suspeitasse, nem por um momento, que ela duvidava da confiança que o marido depositava nela.

Quem sabe poderia escapar antes que algum mal lhe acontecesse.

— Não julgue os outros por si mesmo, milorde. Posso não saber nada sobre o orgulho de um homem, mas conheço meu marido. Sei que ele não é leviano como você. Adam é ponderado, sensato e confia em mim — ela retrucou.

— Ah! — Barclay zombou. Parecia mais seguro de si do que nunca. — Ele pode ter gelo nas veias, mas mesmo Adam Drake será homem o bastante para pensar no pior quando vir você nos meus braços.

— Não é de admirar que seu pai tenha sofrido o maior desapontamento com você — Addy falou com desprezo. — Você é uma figura patética.

O belo rosto contraiu-se. Tomado de súbita fúria, Barclay segurou os braços de Addy e sacudiu-a.

— E você precisa receber umas lições de boas maneiras, sua megera de língua ferina.

— Me solte!

— Nem pensar.

Com assustadora facilidade, Barclay puxou-a para junto dele, ficando seus corpos colados. Naquele instante chegou até eles o som da voz de Adam.

— Addy, você está aí?

— Adam! Socorro! — ela gritou, enquanto lutava para soltar-se das garras de seu captor. — Me ajude!

Capítulo XV

Com uma força que o surpreendeu, pois não imaginava que a possuía, Adam empurrou a porta trancada a chave e abriu-a com um estrondo.

Da posição onde ele se achava, no salão, e com a graça de Deus, tinha visto Barclay saindo com Addy para o hall, ele pensou, entrando cambaleante na biblioteca. Embora tivesse demorado uma eternidade para abrir caminho entre o grande número de convidados, acalentara a esperança de chegar até Addy a tempo de impedir que ela sofresse algum tipo de abuso por parte do lascivo aristocrata.

Não sendo possível trancar a porta, cuja fechadura ficara solta, ele apenas a encostou para evitar a curiosidade de um passante ocasional. Felizmente, os convidados, em sua maioria, se encontravam no salão ou tinham sido atraídos para a sala de jogos, onde estava havendo uma briga.

Virando-se, Adam viu o casal no meio da biblioteca. Ficou imensamente aliviado ao constatar que Addy, apesar dos cabelos em desalinho e do vestido meio amassado, parecia estar bem. Seu alívio aumentou quando ela pisou com força no pé de Barclay e correu para junto do marido.

Entretanto, a expressão atrevida e desafiadora do aristocrata deixou-o furioso.

— Barclay — ele pronunciou o nome como se fosse uma maldição.

O libertino alisou calmamente os cabelos dourados.

— Francamente, Drake, você não tem a mínima noção de decoro? Está claro que, se Addy e eu estamos aqui, sozinhos é porque queremos ter um pouco de privacidade.

O olhar dardejante de Adam manteve-se fixo em Barclay.

— Addy, por favor, procure o sr. Humbly e esperem ambos por mim na carruagem.

— Adam, você precisa me ouvir — ela pediu, aflita.

— Agora, não, Addy — ele falou por entre os dentes.

— Seu autocontrole estava por um fio. E ele não queria que a esposa estivesse presente quando ele explodisse, liberando sua fúria.

— Mas... não é o que você está pensando.

— Vá.

— Ele me forçou...

—Eu sei, Addy. Falaremos sobre isso, depois. — Ele franziu o cenho com impaciência.

Por mais que quisesse abraçar Addy e confortá-la, sabia que no estado em que se encontrava não tinha condições de uma demonstração de carinho. Queria vê-la fora dali, assim ele poderia matar lorde Barclay, sem que ela presenciasse a cena de horror.

Ela continuou diante dele, tensa. Em seguida, com expressão de profundo desapontamento balançou a cabeça, assentindo.

— Está bem.

Adam chegou a estender o braço para detê-la, mas ela já caminhava para a porta. Também, de nada adiantaria prendê-la ali, uma vez que não tinha como tranqüilizá-la. No momento devia concentrar-se no confronto com o dândi desprezível que tinha de ser punido por seu comportamento indigno.

Desde os tempos de Oxford, Adam lembrou-se, lorde Barclay nutria por ele uma antipatia irracional. Antipatia que se agravou com o passar dos anos. Evidentemente, chegara a hora de os dois acertarem suas diferenças de uma vez por todas. Ele esperou que Addy saísse, deixando a porta encostada, e encarou lorde Barclay, mal contendo a vontade de arrancar-lhe do rosto aquela expressão insolente.

— Que modo mais rude de tratar a esposa, hem, Drake? — ele provocou Adam, alheio ao perigo que pairava no ar.

Mas o que se podia esperar? O palhaço, claro, não fora abençoado com o dom da inteligência, Adam pensou, cerrando os punhos.

Barclay provou que era mesmo insensato quando acrescentou:

— Não é de admirar que sua adorável esposa estivesse tão ansiosa à procura de um pequeno consolo nos braços de um cavalheiro capaz de compreender os desejos de uma mulher.

Forçando um sorriso, Adam deu um passo à frente e desferiu um murro naquela cara zombeteira. Barclay caiu estatelado sobre o tapete e levou a mão ao nariz que sangrava muito.

— Se você falar de minha esposa novamente, eu o faço engolir suas palavras e parto-o ao meio.

Pálido e estonteado com aquele ataque repentino, Barclay levantou-se sem muita firmeza e olhou com ódio para Adam.

— Não precisa brigar, Drake. Eu só vim até aqui com Addy porque ela alegou que você não se importaria se ela cometesse alguns pecados leves. Se eu tivesse...

Mais uma vez o punho de Adam acertou em cheio o nariz de Barclay. Desta vez o safado

caiu de costas e teve a prudência de permanecer no chão.

— Eu o avisei para não falar de minha esposa.

— Inferno! — Barclay arrastou-se no tapete, distanciando-se de Adam. Tinha o rosto contraído de dor. — Eu não fiz nada além de me deixar envolver por uma mulher sedutora e aceitar seu convite. O que você queria que eu fizesse?

Adam riu com desdém. Poucas semanas atrás, talvez chegasse a ficar perturbado ao ouvir aquelas palavras. Na ocasião ainda não tinha certeza do amor de Addy e vivia apreensivo, com medo de ter arruinado para sempre, por causa da sua arrogância, a chance de felicidade de ambos.

Agora estava achando ridículo e idiota o discurso de Barclay.

Tinha absoluta confiança em Addy. Seria capaz de apostar a própria vida que ela jamais o trairia.

— Se você pensa que eu possa acreditar nessa sua história, está completamente louco. Addy jamais viria para cá com um tipo como você se não fosse obrigada. — Adam lançou um olhar de desprezo para o homem, antes tão elegante e agora com as roupas amarrotadas e respingadas de sangue. — Tenho absoluta certeza de que, entre estar perto de uma cobra e com você, ela escolheria a cobra.

Os olhos azuis ficaram injetados de fúria.

— Ora, você não sabe que Addy... — A frase foi interrompida abruptamente assim que Adam deu um passo na direção de Barclay. Ele encolheu-se no tapete e falou cheio de ódio: — Drake, seu maldito, você quebrou meu nariz!

— Essa foi apenas a primeira das muitas outras partes do seu corpo que pretendo quebrar — Adam advertiu-o.

Barclay estreitou os olhos.

— Eu seria mais cuidadoso se fosse você, meu caro Drake. A não ser que não se importe com a maledicência das pessoas. Sim, porque, daqui a pouco, toda a sociedade londrina ficará sabendo que eu estava trancado aqui com sua esposa.

Adam não se surpreendeu com essas palavras. Não podia esperar outra coisa de um ser desprezível como lorde Barclay. Por que o covarde não haveria de querer destruir a reputação de uma mulher inocente para salvar a própria pele?

— Pronuncie uma única palavra que possa envolver Addy em um escândalo e eu mesmo castrarei você.

O insolente empalideceu, mas abanou a cabeça.

— Ah!

Com um gesto rápido, Adam pegou o punhal que trazia escondido na manga do casaco. Somente um tolo andava pelas ruas de Londres sem alguma proteção. E ele jamais fora um tolo.

— Posso fazer o serviço agora? Um eunuco não representará nenhuma ameaça para a honra de mulheres decentes.

— Você... não pode ameaçar um nobre — tornou Barclay encolhendo-se ainda mais.

— Posso fazer o que eu bem quiser. — Erguendo o punhal, cuja lâmina brilhou à luz das dezenas de velas do lustre, Adam sorriu com gélida e perversa determinação. — Não se esqueça de que tenho amigos poderosos. Qualquer um deles fechará os olhos para um deslize de minha parte, uma vez que não podem dispensar meus serviços.

— Meu pai cuidará de você — Barclay falou, tentando dar-se ares de importância.

— Seu pai, da mesma forma que todos que o conhecem, o considera uma vergonha para a sociedade — Adam retrucou. — Ele não se arriscaria a provocar a fúria do Príncipe Regente para salvar a pele de um imprestável. Acredito que ele até me agradeceria por garantir

que você não seria mais capaz de espalhar filhos ilegítimos pela cidade.

— Maldito — Barclay resmungou, o rosto inflamado de ódio.

— E então, Barclay? O que decide? Seu silêncio ou a sua virilidade?

Houve uma pausa. Lorde Barclay considerou se devia escolher a segunda opção. No fundo, duvidava que Adam cumpriria sua ameaça. Ele não era homem de tamanha violência. Em todo caso, seria mais prudente não abusar. O nariz quebrado era prova de que o cavalheiro não estava ali para brincadeiras. Ele olhou para o rosto impenetrável de Adam e declarou com a voz apertada na garganta:

— Meu silêncio.

Adam fixou nele os olhos frios como aço.

— Um murmúrio que seja e eu o encontrarei, onde você estiver, entendeu?

— Vá para o inferno.

Satisfeito por haver intimidado o idiota, Adam curvou-se só para provocá-lo. Tinha de sair da biblioteca. Se ficasse ali mais um minuto, acabaria esmurrando o cretino até deixá-lo sem sentidos.

— Foi um prazer falar com você, Barclay.

Adam estava andando em seu quarto de um lado para outro, inquieto, quando ouviu um som abafado do outro lado da porta.

Ele evitara Addy desde que voltaram do baile, simplesmente porque ainda estava furioso e não queria ferir a esposa, mesmo sem querer.

Instintivamente, aproximou-se da porta. Tinha certeza de que Addy estava acordada. Ela não conseguiria dormir depois do incidente dessa noite, disse a si mesmo com uma pontada de remorso. Devia ter sido gentil com a esposa. Sabia que ela estava angustiada. Devia tê-la confortado.

Decidido, abriu a porta, esperando encontrar Addy agitada como ele, andando pelo quarto, de um lado para outro. Em vez disso, a viu perto da cama, guardando suas roupas em uma grande mala.

— Addy, o que está fazendo? — indagou, perplexo.

Ela nem se dignou a levantar a cabeça e colocou na mala um vestido cor-de-pêssego.

— Arrumando as malas.

— Estou vendo — tornou ele, impaciente. — Por que está arrumando as malas?

— Vou embora.

De repente, Adam ficou alarmado.

— Aconteceu alguma coisa? Seus pais...

— Meus pais estão ótimos — ela respondeu, zangada.

— Então, qual é o problema?

— Não posso ficar aqui. Não depois do que aconteceu esta noite.

A sensação de Adam foi a de ter recebido um soco. Deus do céu.

Reconhecia que Addy tinha motivo para estar aborrecida, mas jamais imaginara que ela teria semelhante reação.

— Por causa de lorde Barclay? — ele perguntou, esperando que o devasso fosse realmente o responsável por Addy estar naquele estado. Assim, ele teria mais um motivo para dar outros murros naquele rosto bonito e insolente. — Addy, garanto que ele nunca mais a aborrecerá.

— Não, Adam. — Por fim, ela ergueu a cabeça. O marido notou sua palidez e os olhos brilhando de raiva. — A minha partida nada tem a ver com lorde Barclay e, sim, com você.

Ele apertou os dentes e sentiu uma contração no peito.

— Desculpe, Addy, se perdi o controle diante de você. Mas quando vi Barclay segurando seus braços, eu quis matá-lo. E quase fiz isso. A minha intenção não foi assustá-la.

— Você não me assustou — ela contrapôs, surpresa, não apenas com as palavras do marido, mas também por vê-lo tão tenso.

— Então você se ofendeu porque me comportei como um bruto, querendo punir Barclay? — ele inquiriu, incrédulo. — Addy, nem mesmo um santo veria a esposa sendo agarrada por um tipo desprezível sem querer castigar o miserável. E eu nunca me considerei um santo.

— Ora, Adam, você é um homem inteligente, mas agora está sendo incrivelmente denso — Addy falou em tom cortante.

— É óbvio que não sou capaz de ler sua mente. — Ele fez um gesto de impaciência com as mãos. — Por que não me diz logo qual o motivo de querer ir embora?

Os lábios dela estavam trêmulos, mas ela encarou o marido e respondeu:

— Porque você ainda não confia em mim.

Adam olhou para ela, atônito.

— O quê?

— Eu vi muito bem sua expressão. Você estava furioso.

Ele segurou-a pelos ombros, tendo de se conter para não sacudi-la até fazê-la refletir com sensatez. Ela quase o matara de susto.

— Bom Deus, eu tinha motivo para estar furioso. Acabei de lhe dizer que por pouco não matei um par do reino.

Addy olhou para o marido, mal escondendo sua mágoa.

— Você também estava furioso comigo. Acreditou que acompanhei lorde Barclay por prazer. Nem quis me ouvir quando tentei me defender.

— É por isso que você quer ir embora? Acha que não confio em você?

— Não posso viver constantemente preocupada em provar que sou digna de sua confiança. É como ter o tempo todo uma espada sobre minha cabeça.

Adam abanou a cabeça, incrédulo. Nunca lhe ocorrera que Addy pudesse ficar tão abalada por causa de uma tolice daquelas. Não depois que passara a existir entre eles maior compreensão e intimidade.

— Está sendo absurda, Addy.

Lágrimas brilharam nos olhos escuros.

— Estou sendo absurda? Então responda com sinceridade: você não suspeitou de mim? Ao me ver com lorde Barclay, não acreditou que eu estava ali por querer?

— Minha querida, não sou nenhum conquistador, muito menos um libertino, mas sei reconhecer quando uma mulher está sentindo prazer nos braços de um homem e quando está lutando para se libertar dele. Na minha opinião, uma mulher que deseja ser seduzida não pisa nos pés do sedutor para encorajá-lo, e, sim, para fugir dele.

— Você está dizendo isso, mas me tratou com a maior frieza. Ordenou que eu saísse como se eu fosse uma criança desobediente.

Só então Adam percebeu que sua atitude levara Addy a tirar conclusões errôneas. Fechou os olhos por um instante, lamentando sua falta de sensibilidade.

— Perdoe-me. Se eu a mandei sair foi porque eu queria poupá-la de presenciar uma cena

de violência. Eu não queria assustá-la.

Addy olhou para ele com expressão de dúvida.

— E por que não falou comigo quando estávamos na carruagem, de volta para casa? Na verdade, você nem me dirigiu um olhar.

— Eu não conseguia dizer nada. Ainda estava furioso por não ter acabado de uma vez com Barclay.

— Então você não pensou que eu queria estar ali com lorde Barclay?

— Nem por um instante. — O coração de Adam ficou apertado ao notar a insegurança e a fragilidade da esposa. Deus, tinha de convencê-la de que seria incapaz de magoá-la! — Confio em você, Addy. Sei que você jamais me trairia.

Ele prendeu a respiração ao notar que um lento vislumbre de esperança começava a brotar no fundo dos olhos negros.

— Oh, Adam, tive tanto medo de que tivéssemos perdido todo o amor que havíamos descoberto — ela falou com voz débil.

— Nunca, minha querida — ele declarou com veemência. — Eu a amo. Amo tudo em você. Sua mente maravilhosa, sua vivacidade, seu coração bondoso, sua natureza ardente e apaixonada.

Ela inspirou devagar, enlevada; então um sorriso luminoso afastou suas últimas dúvidas.

— E quanto a meus pais malucos?

Adam não conteve o riso.

— Só posso amá-los e agradecer-lhes por terem criado você para mim. Continuaremos a nos relacionar com eles, porém os manteremos a uma distância segura, para não perturbarem nossa felicidade.

Sem que Adam esperasse, Addy atirou-se nos braços dele.

— Também o amo, Adam. Mais que tudo nesta vida.

Imensamente feliz por sentir o calor do corpo da esposa junto do seu, Adam enlaçou-a pela cintura.

— Reconheço que sou arrogante, enjoado e enfadonho; receio não conseguir sanar esses defeitos...

— Não! — Addy protestou. — Você não é nada disso. É um homem honrado, de grande valor, com grande senso de dever e responsabilidade. Um homem em quem se pode confiar. E são essas qualidades que me fazem amá-lo tanto.

O coração de Adam parecia querer explodir de orgulho e contentamento. Senhor, nunca havia imaginado que poderia ser tão feliz. E pensar que a felicidade estivera ao alcance de suas mãos durante meses e ele quase a perdera.

Afastando-se um pouco, olhou para a esposa com um sorriso provocante.

— Bom, há em mim um pouco de licenciosidade. Você gostaria de saber que gosto tem o pecado?

Addy dirigiu ao marido um olhar que era pura tentação.

— Prefiro um cavalheiro decente, mas, suponho que não seja difícil para esse cavalheiro convencer-me a experimentar um pouquinho desse gosto do pecado.

Sempre disposto a satisfazer o desejo de uma mulher, Adam imediatamente ergueu a esposa nos braços e levou-a para seu quarto.

— Aqui estamos. Agora, permita-me começar a apresentar- lhe meus métodos para convencê-la a provar comigo o gosto do pecado.

O vigário Humbly reconheceu que estava mesmo elegante.

Era verdade que havia demorado muito mais tempo do que o previsto para fazer com que Adam e Addy despertassem para o amor que existia entre eles em forma latente e devia aflorar. Chegara a haver ocasiões em que ele duvidara do sucesso de seu plano para que os amigos encontrassem a felicidade no casamento. Mas, no fim, o amor triunfara, como ele havia previsto.

Feliz, Humbly olhou para o casal de braço dado que estava de pé, no hall. Mesmo que quisessem, não conseguiam esconder o brilho de felicidade que lhes iluminava o rosto, ou os olhares furtivos que trocavam.

Realmente, ele desempenhara muito bem o papel de Cupido, o vigário reconheceu, satisfeito. Abaixando-se, pegou a pequena mala que estava perto da porta. O presente trabalho estava terminado e chegara o momento de concentrar-se na visita que iria fazer a Beatrice Chaswell e seu marido.

— O senhor tem certeza de que precisa ir? — Addy perguntou ao reverendo, ao vê-lo colocar o chapéu novo na cabeça.

— Sim, minha filha. Já me demorei mais do que devia. Abusei da hospitalidade de vocês.

— Não diga isso. O senhor é sempre bem-vindo. Foi um prazer tê-lo conosco. — Addy dirigiu-se ao marido. — Não é mesmo, Adam?

Ele olhou com carinho para a esposa antes de voltar a atenção ao sr. Humbly.

— É verdade, caro reverendo Humbly. Graças ao senhor nossa casa sofreu grandes mudanças. Para melhor.

O vigário abanou a cabeça e respondeu com modéstia:

— Se houve mudanças, estou certo de que o mérito não foi meu.

Adam dirigiu ao reverendo um olhar carregado de cumplicidade.

— Seja como for, devemos muito ao senhor, reverendo Humbly.

— Tudo o que desejo é que vocês continuem felizes como estão neste momento — tornou o vigário.

— Seu desejo será facilmente realizado — assegurou Adam.

Humbly não teve dúvida disso nem por um momento. O amor que o unia ao casal poderia levar ainda algum tempo para se aprimorar, mas tornava-se mais intenso e alegre a cada prova que eles tinham de vencer.

— Agora devo ir — ele falou com firmeza. — Tenho o pressentimento de que a Sra. Stalwart está tentada a jogar meus amados livros no fogo. E, quanto ao retrato, não se esqueça de enviá-lo à casa paroquial, minha filha.

— Assim que ficar pronto, eu o enviarei. — Addy abraçou o vigário. — Sentirei sua falta.

— Eu também. — Humbly afagou o rosto de Addy.

— Cuide-se, amigo — disse Adam.

— Sim, claro.

O vigário ia saindo para a calçada, onde a carruagem o esperava, quando a Sra. Hale apareceu apressada no hall com uma cesta,

— Um momento, reverendo Humbly.

Ele olhou para a governanta, curioso.

— Sim, Sra. Hale.

— Isto é para o senhor. — Ela entregou a cesta na mão dele.

— O que é isto? — Humbly aspirou o delicioso aroma que encheu o ar. — Hum... Tortinhas de limão?

— E fatias de presunto, pão e um vidro com leite fresco — acrescentou a governanta. — Não se pode contar com uma refeição decente em muitas dessas hospedarias da estrada, reverendo.

— Um presente muito generoso e certamente tornará a viagem mais amena. Obrigado, Sra. Hale — o vigário agradeceu com um sorriso afável.

Estava surpreso com a gentileza da governanta. Nas últimas semanas ela olhava para ele como se mal tolerasse sua presença naquela casa. Ele só podia pensar naquela súbita cordialidade como sinal de que a boa mulher estava contente com óbvia felicidade dos patrões ou apenas demonstrava que se sentia aliviada por livrar-se dele. Bom, qualquer que fosse o motivo, ele teria uma deliciosa refeição antes de retornar a Surrey e à sua dieta de sanduíches de pepino.

A Sra. Hale não parecia muito à vontade.

— Reverendo Humbly, espero que aprecie o lanche. E lhe desejo uma ótima viagem — disse ela e afastou-se depressa.

— Pelo que vejo, o senhor, finalmente, conquistou a simpatia da Sra. Hale — observou Addy, surpresa com a atitude da governanta.

— Ou talvez seja esta a maneira de ela dizer, indiretamente, que não tenho motivo para ficar para o almoço — o vigário brincou. — Seja como for, apreciarei o banquete. Deus os abençoe, meus filhos. Espero vê-los em Surrey.

Humbly, finalmente, dirigiu-se para a porta que o paciente mordomo mantinha aberta, e desceu para a calçada. O cavalariço ajudou-o a subir para a carruagem e acomodar-se no banco macio, revestido de couro. Em seguida, teve o cuidado de cobrir-lhe as pernas com uma pequena manta. O vigário colocou no colo a cesta de vime e levantou a tampa.

Um doce aroma encheu a carruagem. Ele pegou uma das tortinhas de limão, nem notando que os cavalos tinham iniciado a marcha.

Com um largo sorriso, mordeu o doce e fechou seus olhos, deliciado.

— Ah...

Fim... (deste livro, a série continua, nos CH 302 e CH 323)